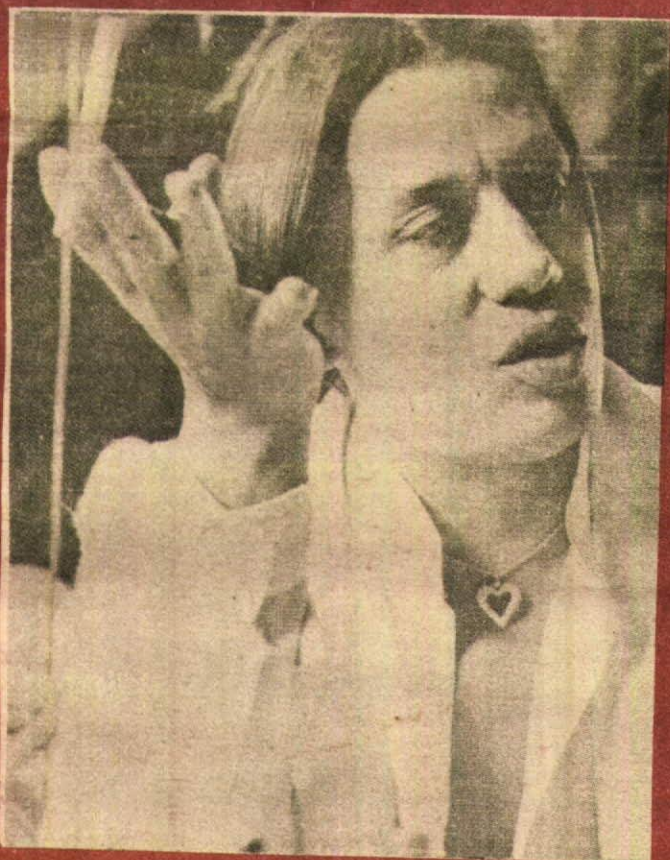
LAMPIÃO da esquina

Ano 1 — Nº 4 — 25 de agosto a 25 de setembro de 1978 — Cr$ 15,00

Leitura para maiores de 18 anos

TRAVESTIS!

(Quem atira a primeira pedra?)

CLODOVIL HERNANDEZ

ou: quem deve dormir sobre os nossos lençóis de linho

CONFISSÕES DE UM OBJETO SEXUAL

■ LEMBRANÇAS DE CARMEM MIRANDA

UMA PASSEATA EM SAN FRANCISCO: 240 MIL GUEIS

■ APRENDA O VERBO: É TRAVOLTEAR

■ DEU A LOUCA NA EMILINHA

■ NEGROS PROTESTAM EM SÃO PAULO

CONHEÇA CAVAFI, O POETA GREGO

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

LAMPIÃO

Conselho Editorial: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva.

Colaboradores: Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Nica Bonfim, Zsu Zsu Vieira, Lúcia Rito, José Fernandes Bastos, Regina Rito, Henrique Neiva, Leila Mícolis (Rio); José Pires Barroso Filho, Paulo Augusto, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Matoso, Celso Cúri, Caio Fernando Abreu, Jairo Ferreira, Edélcio Mostaço (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Beto Stodieck (Florianópolis); Alexandre Ribondi (Brasília); Sandra Maria C. de Albuquerque (Campina Grande); Polibio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Max Stoltz (Curitiba).

Correspondente: Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armanc de Fluviá (Barcelona).

Fotos: Billy Aciolly, Maurício S. Domingues, Regina Rito (Rio); Dimas Schtini (São Paulo) e arquivo.

Arte: Jo Fernandes, Mem de Sá, Patrício Bisso, Hildebrando de Castro.

Arte Final: Gilberto Medeiros Rocha.

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. CGC: 29529856/0001-30; Inscrição estadual 81.547.113.

Endereço: Caixa Postal 41.031, CEP 20.241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento 189/203, Rio. **Distribuição,** Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente. Rua da Constituição, 65/67. São Paulo: Paulino Carcanhetti; Recife: Livraria Reler; Salvador: Literarte; Florianópolis: Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; Belo Horizonte: Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre: Coojornal; Teresina: Livraria Corisco; Curitiba: Ghignone.

Assinatura anual (doze números): Cr$ 180,00. Assinatura para o exterior: US$ 15.

Uma questão de objetividade

Um cavalheiro veio a público, pelas páginas de política editorial do New York Times, tranqüilizar a opinião pública americana, ante um fenômeno que diz estar-se alastrando pelo país (1): as mesmas comunidades que há um ano ou dois aprovaram leis contra a discriminação anti-homossexual ("anti-gay discrimination") estão agora voltando atrás, em votações mesmo.

O motivo da mudança de opinião dos eleitores é duplo: "Deus os desaprova" ou "eles estão atrás de nossos filhos" (ELES, naturalmente, os homossexuais). Nosso cavalheiro não tem dificuldade em descartar o primeiro argumento, mostrando muito delicadamente sua irracionalidade: "Como não estou muito certo do que Deus pensa, acho quase impossível ponderar com pessoas que sabem o que Ele pensa." A esta América meio bronca, que ainda precisa ser informada de que "bem mais da metade da população masculina americana" teve na infância contatos homossexuais, ele não tem muito o que dizer. O seu recado é endereçado a parcelas menos obscurantistas da população, mas que ainda assim acreditam que a homossexualidade não é uma prática desejável, e, pior ainda, pode alastrar-se por contágio.

Toda a parte inicial de seu texto dá a impressão de que Robert Claiborne, o cavalheiro em questão, não se assusta realmente com este "contágio". Colocando em pauta sua experiência pessoal, ele sensibiliza de cara para a franqueza e a coragem da posição que logo em seguida deverá tomar. Mas já a esta altura faz uma distinção que pode parecer relevante no contexto do problema colocado, mas na verdade trai uma concepção equivocada. Diz ele: "Se contato com homossexuais e/ou sedução por eles podem transformar um menino heterossexual num homem homossexual, eu seria tão queer (viado) quanto a proverbial nota de três dólares. "Cabe perguntar se os meninos de 11 anos — idade em que diz ter sido "seduzido" por um mais velho — já podem tão nítida e definitivamente ser considerados homo ou heterossexuais, quando ainda não desenvolveram, justamente, sua prática e experiência sexual.

Depois de manter durante um ano relações homossexuais com vários garotos de sua idade, ele voltou seu interesse, aos 15, para as meninas. Casou-se enfim e tem, com a mulher, amigos homossexuais, pelos quais seu interesse erótico equivale ao prazer gastronômico que lhe despertaria a oferta de um "sanduíche de papelão torrado com serragem".

Como é sincero, equilibrado e edificante tudo isso, pensa com seus botões um leitor nova-iorquino mais distraído. No momento em que um bando de bárbaros, no país inteiro, tenta impor a reação no terreno dos costumes, um intelectual se manifesta pela página nobre de um jornal de circulação internacional, contra a tentativa. Acontece que o seu liberalismo é o daquela espécie que dá nome a tudo, como quem não tem preconceitos, mas precisa de um falso distanciamento moral e psicossocial para forjar uma carapaça de equanimidade e justeza. É a assepsia da objetividade burguesa.

Para coroar o impacto de infabilidade sobre o leitor, o fetiche supremo, a "ciência". Primeiro, um argumento a refutar: a preferência sexual não é ambígua e ainda informe na primeira idade, nem "determinada inteiramente pelo meio em que a criança cresce" (e nisso está contradizendo, como faz questão de lembrar, as posições antagônicas de muitos homossexuais e dos "mais ferozes anti-gays"). Em seguida, a afirmação categórica: "A heterossexualidade está incrustada nos gens humanos, como nos de todos os outros animais superiores. Os homens sentem a atração pelas mulheres, e vice-versa, pelas mesmas poderosas razões evolutivas que os fazem sentir-se atraídos pela água quando têm sede e pela comida quando têm fome. "Sem isto, prossegue, "a raça humana há muito teria perecido, de sede, fome ou falta de reprodução".

Quem tem um mínimo de notícia do debate sobre a necessidade de perpetuação do patriarcalismo, de certas estruturas de poder e formas de produção, sabe como este argumento tem servido para abafar as tentativas de enxergar mais clara e livremente o problema. O panfleto do NYT parece dizer que não há motivo para discriminar ou temer homossexuais. Mas na verdade — e aqui é bom lembrar a distinção feita no início — divide a humanidade em dois setores eternamente dados e diz que não se deve temer nem muito menos discriminar os homossexuais.

Esta entidade — os homossexuais — imóvel por excelência, eu não tenho o prazer de conhecer muito concretamente. Minha experiência e as estatísticas me mostram que, se existe uma gradação, é a que leva ininterruptamente do homossexual exclusivo ao heterossexual exclusivo. O que importa, no caso, não são as razões ancestrais que porventura determinem a atração bi-sexual, mas as razões existenciais e históricas que contribuíram para a escolha em diversos graus livre e consciente de cada indivíduo. Colocando-se assim as coisas, é fácil ver que mesmo quem durante a vida toda pratique exclusivamente a homossexualidade teria, hipoteticamente, a possibilidade prática de mudar o rumo de sua história pessoal e se realizar na heterossexualidade (ou vice-versa). Tão discriminatório quanto o horror aos homossexuais é a necessidade de enquadrá-los — seja lá como for, estatística ou geneticamente — para pregar a "tolerância". Eis porque não é positiva e aberta, mas negativa e preconceituosa a "solidariedade" do senhor Claiborne.

Se me abalei aqui a comentar esse texto, vizinho de página do importante senhor James Reston, foi porque, sem dúvida nenhuma e antes de tudo, o tom, as conclusões e a argumentação devem ser os preferidos de muita gente boa. Mas tanta ira não se justifica apenas por um artigo de evidentes boas intenções, e que simplesmente escorrega para uma premissa a-histórica falsamente científica. Os mais ferinos poderão inclusive ver nisso um despeito de homossexual que paranoicamente vê repressão em toda parte, ante o depoimento de alguém que passou para o outro lado, o mais confortável. É é aqui que eu entro alegremente pelo terreno pessoal e confesso uma contradição. (Não sem lembrar que o liberalismo altaneiro de Robert Claiborne dificilmente deixará de esconder uma boa dose de sombrio conformismo: veja-se como ele se sente confortável em enterrar definitivamente no passado, com explicações, uma experiência vital.)

Pelos meus 16 anos, quando a solidão, a falta de esclarecimento e o medo me levaram a um consultório, bastante respeitado no Rio de Janeiro e mesmo no Brasil (o homem assessora hoje o Governo Federal num projeto de lei), ouvi de sopetão, como resposta às minhas dúvidas angustiadas, que a homossexualidade tem causas genéticas. É importante saber que a "consulta" não durou mais que 10 minutos, o suficiente para eu sair da sala atordoado com a impressão de que nada mais tinha a fazer na vida senão arrastar nas costas o peso de um determinismo incontornável e, a meus assustados olhos, vagamente aviltante.

Pois não é que, para tentar explicar os "desvios" à tal norma ancestral da atração homem/mulher, o senhor Claiborne diz "suspeitar" de que a homossexualidade "pode ter alguma coisa a ver com um distúrbio hormonal durante a vida pré-natal"? Voltei então a me ver com a voz incomodamente fina, contando ao tal terapêuta como minhas cadeiras excessivamente largas me obrigavam a refazer todas as calças. E cheguei à conclusão de que talvez seja até bom que um panfleto dos mais autorizados do sistema chame a atenção para esta realidade: as pessoas gostam de ter na cabeça a idéia reconfortante de que os homossexuais são uma categoria muito especial em "direitos humanos". Não é tanto o que sinto entre amigos, por exemplo, mas é o que parece estar no ar, como demonstra o panfleto de um jornal que é exemplo de reflexo majoritariamente fiel da opinião americana. Ora, não são meus amigos que me discriminam, mas as pessoas que não me conhecem, aquelas que podem ter de mim está idéia abstrata, imprecisa, generalizante. É assim que se configura, "negativamente", meu pertencer a uma espécie de classe superestrutural, exatamente o que o bom senso deveria mostrar que os homossexuais não são.

(1) Robert Claiborne, Who's Afraid of Gays?, The New York Times, 14/6/78.

Clóvis Marques

Não seja tão boba, Darling!

Estava outro dia (à noite) numa dessas reuniões sócio-artístico-intelectuais, onde os convidados são escolhidos "pela inteligência, personalidade, beleza ou audácia", ao lado de variadíssima mesa de queijos e copo de "rouge" importado nas mãos. A conversa era sobre homossexualismo em geral e LAMPIÃO em particular. Foi quando uma escritora minha amiga, de ótima aceitação na praça, saiu-se com uma afirmação tão superficial que, se a Wilza Carla entrasse voando pela janela, não teria causado mais surpresa.

Escritora: "Acho errado publicar um jornal como LAMPIÃO. Afinal vocês todos (referia-se aos homossexuais do conselho consultivo e colaboradores) são jornalistas, escritores, intelectuais ou artistas, trabalhando em vários meios de comunicação ou dispondo deles ou com acesso a eles, não precisando portanto de veículo especializado para expor idéias que, englobadas assim num jornal, só aumentam a discriminação."

Darling, como você é ingênua!... Somos aceitos nos outros veículos pela nossa capacidade profissional que — apesar de sermos homossexuais — é também útil ao sistema. Portanto, são eles que nos usam e não o contrário. Nossa opinião é aceita desde que não contradiga as normas: dão-nos às vezes umas colheres de chá e com elas conseguimos encher até pratos de sopa, mas se transbordarmos e sujarmos a toalha... já viu, não é? Você acha, por exemplo, que tudo isto que temos dito e continuaremos dizendo nas páginas de LAMPIÃO teria vez na imprensa hetero? A palavra "homossexualismo" e suas decorrentes chegam a ser proibidas ainda em alguns jornais. A citação "lésbica" foi cortada no artigo de um dos nossos colaboradores para um tablóide da imprensa alternativa. Vários desses mesmos tablóides que se apregoam contrários ao poder estabelecido, portanto vanguardistas políticos, negam a vez e a participação aos assuntos sexuais "por não serem prioritários"; e assim por diante. As excessões são abertas mas a serviço do machismo ou quando ajudam no faturamento, porque homossexualismo também virou consumo: "HOMOSSEXUAL atropelado quando atravessava a rua", "cachorro de HOMOSSEXUAL investe contra deputado", "ANORMAL tenta seduzir o rapaz e é agredido", etc., etc..

Ainda achamos que a melhor forma de se respeitar a integridade alheia e de se fazer respeitado é expor às claras as próprias verdades. Tínhamos então o ideal e a coragem, mas faltava-nos o veículo, até que LAMPIÃO criou essa possibilidade para nós e para os milhares de outros de quem esperamos ser este jornal um porta-voz. Portanto, darling, aqui estão algumas das muitas razões de LAMPIÃO ter sido aceso, no momento exato e necessário.

Darcy Penteado

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

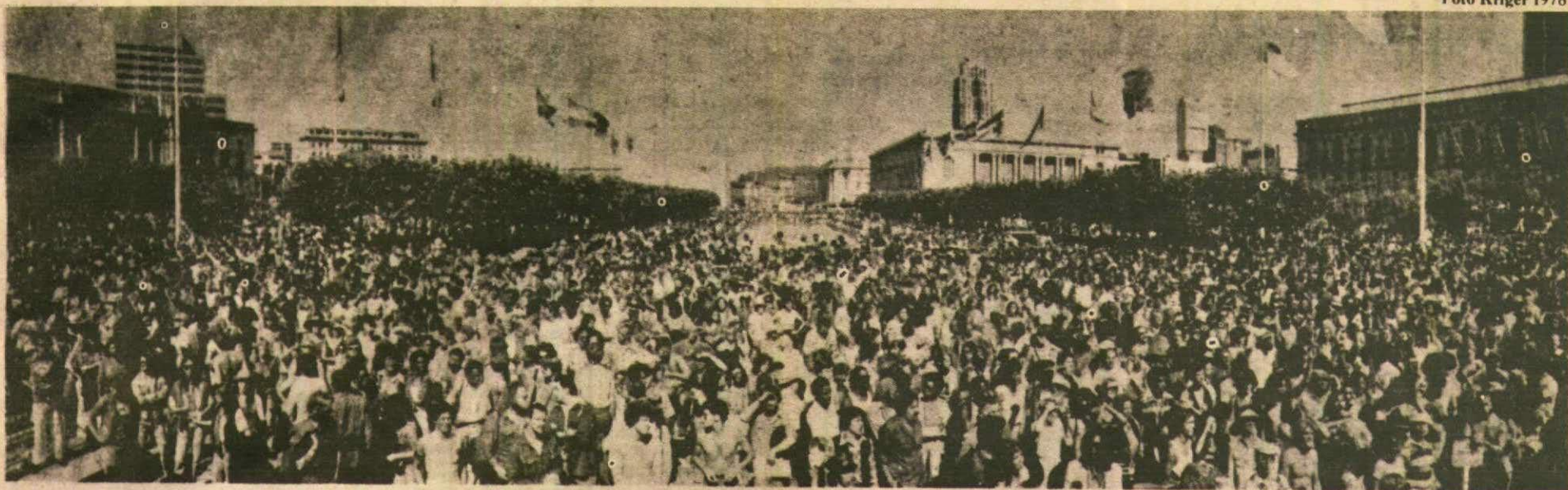
Foto Kriger 1978

Passeata guei reúne 240 mil

Foto Jessica Collett 1978

"A maior concentração **gay** de toda a história americana": é assim que o San Francisco Bay Times fala da passeata que, em San Francisco, encerrou a Semana do Orgulho Gay, realizada de 14 a 25 de junho. Segundo os cálculos da polícia, a marcha reuniu cerca de 240 mil pessoas, numa manifestação que, de acordo com o programa oficial da Semana, serviu para marcar o Dia da Liberdade Gay americano. Foi a sétima vez que os homossexuais norte-americanos realizaram, em vários pontos do país, esta semana, que teve outra vez em San Francisco o seu ponto alto. Tanto que o programa oficial do evento naquela cidade começa com uma mensagem do prefeito aos entendidos, na qual ele se diz orgulhoso de recebê-los mais uma vez.

Nanico americano que nasceu à mesma época que LAMPIÃO, o San Francisco Bay Times nos mandou todo o material sobre a Semana, inclusive as fotos que utilizamos. Segundo o noticiário que aquele jornal publicou sobre o assunto, aproximadamente um quarto da população local, entre homens e mulheres de todas as idades, raças e orientações sexuais, ocupou a Market Street, principal rua da cidade, no dia 25 de junho, para comemorar a sétima celebração anual do Gay Freedom Day.

A multidão formou uma enorme procissão que partiu das ruas Spear e Market às 11h15min. E antes das 15h30min chegou à praça do Civic Center, a Prefeitura, onde tinha sido armado um palanque especialmente para as autoridades e os que iam falar na ocasião. Por toda a praça, mais de 100 barracas e **stands** vendiam desde comida a livros, numa vasta feira em que **gays** e **straigts** confraternizavam. Sobre o palanque, antes de iniciados os discursos, um grupo de artistas entretia a multidão, até que o comediante Pat Bond chamou o primeiro orador, enquanto o cômico Robin Tylor gritava junto com a multidão: "Nós estamos em toda a parte".

Coube a Eleonor Smeal, presidente da Organização Nacional para Mulheres, fazer o primeiro discurso. Enquanto os oradores se sucediam, bandeiras imensas flutuavam no ar. Cartazes com mensagens era também erguidos e, por todos os lados, faixas enormes ostentavam o lema oficial do Dia da Liberdade Gay: **"saia para a rua com prazer e grite por justiça".**

Depois de Eleonor, o **supervisor** da cidade de são Francisco (cargo que não tem equivalente nas capitais brasileiras, já que ele é escolhido em eleições diretas), Harvey Milk, também falou. Ele ressaltou o fato de que os gueis ali estavam com seus parentes, vizinhos e amigos, e pediu ao Presidente Jimmy Carter que tomasse uma posição contra o ódio, o fanatismo (uma alusão a Anita Bryant) e a loucura. E anunciou a marcha nacional pelos direitos do homossexual, a ser realizada em Washington, no próximo ano, no dia da independência dos Estados Unidos, 4 de Julho. Segundo o jornal, esta foi a primeira vez que um político eleito pelo povo assumiu publicamente uma atitude ostensiva de apoio à luta dos homossexuais pelos seus direitos. Harvey Milk disse:

— Por quanto tempo, Jimmy, teremos que esperar até que você fale pelos direitos humanos de todos os americanos? Quanto dano deve ser causado e quanta violência deve ser praticada antes que você fale sobre as necessidades de 10 a 20 milhões de seus compatriotas? A história nos diz que o povo guei algum dia ganhará a liberdade. A única pergunta é quando? Jimmy, você pode apressar as páginas da história. Até que você o faça, para estes americanos será apenas Jimmy; mas quando concretizar este fato, será também o presidente deles e um verdadeiro líder na luta pelos direitos humanos.

Apesar da multidão que levou à rua, o Dia da Liberdade Gay foi uma das festas mais pacíficas já realizadas em São Francisco. De acordo com as estatísticas policiais, oito pessoas foram hospitalizadas durante a passeata, índice considerado muito pequeno em relação ao número de manifestantes.

Eis a proclamação do prefeito de San Francisco, expedida durante a Gay Pride Week:

"Estou orgulhoso em saudar a celebração da Semana do Orgulho e a passeata em comemoração Ao Dia da Liberdade Gay. A diversidade da população de São Francisco tem sido reconhecida como a maior fonte do seu dinamismo e originalidade. O respeito para com a nossa cidade tem sido mostrado por esta diversidade a qual serve como um modelo para ilustrar a liderança na nação e através do mundo.

"O novo decreto lei aprovado em San Francisco, o qual impede a discriminação com base em orientação sexual, é uma afirmação importante desta grande tradição. Eu tenho orgulho por ter transformado esta medida numa lei.

"A preocupação dos cidadãos de nossa cidade pela extensão da igualdade de direitos a todas as pessoas está muito evidente nesta Semana do Orgulho e também no Dia da Liberdade Gay, 25 de junho. Por esta razão é que nós celebramos a cultura, e a contribuição cívica e econômica que os cidadãos da comunidade gay trazem a nossa cidade."

"Também estou honrado em saudar este acontecimento anual, tanto a celebração feita aqui como a que é feita através da nação. Não devemos esquecer que este país foi fundado com a noção de que todos os homens e mulheres são criados igualmente, e que o respeito por esta liberdade e igualdade é a origem do poder duradouro da nossa nação. George R. Mascone, Prefeito"

Tradução e adaptação de Adão Acosta

GY ANTIGUIDADES

Galeria Ypiranga

Molduras

Feitas com arte, carinho e sensibilidade

Máscaras decorativas

De inspiração africana. Máscaras para teatro e dança executadas por artista especializado

Móveis coloniais maciços - Oratórios

Floreiras - Apliques - Porta-jóias - Etc.

Galeria Ypiranga de Decorações Ltda.

Rua Ipiranga, 46 (Laranjeiras), Rio de Janeiro — 205-9811

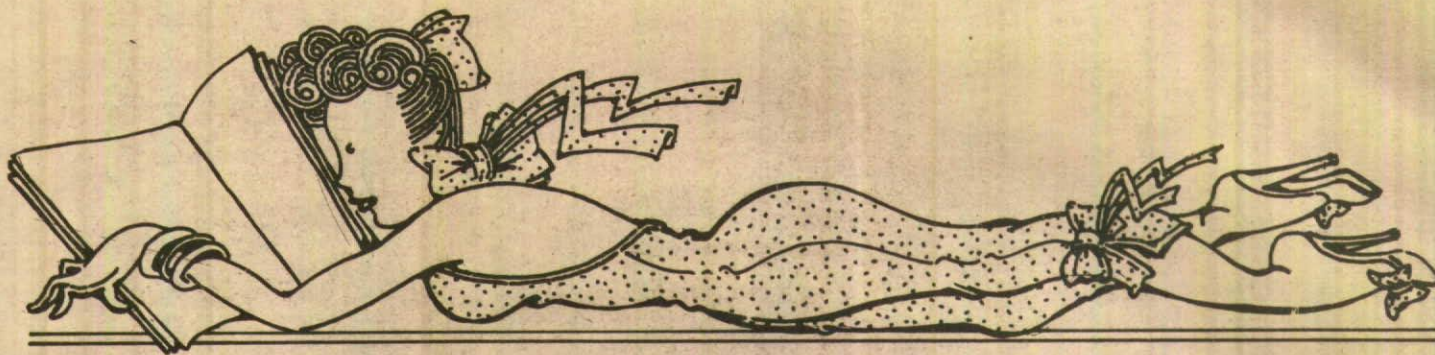
— 225-0484

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Apresentando Patrício Bisso

Como jornalista e como crítico trabalhei durante 12 anos no mundo das artes e dos espetáculos. Conheci uma carrada de escritores, músicos, atores, artistas plásticos. Mais as variações: cantores, cartunistas, diretores, cenógrafos, câmaras, compositores etc. Conheci também uma porção de gente encarregada de informar o público sobre o trabalho de toda essa gente: jornalistas. E entre esses, os profissionais que apreciam o trabalho criador: os críticos.

Não, à míngua de artistas, jornalistas e críticos esse país não falecerá jamais. Tem a dar com o pau. Agora: nesses anos todos no ramo, gênios mesmo, eu vi poucos. De tantos atores e atrizes, qual deles mesmo que me arrepiou? Dos quilômetros de filmes que eu vi no cinema e na televisão, quantas cenas relembro? A mesma coisa nos livros, na música, nos traços da pintura, do desenho, da charge, da gravura, da foto.

Não estou falando do mundo, estou falando do Brasil: poucos me arrepiaram. Assombraram. Transbordaram as medidas. Poucos me deram a sensação do momento pleno, irretocável, absoluto, acabado, da criação. Bem, talvez a culpa seja minha, ou porque não soube apreciar, não li bastante, não vi tanta peça assim, minha cultura geral tem lacunas vexaminosas. Mas o que importa, pelo menos aqui e agora, não é falar de meus êxtases, mas de quem me provocou um deles. Patrício Bisso, artista de cena e de traço. Ele desenha muito bem e no palco é uma loucura. Pode-se perfeitamente pegar a razão e botar ela pra jambar se o negócio é falar do Bisso desenhista. Já o Bisso ator não dá pra descrever: só vendo. É uma coisa tão sem igual, tão maluca, tão engraçada, que qualquer descrição resulta babaca, inútil.

Os leitores de Lampião terão Patrício Bisso. Ótimo para os leitores de *Lampião*. Bom então ficar sabendo algumas coisas sobre esse moço cujo trabalho provavelmente irão amar. Ele é argentino de Buenos Aires e tem 21 anos. Mora no Brasil (São Paulo) há quatro. Fala português direitinho, modulado pelo cantadinho portenho que não perdeu. A cabeça está sempre a mil. Às vezes fala sem parar e seus solos são alucinadamente criativos. O teatro é sua paixão. Seu assunto, portanto. Ele está sempre falando do que gostaria de fazer em cena ou do que está eventualmente fazendo. E em Patrício Bisso o verbo fazer significa exercitar, simultaneamente, seus talentos de ator, de figurinista, de cantor, de cenógrafo e, como boa e malvada estrela, de diretor, mesmo que haja o nome de outro diretor na ficha do espetáculo.

Patrício Bisso é no teatro o que o Coutinho queria que seus jogadores fossem em campo. Joga em várias posições, não se estrepa em nenhuma e brilha em diversas. Já seria demais para um sujeito só, mas Patrício Bisso ainda encontra tempo para desenhar — o que, como se verá em *Lampião*, também sabe fazer.

Agora, a figura. Gordinho, branquelo, cabelo escovinha sempre muitíssimo mal cortado, verdadeiros caminhos de rato. O cabelo do Patrício Bisso é sempre uma coisa chocante. As roupas eu também acho meio esquisitas. Umas roupas folgadonas, largonas, excesso de panos, muito bege. Um dia nós fomos à praia. Ele incomodadíssimo, odiando o sol. Para proteger suas alvíssimas costas, envergou uma medonha camisa cáqui e, enquanto esteve na areia, sentado ou zangado, xingou e botou defeito em tudo.

Foi só essa vez que achei Patrício Bisso desagradável. Deve ter sido a canícula. Aqui em São Paulo, sempre que a gente se encontra, rimos demais. Apesar de adorar um solo, ele também é bom de prosa, sabe conversar, é inteligente nas perguntas e nas respostas.

Eu acho o rosto dele bonito.

Seu primeiro trabalho no teatro no Brasil foi na peça "Ladies na Madrugada", de Mauro Rasi, estreado em 74 em São Paulo. Ele fazia o papel de Evita Péron, com vestido branco rodado, faixa presidencial e tudo. Depois se apresentou num mini-show, meio pobrezinho, no Gay Club de São Paulo, para depois estrelar, sozinho, "Perfume de Gardênia", um show que até excursionou. No Rio, ficou acho que três dias no Teatro Ipanema e não agradou não. Já em Belô, eu testemunhei, foi um sucesso.

Como se vê, a folha de serviços do rapaz não é longa. Mas é preciso não esquecer que ele fez tudo isso dos 17 aos 20 anos. Durante os quais tornou-se também ilustrador contratado do "Jornal da Tarde" e colaborador de agências de publicidade e de uma porrada de revistas e jornais que fica um saco enumerar. Mas é daí que ele tira a grana pra viver. E pra montar seus espetáculos, porque até hoje só uma pessoa, ele, apostou uma soma decente nele. A vós, Patrício Bisso.

José Márcio Penido

História da imprensa baiana

Corro a defender **Little Darling** e **Tiraninho**, que José Alcides Ferreira rejeitou como produção de "uma camarilha machista, que só consegue se impor através do ridículo, da vulgaridade e do **beautiful people** indigesto do Sr. Anuar Farah e Cia." (LAMPIÃO nº. 2). Não duvido, não, que a maioria das coisas que se produz numa sociedade basicamente machista carregam a mancha. Não duvido tampouco que a antiga distinção entre **bichas** e **homens** diz muito a respeito da dominação dos homens sobre as mulheres na cama e na vida cotidiana. Mas acho cruel e preconceituoso simplesmente descartar o trabalho jornalístico de um verdadeiro pioneiro como Waldeilton di Paula, o responsável pelos jornais **Fotos e Fofocas**, **Baby**, **Zéfiro**, **Little Darling** e **Ello** ao longo dos últimos 16 anos.

Tive a oportunidade de entrevistar Di Paula no seu apartamento ensolarado da Rua Carlos Gomes, em Salvador, no mês passado, e fiquei impressionado com o seu trabalho jornalístico e com o fundo de dados históricos que uma leitura desses jornais verdadeiramente **underground** pode revelar a quem se interessar pela **realidade** da vida homossexual deste país.

Di Paula nasceu em Alagoinhas em 1942 e mudou para Salvador 13 anos depois. Logo entrou na profissão de bancário que segue até hoje. "Naqueles tempos a gente vivia muito fechado, porque não podia ter liberdade de expressão, viver publicamente e ser aceito pela sociedade. Então, isso tudo nos obrigou a criar vínculos. Então a gente se reunia em apartamentos, nas praias, não tinham bares, boates e outras coisas. A gente utilizava a natureza como ponto de lazer nas noites".

Formaram-se, então, vários grupos bem fechados tais como os VIDs (Very Important Dolls), Carimbós e Os Intocáveis. "Com essa coisa toda, comecei a fazer os murais... com os desenhos. Todo mundo lia e satirizava os acontecimento e os personagens. Agradava muito. Então, comecei a fazer um jornalzinho precariamente limitado a falar sobre a sociedade guei do nosso grupo, e ganhando uma estrutura econômica. Comecei a trabalhar. E assim fui promovendo reuniões em minha casa e nas casas dos amigos. O jornal foi crescendo". Era o **Fotos e Fofocas**, de exemplar único ("O primeiro jornal a cores no país"), e circulava de mão em mão, voltando finalmente ao seu ponto de origem, de tal modo que, hoje, Di Paula possui um vasto arquivo, cheio das fofocas e das fotos, todas desenhadas em lápis colorido por ele próprio, que dizem respeito à vida deles ao longo dos anos. **Fotos e Fofocas** transformou todos os membros do grupo em mulheres "finíssimas", que eram vistas descendo de aviões transcontinentais, participando de coquetéis refinadíssimos ou simplesmente posando para a "câmara" dos lápis do Di Paula.

Numa situação de forte repressão Di Paula conseguiu produzir "um elemento de ligação e união, além da informação. Era uma forma de expressar a nossa realidade". O jornaleco saía quinze em quinze dias. "Estava com sangue quente. Tinha que fazer tudo isto a todo instante para movimentar a turma.

Fotos e Fofocas durou até *1967*, quando apareceu o **Zéfiro**, que já era datilografado. Em 1968 veio à luz **Baby**, não só batido a máquina, mas também com tiragem de 50 exemplares pelo xerox. Em 1970 apareceu **Little Darling**, assim chamado porque naquela época Di Paula namorava um garoto na aula de inglês que recebeu do mestre esse apelido descritivo.

COISA CAFONA

Little Darling já era bastante diferente dos seus precursores, pois além das fofocas de turma, veio a incluir crítica de teatro e de cinema, sobre os acontecimentos do "mundo guei" fora da Bahia e do Brasil e informes que Di Paula achava importante, mesmo não tendo a ver com a homossexualidade em si. **Little Darling** tinha tiragem de cem exemplares.

A mais recente metamorfose da produção jornalística de Di Paula aconteceu este ano, depois que ele recebeu a visita do "Papa da homossexualidade", Winston Leyland (vide LAMPIÃO Nº 2). Este, do topo do seu trono papal, achou o título **Little Darling** um tanto ou quanto cafona. "Andei fazendo pesquisas com alguns leitores e achei que mudar para **Ello** era uma boa; como um saldo médio entre ele e ela. Mas estou arrependido. Todo mundo está me cobrando **Little Darling**".

Ello já está muito distante do primeiro **Fotos e Fofocas**. Tem um ar bastante profissional e contém matérias das mais diversas. Ainda tem espaço para as fofocas (**Tira Nela**) e uma coluna social do Rio de Janeiro escrita pelo Anuar Farah. Mas também inclui uma coluna fascinante chamada "A Primeira Vez", onde pessoas contam das suas primeiras experiências sexuais, e informações sobre o mundo artístico, crítica de teatro e cinema, material sobre Winston Leyland e sobre a morte de Charlie Chaplin.

TRANSFORMAÇÃO

Sem entrar em mais detalhes, é claro que as transformações notadas de **Fotos e Fofocas** até **Ello** representam as grandes trasformações ocorridas na vida homossexual da Bahia. Há 16 anos tudo se desenvolvia atrás de portas fechadas, dentro de pequenos grupos articulados para desenvolver uma vida sexual que não sofresse das incursões da repressa exterior. Os membros desses grupos eram imaginados, nas **fotos**, como mulheres deslumbrantes, pois "na mentalidade dessa época, só se via guei de travesti. Eu imaginava. Um filho de deputado e membro do nosso grupo realmente chegou de avião de uma viagem, mas não botei ele de calça e camisa, e sim de vestido".

Segundo Di Paula, seus jornais se desenvolvem para acompanhar o progresso. "Hoje a mentalidade é outra. E tem a liberdade enorme que nós não tínhamos antigamente, né? Nos carnavais éramos todos mascarados, não tínhamos coragem de mostrar a cara. Hoje, na Praça Castro Alves, todo mundo faz o que quer, abertamente e com o apoio de todo o mundo, com cobertura da polícia. Foi a década de 70 que trouxe esta renovação. Está relacionado com o movimento tropicalista de Caetano Veloso. Acho que esse pessoal todo é que criou uma abertura maior. O tropicalismo é um reflexo do movimento guei, com certeza. Essa abertura é um movimento universal. No mundo inteiro.

O próprio Di Paula também mudou: "Eu, na minha adolescência, pensava em sociedade, em fofoca; aquela coisa mais social. Hoje, mais maduro, vejo que tem muita coisa importante para se pensar, para pesquisar, saber as origens, buscar as raízes. Assim que a gente muda. Naquele tempo achava lindo fazer um desfile de **miss**. Hoje, se eu fizer um desfile, como faço, é uma sátira".

Pode-se não gostar do que Di Paula faz; pode-se achar que ele contribui (involuntariamente) com a campanha da Sociedade de Proteção ao Machismo; mas o importante é que ele fez alguma coisa em prol da sua própria libertação e para a libertação dos outros. Além disso, creio que as transformações na sua imprensa representam transformações no contexto social onde ela foi produzida; transformações essas que levaram à possibilidade de se lançar LAMPIÃO. Viva a heterogeneidade. **(Peter Fry)**

Nossas festas no Sul

A 28 de julho, no restaurante *Lananeide*, deu-se o lançamento do nº 3 do LAMPIÃO, em Florianópolis, organizado por Beto Stodieck, do jornal *O Estado*. Dos quatro até agora realizados, esse distinguiu-se pelo ineditismo. Os convidados chegavam, perguntavam pelo anfitrião, ouviam, atônitos, que ele ainda não aparecera, esperavam um pouco e iam-se embora, uns mais, outros menos indignados.

No dia seguinte fui tomar um chope no bar *Escova*, um dos lugares descontraídos da antiga Desterro. Todos comentavam a ausência do Beto, que, lá, é muito popular. Dizia-se que a mãe, Mme. Stodieck, vira-me no assistidíssimo programa de televisão do Celso Pamplona — o único ao vivo e a cores na capital catarinense —, e, depois disso, proibira o filho de comparecer ao lançamento por ele patrocinado.

A história parece-me típica do *humor* ilheu; dá margem a diversas interpretações. Fica-se na dúvida se o boato visava ao Beto ou a mim, pois eu — ao saber que não deveria empregar a palavra *homossexual* ao falar sobre LAMPIÃO na televisão —, resolvi considerar que a roupa seria a mensagem, e talvez tenha exagerado na indumentária.

De qualquer forma conseguimos boa publicidade em Florianópolis; participação no programa de maior audiência da TV-Cultura, três notas em jornais locais e entrevista no melhor e mais lido semanário de Santa Catarina, o *Bom-Dia, Domingo*, editado por Luiz Lanzetta, no meu entender, um dos jornalistas mais inteligentes do País. Além disso, Álvaro Machado de Oliveira, da AMO Distribuidora, convenceu a totalidade das bancas centrais daquela cidade a vender e a exibir bem a vista o nosso jornal.

Em Curitiba, dirigindo a promoção do alto do seu apartamento de cobertura de 500 m², o advogado Max Francisco Stolz Neves soube convidar a gente de certa para o lugar certo e, assim, dia 31 de julho, na boate *Celso's*, no lançamento do nº. 3 do LAMPIÃO, confraternizaram cerca de 200 pessoas: industriais, comerciantes, atores, diretores teatrais, jornalistas, cabeleireiros os e os mais guapos moços do Paraná.

Graças aos esforços do nosso patrocinador e a eficiente colaboração do Nelson Faria, da *Gazeta do Povo* e das revistas *Peteca e Personal*, a cobertura da imprensa curitibana excedeu as expectativas. Explicação: as fotografias dos dois lançamentos não são aqui publicadas porque, em Florianópolis, o fotógrafo seria levado pelo organizador do coquetel, que não compareceu à festa. Em curitiba, no *Celso's*, esteve um profissional com a máquina em punho, batendo diversas chapas, mas, na manhã imediata, quando fui apanhá-las, ele informou tê-las perdido. Na Rua das Flores, porém, comentava-se que haviam sido compradas, a alto preço, por um conhecido comerciante, o qual, por acaso, fora fotografado junto ao grupo *lampiônico* e, não por acaso, *esquecera* a esposa em casa. (*João Antônio Mascarenhas*)

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Não me espreme que eu sangro!

"... e tem jornal popular que nunca se espreme porque pode derramar..."
TOMZÉ, **Parque Industrial**

No nº 3, Aguinaldo Silva avisa que Lampião pretende responder a certo tipo de provocações que pintam na imprensa, particularmente as particularizados e achincalhes do PASQUIM. Tudo bem. Já é tempo de alguém lhes dar o troco no mesmo tom e estilo "irreverente e criativo" que tanto "inovou" a imprensa brasileira.

No mesmo nº. 3, o Alceste Pinheiro dá um 'alto lá" no JB, cujo cronista esportivo, no melhor estilo "tão bom quanto verdadeiro", cita a homossexualidade como um agravante da incompetência (dos futebolistas). Tudo bem. Alguém precisa alertar as pessoas sobre o uso **discriminado** (ou pior, **incriminado**) do termo "homossexual" por parte de profissionais da imprensa.

Acontece que existem imprensas e imprensas. Enquanto a gente vai conferir os desconchavos do noticiário esportivo do JB ou as fajutices personalizadas da seção de cartas do PASQUIM, quem é que lê e noticia diariamente as barbaridades de um outro jornal carioca, O DIA? E vou mais longe: quem é que toma conhecimento do que se passa nas páginas do jornal paulista NOTÍCIAS POPULARES? Quem é responsável por aquelas coisas?

Que coisas? Façamos uma amostragem. Em oito dias, só no mês de julho, NOTÍCIAS POPULARES estampou manchetes de primeira página envolvendo homossexuais, das quais seis eram destaque principal da edição. São as seguintes: "Homossexuais seqüestram 2 irmãos em SP" (dia 11); "Mãe acha que travestis mataram um dos filhos" (dia 12); "Homossexual é suspeito de ocultar um crime" (dia 13); "Escapei do inferno dos homossexuais" (dia 18); "Polícia caça homossexual seqüestrador" (dia 20); "Dois casamentos de homossexais revoltam o povo" (dia 21); "Mistério: homens que se casaram sumiram" (dia 21); "Lésbica matou Dulcinéia que lhe negou amor" (dia 31). O teor dos subtítulos e entretítulos é o mesmo, por exemplo: "Máfia do Sexo age na Boca do Luxo da cidade"; "Corrupção e tóxicos na rota dos seqüestradores"; "Drogado no cárcere privado"; "Ia ser vendido no Rio ou Bahia"; "200 quilos de maconha na rota dos mafiosos"; "Carlinhos teria sido vítima dos travestis". etc., etc...

Se os fatos realmente se deram? Claro, algo serviu de ponto de partida. Ninguém vai negar que ocorram seqüestros, tráficos de drogas, homicídios, casamentos. Afinal, todos somos, de alguma maneira, vítima dessas coisas. Mas a questão é que o repórter pode deturpar fatos verídicos, pode inventar fatos que não sucederam e, pior ainda, pode associar uma coisa com outra e tirar conclusões.

Se alguém me perguntasse como é que eu posso saber o que é realidade e o que é ficção, eu diria que não há meio de saber. Pro repórter, isso não faz diferença. Infelizmente, pro leitor também não.

HOMOSSEXUAIS SEQUESTRAM 2 IRMÃOS EM SP

Atacados quando saíam do cinema/ Bilhete ameaçando os pais/ Máfia do Sexo age na Boca do Luxo da cidade/ Corrupção e tóxicos na rota dos sequestradores/ Leia reportagem na página 15.

Rodney José de Lima e seu irmão Otaviano Tributin Cordeiro Filho

O pai, Otaviano Tributin Cordeiro, e a mãe, Cricidalva Maria Gomes da Silveira.

Mas também não faz diferença para a nossa análise. Fatos verídicos ou não, o que importa é o tratamento tendencioso que lhes é dado no texto da reportagem. Vamos examinar algumas passagens isoladas de seu contexto. Nada altera que as isolemos, porque mesmo no contexto da notícia sua colocação nada tem a ver com os fatos em si. Vejam: *"Segundo se sabe, apartamentos, pensões aparentemente familiares, hotéis e "repúblicas" são utilizados por verdadeiras* "Máfias do Sexo" *para encontros entre os "entendidos". Menores são aliados (sic) com a promessa de uma vida melhor e estes, na ilusão da aventura na adolescência caem nas mãos dos "mafiosos". Completamente apaixonados, os anormais fazem de tudo para segurar os rapazes com eles. Nesse momento, entram em cena os traficantes de tóxicos, que abastecem o mercado das "Boca do Luxo" e "Boca do Lixo", assim como dos "inferninhos" da Rua Augusta".* Expressões capciosas como "segundo se sabe" abrem caminho a generalizações simplesmente injuriosas. Outro trecho: *"A Máfia do Sexo", ramificação dos homossexuais, existe há vários anos. Através do aliciamento com promessas, jovens entre 10 a 17 anos transformam-se em "mercadoria" para boates, "magnatas" (grandes traficantes de tóxicos), hotéis de alta rotatividade, hotéis de alta classe, "inferninhos", etc."* E mais um: *"Por outro lado, acredita-se que um dos mais sensacionais seqüestros ocorridos no Brasil, o do menino Carlos R. Costa, o "Carlinhos", tenha também sido obra da "Máfia do Sexo", que age no eixo São Paulo/Rio/Bahia. Essa conclusão prende-se ao fato de seu pai João Melo da Costa ter sido acusado de ligação com uma bem organizada quadrilha de contrabandistas, com a qual havia se desentendido, motivo pelo qual "Carlinhos" teria sido seqüestrado. Tempos depois, o menino (hoje com 15 anos de idade) que está desaparecido há cinco, foi denunciado como já sendo parte integrante da "Máfia", transformado em homossexual. "Carlinhos" teria sido visto em São Paulo na boate "Danny", próximo da Rua Rego Freitas, na "Boca do Luxo", casa noturna freqüentada por anormais de ambos os sexos.*

Quer dizer: 1) Todos os homossexuais são, no mínimo, suspeitos de estarem ligados a uma organização que controla o tráfico de entorpecentes e "escravos brancos", a falsificação de uísque e o contrabando de cigarros americanos (o repórter esqueceu de acrescentar a circulação de material pornográfico e subversivo, o que aliás comprometeria o próprio jornal, este sim, obsceno e tumultuário). 2) Todas as organizações desse tipo são controladas por homossexuais (conclusão "óbvia"). 3) Por analogia, segue-se que são os homossexuais quem põe formol no leite, quem promove greves nos hospitais, quem atiça o nazismo no País, quem cria bebês de proveta, etc. etc. (naturalmente: há crime em tudo e há homossexual em todo crime).

Extremos à parte, as reportagens do NOTÍCIAS POPULARES vão todas por essa linha. De mistura com os chavões do vocabulário "policial", os termos *homossexual* e *travesti* (entre outros) são insistente e indistintamente empregados para "identificar" suspeitos e acusados de supostos crimes.

Por outro lado, quando o jornal se propõe a "analisar" (ainda que superficialmnete) o homossexualismo em si, tal como intentou na edição de 20 de julho, a "pesquisa" reflete pura e simplesmente as opiniões preconcebidas do povo e dos próprios "pesquisadores" e "especialistas no assunto", desde a formulação das perguntas até a apuração das respostas.

A tudo isso, alguém pode retrucar: — Ah, mas essa é a imprensa marrom! Tá. Uma imprensa que, por definição, explora o sensacionalismo e portanto é distorção do começo ao fim. Uma imprensa que leva o trágico aos limites do grotesco e portanto não pode ser levada a sério. Mas é como quem diz: pra que procurar uma ou outra distorção onde tudo é distorcido? Pra que se preocupar com uma fonte sabidamente desacreditada?

Pois aí é que está o perigo: subestimar a importância de um veículo desse tipo. Afinal, o consumo da informação não é uma moda lançada pelas butiques da zona sul do Rio de Janeiro, né?

Então vamos parar pra pensar nas implicações que têm essas manchetes em tipos de 144 pontos na primeira página dum diário de 4 cruzeiros em tiragem de 140.000 exemplares. Só mesmo o título do jornal não é apelativo. Com efeito, existe toda uma ideologia *popular* cristalizada por trás daquelas manchetes garrafais, a qual elas alimentam e fomentam. Isto é: bicha quando não é apenas doente é delinquente. Os homossexuais acabam visados em qualquer caso. Se são eles as vítimas, é bem feito. Se são eles os acusados, tanto pior. Ora, sobre essa mentalidade tão supersticiosa, que efeito podem ter notícias onde se enfatiza a homossexualidade da vítima quando vítima e do acusado quando acusado; onde se associa homossexualidade com crimes; onde se conclui que homossexual é sinônimo de criminoso? Um efeito quase epidêmico, como um surto de cólera. E "cólera" é bem o termo: lembram-se do "Esquadrão Hortelã"? Pois é, fantasias como essas, saídas da cabeça de repórteres inescrupulosos, podem desencadear uma verdadeira *caça às bichas.*

Acham que estou sendo alarmista? Melhor seria que não se levantasse a lebre e deixássemos as coisas esfriarem por si? Não creio. De qualquer maneira, essa utilização da fórmula homossexuais/crime/escândalo já é recurso de rotina, para os momentos de falta de assunto ou queda nas vendas, tal como os discos-voadores e os bebês-diabos. Seria o caso de simplesmente cruzar os braços e deixar que pinte um fato mais quente, tipo bebê-biônico, para que o eterno episódio do "homossexual-criminoso" seja temporariamente arquivado? Acho que não.

Se a mentalidade popular é preconceituosa, a atitude de tais órgãos é muito pior, não só porque alimentam o preconceito, mas porque o exploram. Ou,seja: faturam às custas dos "réus" e dos inocentes úteis que os lêem. E agora, quem é o criminoso?

A propósito: num livro didático dos mais elementares, e nem por isso menos brilhante, o jornalista Joaquim Douglas fez a seguinte advertência: "Outro erro é identificar as pessoas pela raça, nacionalidade ou religião, a menos que a informação seja parte relevante da notícia. É inteiramente correto dizer **Cubanos homenageiam líder democrata** ou **100 negros protestam contra a discriminação.** Mas não será próprio, salvo raras exceções, escrever **Dois cubanos roubaram um açougue** ou **Negro esfaqueia a amante.** "E Douglas cita como exemplo o NOTÍCIAS POPULARES de 14/10/65: "Italiano deu golpe do casamento: noiva ficou esperando na igreja!". (DOUGLAS, Joaquim. **Jornalismo: a técnica do título.** Rio de Janeiro, Agir, 1966. p. 42-43).

Acho que isto serve de conclusão. Se o caso é não silenciar, vamos gritar. Se algo pode ser feito, que parta da própria imprensa. Ao menos em nome da ética jornalística, se direitos mais humanos não podem ser invocados.(**Glauco Mattoso**)

De Sergipe para o mundo

O tablóide Desacato, alternativo editado em Aracaju, me foi dado por um filho da terra, o jornalista Anselmo Góes, que entende — mas só teoricamente — das coisas. Junto, veio a observação: "Você pode pensar que não é nada demais um jornalzinho como esse, com uma entrevista com o cronista Barrinhos falando livremente de homossexualismo; mas só quem é de lá, como eu, sabe a barra que esse pessoal deve ter enfrentado para publicar coisas como essas."

Realmente, sem grande brilho ou profundidade, porém cheio de coragem, João de Barros, o Barrinhos, sob o título "Eu dei, Dou e Darei", solta o verbo pra valer se encarando e ao seu homossexualismo com total naturalidade, sem medo nem culpa; invisível qualquer necessidade de agredir ou escandalizar. Cronista social do Jornal da Cidade e TV Atalaia, membro da Comissão Estadual de Folclore, relações públicas de empresas particulares, coordenador do concurso de Miss Sergipe, Presidente da Associação Sergipana de Cultura (um sincretismo cultural vivo, pelo que se vê), o entrevistado diz, por exemplo, sobre o meio em que vive, que "Sociedade (das boas) sem escândalos, não é sociedade". Informa haver "muito homossexual em elevados cargos, no âmbito estadual". Mais adiante esquenta o papo. "Quanto às minhas bacanais, se é que existem (vocês sempre sabem muito mais do que o próprio dono da coisa), elas vão muito bem, obrigado, porque eu acho bacanal um acontecimento bacana até demais, sem as maldades sujas que muita gente insiste em imaginar". Quer dizer, como qualquer entrevistado inteligente, o rapaz ignora a provocação contida na pergunta, dando-lhe o sentido que melhor lhe convém. E encerra galhardamente: "No campo amoroso desconheço frustrações, e porisso posso dizer, como no cancioneiro popular: amei e fui amado, beijei a quem bem quis, se eu morrer amanhã de manhã, morrerei feliz, bem feliz". É isso. Até em Aracaju, Sergipe, uma pessoa pode estar em paz com suas preferências sexuais, abertamente declaradas. Para tanto, como diria a feminista Norma Bengell, é só ser **homem** bastante e se aguentar. (**Antônio Chrysóstomo**)

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

A praça é dos negros

A morte de um rapaz negro torturado numa dependência policial e a discriminação contra quatro atletas negros no tradicional Clube Tietê, em São Paulo, levaram as várias entidades que congregam negros naquela cidade a um ato inédito no país: um protesto público contra a discriminação racial. Isso foi possível porque aquelas entidades finalmente se uniram, criando o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, que agora orientará a luta daquela comunidade contra a discriminação. Cerca de três mil pessoas participaram do ato público nas escadarias do Teatro Municipal, em São Paulo. Nessa entrevista a João Silvério Trevisan e Aguinaldo Silva, Clóvis Moura, presidente do IBEA, uma daquelas entidades, fala sobre essa nova etapa na luta dos negros contra o racismo.

JST — **Clóvis, a gente gostaria que você começasse falando sobre a própria manifestação dos negros em São Paulo. Como é que se chegou a essa manifestação, como ela se tornou possível?**

CM — Várias organizações negras, em São Paulo, estão começando a surgir e a se organizar: o IBEA, do qual sou presidente, e outras entidades. Cada uma delas tinha o seu programa, muitos deles divergentes, até que surgiram dois casos que motivaram a polarização em torno deles: a discriminação de quatro atletas negros no Clube Tietê e o assassínio de Robson Teixeira da Luz. Isso criou um clima de protesto dentro da comunidade negra, porque o fato fundamenta que determinou essas arbitrariedades foi o racismo, a discriminação. Então nós fizemos várias reuniões para discutir a forma através da qual deveria ser encaminhado esse protesto. Primeiro foi distribuída uma carta aberta à população, com a assinatura de algumas organizações, e já em nome do Movimento Unificado contra a Discriminação Racial, que mudou o nome agora: Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial. Então, a partir desse documento, programou-se um ato público. Isso foi decidido numa assembléia em que se resolveu, também, dar continuidade ao movimento. E o ato público foi feito.

JST — **E o que isso significou, dentro da comunidade negra? Que importância teve esse ato público, do ponto de vista de vocês?**

CM — Em primeiro lugar o negro descobriu que podia ir à praça pública: ele perdeu o medo. Porque nas discussões a gente sentia um certo medo. Havia opiniões divergentes, pessoas achando que não era este o momento de levantar o problema do racismo existente no Brasil. A realização do ato público, sua repercussão e a forma como o conduzimos, além da própria receptividade do povo, permitiu que partíssemos para um trabalho mais amplo, de base, porque a comunidade negra sentiu que não havia aquele problema do espantalho que seria uma reunião de negros no centro de São Paulo.

AS — **Quantas pessoas participaram do ato público?**

CM — Bom, nós calculamos em três mil pessoas. A grande maioria negra. Isso determinou uma ampliação do movimento, houve uma assembléia, nesta assembléia tirou-se um documento, que está sendo elaborado e funcionará como uma espécie de plataforma do movimento negro. E nós pretendemos agora verticalizar o movimento, quer dizer, sair dessa posição de movimento da burguesia negra, como ele está sendo agora, para procurar a grande comunidade negra.

JST — **E o que está sendo programado neste sentido?**

CM — Nesse nível, o problema é o seguinte: como é um movimento unificado, cada entidade tem praticamente uma liberdade elaborar seu próprio programa neste sentido. No IBEA nós já tínhamos antes um programa, fazíamos uma pesquisa numa favela em São Bernardo, e vamos continuar por lá, estamos preparando uma série de atos de integração na comunidade, para então conscientizarmos, levarmos uma visão crítica da situação que eles vivem por lá.

JST — **O que é essa visão crítica? O que vocês pretendem passar para eles?**

CM —Nós achamos que o negro brasileiro foi marginalizado por um processo histórico e através de uma tática da colonização, que tirou dele a consciência étnica. O negro americano ou é negro ou não é; lá não existe o mulato, não existe o moreno. Então isso criou a possibilidade de uma consciência étnica ligada a uma consciência de classe nos Estados Unidos. No brasil criou-se o modelo branco como sendo o superior. E ao mesmo tempo criou-se toda uma escala cromática através da qual se poderia chegar lá; de acordo com ela, à medida em que se afasta mais do negro, o indivíduo ascende social e economicamente. Isso levou a que a comunidade negra ficasse praticamente isolada: só quem é negro retinto é que assume a sua condição. Ora, chegou o momento em que, por causa disso, e por força do processo histórico através do qual o Brasil se desenvolveu, o centro de decisão econômica foi ocupado por outras etnias, principalmente aqui em São Paulo; e o negro foi jogado para a periferia. Então, chegou o momento em que ele perdeu a sua consciência étnica; ele procura fugir do seu interior; tem vergonha de ser negro.

JTS — **Vocês colocam tudo isso nesse trabalho na favela?**

CM — Não. Eu estou falando de uma tese que nós precisamos colocar através de um trabalho prático.

JST — **E qual é esse trabalho?**

CM — Nós vamos organizar grupos de teatro, utilizar formar através das quais possamos transmitir essa tese ao negro. Mas não vamos dar lições a ele; vamos fazer um trabalho prático através do qual ele próprio se realize, se reencontre como ser. Essa é a intenção do IBEA. Os outros grupos estão fazendo outro trabalho sobre o qual não posso falar, porque não conheço. Além disso o Movimento está organizando a reunião preparatória para o II Congresso de Cultura Negra das Américas, que vai ser no Panamá. Para essa reunião preparatória, que será realizada no próximo mês, vem gente do Panamá, da Colômbia, etc... Tudo isso demonstra que está havendo uma união como há muito tempo não se via em São Paulo, porque as entidades negras, aqui, têm uma espécie de rivalidade que prejudica muito o trabalho em comum.

AS — **E como é que vocês resolveram esse problema das rivalidades para criar o Movimento Unificado?**

CM — Foi a prática, e a conclusão de que as entidades não poderiam protestar isoladamente, talvez até por receio. A gente sentiu a necessidade de fazer a unificação, para que se pudesse encaminhar o protesto. Cada uma ficou com a sua autonomia, mas agora todas trabalham de acordo com um programa comum. Isso surgiu da prática social, e nós ainda não sabemos até onde irá. É evidente que se não continuarmos a dinamizar o movimento a coisa pode estagnar, podem voltar as divergências. Agora tudo isso vai repercutir internacionalmente: é bom lembrar que até pouco tempo o que predominava era todo um filão sociológico destinado a apresentar o Brasil como uma "democracia racial", a dizer que não havia preconceito racial no Brasil. E tem mais: me parece que os casos que ensejaram todo esse movimento continuam aí, insoluveis; o promotor sequer indiciou os diretores do Clube Tietê. Eu já sabia disso: nunca niguém foi pra cadeia, neste país, por causa da Lei Afonso Arinos. Porque a injustiça da discriminação, que está aí acontecendo diariamente, já era considerada uma coisa normal, dentro da vida brasileira, já que o próprio negro não levanta o problema.

JST — **Por que essa conscientização está acontecendo agora? Por que as novas gerações de negros começaram a tomar consciência desses problemas?**

CM — Bom, o problema do negro não está diversificado dos problemas da sociedade brasileira no seu conjunto. Nós vemos que o problema do negro está também ligado ao problema da democracia e dos direitos do ser humano. No Brasil nunca o negro — e nenhum segmento reprimido — teve liberdade; e também nunca houve democracia, já que esta existia apenas para alguns. Mas o negro não tinha ainda elementos para rebater criticamente isso que ele próprio sofria. O desenvolvimento brasileiro nas cidades criou uma consciência crítica nessas cidades; criou-se uma pequena burguesia urbana negra, o negro, ainda que em pequena quantidade, entrou nas universidades e lá tomou consciência de uma série de problemas; houve a libertação dos povos da África, tudo isso além do problema da falta de democracia no Brasil. Porque na medida em que não há democracia a opressão sobre determinados grupos se manifesta de maneira ainda mais violenta, e o racismo começou a se manifestar violentamente. Tudo isso ajudou a fazer o negro despertar para o seu problema.

AS — **Tem umas entidades do Rio que participam do movimento, não é? E nos outros Estados, já existe alguma coisa organizada?**

CM — Sim: Rio Grande do Sul. Na Bahia está surgindo agora, as coisas lá não aconteceram como deveria acontecer.

JST— **Claro, lá é o "paraíso da democracia racial"...**

CM — Pois é. Mas tudo começou em São Paulo exatamente por isso: porque São Paulo é, no Brasil, hoje em dia, onde mais se pensa politicamente: o movimento sindical, os grandes partidos políticos, o movimento das mulheres, a Igreja. Convém lembrar que em São Paulo o negro foi logrado duplamente; primeiro porque ele entrou aqui tardiamente, já com a decolagem do ciclo do café, em 1850. Naquela época já não havia o tráfico de escravos. Então o negro que veio para cá foi trazido das outras províncias, o que provocou uma desarticulação de família, uma desarticulação de cultura para redistribuir o negro em São Paulo. Logo depois começaram a chegar os imigrantes. Então em 1888, quando vem a abolição, o negro é jogado para a periferia e o centro do sistema de produção é ocupado pelos imigrantes. Segundo uma pesquisa recente, o número de famílias negras de classe média em São Paulo não chega a 500.

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Em memória de Carmem

Como Tonson Laviola, o frenético presidente do Fã Clube de Carmem Miranda anunciou (e ainda deve estar revolvendo céus e terras para agitar o fato junto aos jornais), dia 5 de agosto completou 23 anos da morte da decantada "pequena notável". De 1975 para cá, alguns eventos têm procurado manter viva na memória de todos a trajetória seguida por Carmem: dois LPs, um da RCA/Camden ("Carmem Miranda, a Pequena Notável: Vinte Anos de Saudade"), e o outro da Odeon, de gravações feitas com o Bando da Lua. Posteriormente, um outro, dividido (ou em dupla) com Aurora Miranda, sua irmã. Alguns de seus filmes, da fase americana, de vez em quando são reprisados (mas não se conseguiu a transferência deles para o Brasil, em definitivo, até hoje), enquanto dos seus quatro filmes brasileiros, pelo menos "Alô, Alô Carnaval" é reprisado com certa freqüência. Dos outros, ao que parece, não restaram cópias.

O maior acontecimento porém, foi mesmo a inauguração do museu, ocorrida a 5 de agosto de 1976, depois de vinte anos de mil aflições com as esperas e protelações burocráticas. Ainda bem. Antes tarde do que nunca. E, no caso, a demora quase põe tudo a perder, pois muitas das peças do acervo estavam em estado precário e praticamente irrecuperáveis. Mesmo assim o museu, instalado num pavilhão projetado pelo arquiteto Eduardo Reidy e tombado pelo Patrimônio Histórico, está abrigando o considerável montante de 1596 peças, entre fantasias, adereços e documentos que pertenceram a nossa esfuziante "pequena Notável". E está obviamente sempre à espera da visita dos navegantes destas tortuosas mas vibrantes considerações deste escrevinhador de informações úteis (e, às vezes, absolutamente inúteis).

Enquanto isto, tanto Aloísio de Oliveira, quanto Cacá Diegues e até o produtor Osvaldo Massaini não se cansam de anunciar a "próxima" filmagem de um musical sobre a vida (sempre trepidante, é claro) de Carmem. E o maladetto imbroglio não sai nunca. (Carlos Alberto Miranda)

Emilinha, deputada de proveta

A notícia surgiu como uma bomba (e não se fazem mais bombas como antigamente): Emilinha Borba é candidata a deputado pela Arena. Afinal de contas, o Amaral Neto também não é? Mas não é esse o primeiro concurso que Emília participa. Foi candidata a Miss Guanabara, mas perdeu por causa da pinta (engraçado é que alguns fãs dela têm pinta e nunca perderam nada). Ganhou o Miss Cinelândia (não satisfeita venceu também o Miss Lapa, Miss Estácio e Miss Amarelinho) e venceu o I Concurso Brasileiro de Skate junto com Agnaldo Timóteo. Obteve o segundo lugar no Concurso de Fantasias do Teatro Municipal do Rio (perdendo apenas para uma daquelas Colombinas maravilhosas do Zacarias do Rego Monteiro) com a roupa "O Canto da Cotovia do Mosteiro de São Bento" Seus fãs serão seus cabos eleitorais (alguns, mais velhos, deveriam ser tenentes ou capitães).

Seus títulos e faixas são incontáveis: "Princesinha de Macacu", "Imperatriz de Pau Grande" (epa!), "Eterna Rainha de Ilhéus", "Enamorada de Caruaru", "Eloqüente de Pouso Alegre", "Avançada de Mauá", "Soberba de Macaé" e, o principal, "Favorita da Marinha".

Sem esquecer os de "Mascote dos Bombeiros" e "Lobinha Simpatia" quando foi bandeirante. Nos jogos Olímpicos da Albânia, bateu o récorde mundial do salto triplo, onde passou a ser conhecida como "Emília do Pulo" que inspirou Bráulio Pedroso pra escrever a novela "O Pulo do Gato". Antes disso tinha sido tetracampeã de Purrinha em Campina Grande, Bi de sueca em Feira de Santana e de Sinuca em Itaguaí, onde é conhecida como Maria do Taco.

Para a festa de lançamento de sua candidatura, no seu sítio em Araruama, onde ela tem uma criação de Veados (muito maior que a criação de Dona Iolanda) estiveram presentes: Osteireichlo de Athayde e Rogeria (ela, linda, com fardão em shantung de seda pura, chapéu de Sônia Chapeleira, Dener, Tonico e Tinoco. Idi Amin Dada e Paula do Salgueiro Dada. Almira sem Jackson, Edson e Bruna Lombardi do Nascimento, Michel Frank (que veio da Suiça para o acontecimento), Eva Tudor e Carlota, Salomão e Janet Clair Hayalla (recém chegados de Tel-Aviv), o Quarteto em Quatro e o MPB Cy, e muita, muita, muita gente mais.

A candidata aos 15 anos

Explicando em seu discurso o porquê de sua candidatura, afirmou entre outras coisas que é a favor da anistia (mesmo a local) da Lei Falcão (pretende criar uma para pássaros menores), acha certo o Senador Biônico, e confessou humildemente que conhece Gigi da Mangueira, Jorginho do Império e outros de várias Escolas. Mas pretende conhecer e se dar bem com o mais famoso de todos: o Petrônio da Portela. É isso aí. Merece ser eleita! (José Fernando Bastos)

Quando as mulheres respondem

Quando Lampião no editorial número zero se propôs a ser o porta-voz de grupos discriminados, ousou englobar perguntas mais completas referentes a classes sociais, como por exemplo: a quem interessa a sobrevivência da divisão da sociedade em camadas estanques e desniveladas, umas superiores a outras — ricos e pobres, brancos e negros? Quem lucra com a manutenção da ignorância, com a limitação profissional e com os preconceitos sexuais, no caso das mulheres? Quem se beneficia, afinal, com a rivalidade entre homens e mulheres, na "luta dos sexos"? A presente montagem é baseada em declarações de duas pesquisadoras no assunto.

NAUMI VASCONCELOS é sexóloga, autora dos livros: "Os Dogmatismos Sexuais" e "O comportamento sexual brasileiro".

— Qual a origem do ressentimento da mulher contra o sexo oposto?

N — A forte dicotomia sexual das sociedades. Nos processos onde o homem aparece como modelo, o ressentimento da mulher é maior, surgindo em várias categorias ou anti-valores. Uma das formas de ressentimento é a frigidez, psicológica e fisiológica, como avesso da receptividade. Também exemplo de ressentimento é a cumplicidade (como avesso do valor da aceitação) em que a mulher aparece como "mediadora da marginalidade", mostrando simpatia em relação aos fracos e desfavorecidos, através de um "pendor maternal" que esconde um secreto desejo de revolta contra os que fazem as leis e que são os "senhores da cultura".

— Como você explica que certas características sejam consideradas qualidades nas mulheres e defeitos nos homens?

N — Os padrões de conduta ditados pelo interesse de determinada cultura provocam uma dissimulação de valores, em conseqüência do fato de que o poder e a autoridade ultrapassam a área política para criar valores morais. Estabelecendo a diferença dos valores de classe entre "a moral dos fortes e a dos fracos", o medo às vezes se confunde com prudência, a covardia com resignação, numa transformação aparente de anti-valores em virtudes.

— A saída, Naumi?

N — A determinação dos próprios valores da mulher, quando ela passa a existir como ser humano e não subsistir como segundo sexo.

HELEIETH SAFFIOTI: Professora da cadeira de Sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Araraquara, e autora de "Profissionalização feminina: Professoras Primárias e Operárias", e "A mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade".

Por que na nossa sociedade a mulher é cercada de mitos?

H — Nas sociedades competitivas existe uma diferença entre o número de postos a serem preenchidos e o número de pessoas aptas a ocupá-los; e para que a sociedade de classes seja preservada, ela deve afastar certos contingentes humanos, escolhendo entre as categorias sociais as mais fracas para serem marginalizadas. Por isso a sociedade recorre aos mitos, retirando-os do nível de mitos e colocando-os no plano da ciência. Através dos canais de divulgação, os mitos científicos atuam em nível familiar e social para colocar a mulher em posição de inferioridade. A estrutura econômica se serve da estrutura familiar para justificar a pequena participação da mulher no trabalho.

— Heleieth, e a "teoria" na "prática"?

H — Eu e meu marido adotamos em casa um sistema de divisão de trabalho, de acordo com as aptidões. Valdemar conta história para as crianças, eu cuido das finanças; algumas vezes faço compras no supermercado, outras vezes é ele. Quando passamos um ano na França, eu fazia o almoço, ele o jantar; eu lavava a roupa, ele passava; e nas quintas-feiras, dia de folga escolar na França, ele ficava com nosso filho.

— A saída?

H — O homem que apresenta complexo de machão se satisfaz com sua posição de dominador da mulher e deixa de ver sua situação de dominado com relação a divisão da sociedade em classes sociais. Minha posição não é contra os homens, porque eles também são vítimas do contexto social, e a saída não é a libertação da mulher, mas a do ser humano. (Leila Míccolis)

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Travestis!

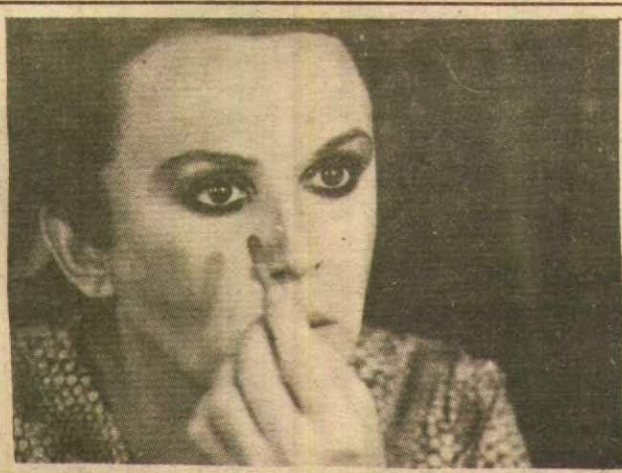
(Quem atira a primeira pedra?)

O travesti tem até fortes trancetes históricos: Nero, que se intitulava, como todo mundo sabe, "homem de todas as mulheres e mulher de todos os homens" da Roma Antiga, foi um dos pioneiros. Nas noites em que sua parte feminina atacava não tinha dúvidas: enfiava uma peruca, punha uma togazinha leve e partia pra barra pesada. Incógnito (a), percorria os subúrbios romanos e suas estalagens onde, dizem, levava surras de inchar (e outras cositas mais) dos seus gladiadores, que nem sonhavam estar batendo no patrão. Na Londres do final do século (aaaai!, hoje estou fina e culta) Oscar Wilde aprontava muitas e boas; idem Marcel Proust, no Bosque de Bolonha, em Paris; só que as duas, Wilde e Proust, a se crer nos retratos, deviam ficar uns travestis horrorosos, tipo espanta criança.

Atualmente, o travesti chegou ao que se sabe: o Antônio Chrysóstomo (epa!) inclusive, já escreveu que Rogéria é a única vedete brasileira capaz de receber — por malícia, talento e beleza — o epíteto de herdeira legítima de míticos nomes do passado, como Aracy Cortes, Virgínia Lane e Mara Rúbia. A própria Rogéria, aliás, costuma fazer inconfidências espantosas sobre a sua atuação extrapalco. Em Paris, ganhou um diamante de Aristósteles Onassis; aqui mesmo deu um passeio com um superbadalado playboy paulista e recebeu (por sinal recusou) a oferta de apartamento duplex, champanhe, caviar e carinho. Por que tantos mimos? Cala-te boca! De minha parte só sei que o Astolfo (identidade civil de Rogéria) é um rapagão, digamos, superdotado.

Por estas e outras, tantas outras histórias que nossa vã filosofia nem pode imaginar, encomendamos ao Maurício Domingues, proficiente fotógrafo do bando de LAMPIÃO, um ensaio sobre o visual do travesti brasileiro. Pode-se dizer e pensar o que quiser sobre o travesti — mas uma coisa é certa: além da ativa, a nossa rapaziada é criativíssima. Basta olhar. Com beijos, plumas e algum paietê. (Rafaela Mambaba)

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

"Mimosas", sim; mas é bom não confundir

— Você se sente marginalizado pela sociedade?

— Qual sociedade? A única sociedade que existe, pra mim, é a dos leprosos. São os únicos seres humanos realmente unidos.

No camarim do Teatro Brigitte Blair, Jorge Alves de Souza se prepara aos poucos para entrar em cena, enquanto responde a perguntas como esta. Concentrado, como um verdadeiro artista, com pincel e tintas ele vai aos poucos se transformando numa loura charmosa e linda, com ares de cinema mudo. Quando acabar, teremos diante de nós Geórgia Bengston, seu duplo, uma criatura que ele criou há vários anos mas com a qual dificilmente se confunde, e que é, agora, a estrela de*Mimosas até certo ponto, show* do qual, além de ator, ele é também autor.

Jorge consegue, através de seus textos, dar um novo colorido ao teatro de revista; do luxo e da ostentação de antigamente pouco sobrou, mas a riqueza agora existe no sentido de "crítica à sociedade". Como no quadro "Lata d'água", por exemplo, em que de repente ela joga sobre o público bem comportado frases como estas: "Pobre é sempre tratado como animal. Só tem valor na hora das eleições, aí é visto como gente".

— Há alguns anos atrás — diz Jorge/Geórgia — a revista era mais esplendorosa, mas não havia conteúdo. Era mais aquela transa de plumas e paetês. Agora está mais moderñizado e a gente sente a preocupação em retratar a realidade.

Ele sabe o que diz, pois começou no teatro de revista em 1959. Antes já tinha trabalhado em circos (Olimecha, Sarrazani) em Niterói, local onde nasceu. Ao lado de vedetes como Nilza Magalhães, Sônia Mamede e a própria Brigitte Blair, ainda alcançou a glória daquela época em que a revista era prestigiada pela presença — inclusive nos camarins — de deputados e senadores. Depois as coisas mudaram, mas ele continuou no gênero. Até que, em 1968, junto com outro travesti, Verushka, escreveu as primeiras revistas *especializadas* para o Teatro Rival: *OH! que delícia de bonecas, vem quente que eu estou fervendo* e *Bonecas em ritimo de aventura.* Foi aí que começou o consumismo desenfreado em torno do travesti, do qual o próprio Jorge reconhece que não escapou. Os direitos autorais de seus *shows*, ele vendeu a Gomes Leal, empresário de revistas, já que precisava de dinheiro para pagar algumas dívidas. E como a onda não passou, ele explica, atualmente a exploração continua: para sobreviver, a maioria dos travestis tem que fazer cinco ou seis boates por noite e, quando consegue um cachê de Cr$ 60,00, "é um privilegiado".

— Salário de travesti é igual ao de gráfico de firma em decadência: está sempre descendo. *Se eu vivesse só de shows, estava roubado.* Aqui no Brigitte Blair, mesmo sendo autor e ator do *show*, ganho por mês Cr$ 4 mil. E não me sujeito a trabalhar em boates porque acho um abuso. Por isso tenho minha profissão de esteticista, que até agora foi o que me deu tudo o que tenho. Fazer teatro por necessidade seria morrer de fome.

Mas porque o pessoal que faz travesti entra nesse esquema de exploração e desrespeito e não quer sair dele? A conclusão a que se chega é que eles trabalham porque gostam, enquanto empresários como Brigitte Blair faturam alto. Para se ter uma idéia: seu teatro tem 150 lugares e o ingresso custa Cr$ 100,00. Num mês há 32 espetáculos — oito por semana —; à média de 100 ingressos por espetáculo, Brigitte Blair fatura num mês Cr$ 320 mil.

Mas a sobrevivência do travesti ainda é ameaçada por outros problemas. Para a polícia, por exemplo, ele é uma espécie de marginal. A própria carteira de ator que a Censura Federal emite não tem nenhuma validade:

— Já tive problemas, mas nunca mostrei minha carteira de ator, porque eles rasgam na cara da gente. Essa carteira só tem valor pra se conseguir trabalho, mas pra polícia não vale nada.

Não é o caso de Jorge, mas muitos dos seus companheiros já foram presos pela Suate (apelido pomposo adotado pelos próprios policiais de boina preta que andam nos temíveis camburões).

Se como ator Jorge pode se ver envolvido com a Suate, como autor ele enfrenta a Censura. De vez em quando é convidado para prestar alguns esclarecimentos, pois há temas proibidos que ele insiste em abordar. Quanto ao povo, ele diz que este já tem uma visão diferente do travesti:

— Como no Brasil é proibido dizer que existe homossexual, a revista foi a primeira a ser atingida. Mas acho que a mentalidade do povo evoluiu. As pessoas encaram o travesti com naturalidade. O pior mesmo é a censura. Se o travesti precisa de publicidade, é tolhido. Em compensação, Mariel Mariscot, Michel Frank e outros marginais cansam de tanto aparecer na tevê. Por falar em televisão, lá travesti não entra. Mas Jô Soares, Paulo Silvino e Agildo Ribeiro continuam fazendo seus programinhas...

Fazer operação para se transformar definitivamente em Geórgia? Jorge Alves de Souza reage indignado:

— Nunca pensei nisso, porque não acho uma boa. A não ser num caso transsexual. É um absurdo capar um homem, porque mesmo depois da operação ele nunca será uma mulher.

Sempre preocupado em retocar a maquilagem, Jorge faz uma ressalva: detesta frescura:

— Acho um horror esse negócio de uiuiui, aiaiai. Isso é falta de personalidade. Detesto bicha miau. Mas também não condeno ninguém, acho que quem vive condenando as pessoas que não são iguais a ele é reacionário e mau caráter; afinal, as pessoas que se dizem mais normais estão aí, desabando no divã do analista.

Jorge também acha um horror que as pessoas desinformadas criem sobre o travesti uma imagem de alienação; este viveria, permanentemente, num "mundo de fantasia". Ele rejeita essa classificação, diz que é muito bem informado, gosta de ler sobre todos os assuntos e de saber o que está acontecendo no resto do mundo: "Apenas, por incrível que pareça, ainda não li o que você está pensando que é o meu livro predileto: O Pequeno Príncipe".

Trinta e seis anos, uma profissão noturna que lhe rende glórias e dissabores, e uma diurna, rotineira, mas que lhe dá dinheiro. Geórgia Bengston já vai entrar no palco, mas antes ainda tem uma coisa a dizer:

— É que eu nem penso em morrer antes de ver esse tal de "Direitos Humanos" devidamente aplicado.

Texto e fotos
de Regina Rito

Sobre tigres de papel

Um amigo disse-me que gostava do nosso jornal, mas que lamentava que nós todos do Conselho Editorial — e muito especialmente eu — desprezássemos as bichas pintosas e os travestis. Nada menos exato. Não creio que nenhum dos companheiros lampiônicos despreze qualquer dos dois grupos. Eu não o faço, e pelas seguintes razões:

1 — Julgo que não devemos dividir os homossexuais, a fim de não os enfraquecer; afigura-se-me imprescindível que as minorias oprimidas relevem eventuais divergências para empenharem-se, coesas, na luta contra a desinformação, uma das causas do preconceitos;

2 — Se eu, como lampiônico, sou contra os preconceitos, que geram o desprezo dos mal-informados, seria contraditório que agisse da mesma forma que os preconceituosos, considerando-me superior aos que não têm procedimento idêntico ao meu.

3 — Eles até merecem a minha simpatia, pelo fato de ostensivamente assumirem a própria situação, arrastando os problemas daí decorrentes e, também, o meu respeito por forçarem os que não querem ver a admitir a existência do homossexualismo e, ainda, merecem a minha admiração, por rebelarem-se contra a rigidez dos padrões sexuais impostos pela casta dominante.

4 — Se, pelos motivos acima, tanto as bichas pintosas como os travestis credenciam-se ao meu apreço, há facetas do procedimento deles que, na minha opinião, são inconscientemente machistas e, portanto — sempre no meu entender — erradas.

Quando o homossexual fala com voz de falsete, faz ademanes alambicados, dá gritinhos e requebra os quadris, ele, sem se dar conta, está, de um lado, imitando a mulher-objeto-sexual, a mulher cidadã-de-segunda-classe, a mulher idealizada pelos machistas e, por outro lado — por deixar de aceitar sua orientação sexual com naturalidade (pois a efeminação é evidentemente artificial), acha-se a fornecer argumentos aos machistas, que se negam a admiti-lo como um homem comum, que usa sua sexualidade de forma não convencional.

Além disso, a bicha pintosa é agressiva, agressividade que — diga-se de passagem — se compreende, pelas pressões que ela sofre, mas que não se justifica, em meu ponto de vista. Afinal, a velha história: dois erros não fazem um acerto.

O sujeito pintoso agride, e agride porque se sente inseguro e, no fundo, tem um sentimento de culpa, porque interiorizou os valores machistas, e os interiorizou a tal ponto que passou a considerar que, por ser homossexual, precisa dar bandeira, mostrar a todos que constitui parte de um grupo anatematizado. O estigmatizado curva-se ante o opressor e passa a julgar-se obrigado a usar a marca que o ferreteador escolheu para ele.

O travesti, então, leva essa atitude ao paroxismo, chegando a submeter-se a operações cirúrgicas para ocultar a identidade. Sua ambição máxima consiste em transfigurar-se na mulher vamp, no sofisticado objeto sexual tão comercializado por Hollywood nas décadas de 30 a 50.

Ademais, os ingentes esforços que ele dedica — e nunca com êxito total — para assemelhar-se ao que metade da população mundial é com naturalidade, francamente, para mim, significam uma perda de tempo e de energia muito grandes.

LAMPIÃO surgiu para mostrar a todos os grupos oprimidos e, em especial, aos homossexuais — assumidos com descontração, enrustidos, pintosos ou travestis — que, no fundo, os machistas são tigres de papel, desde que nós não concordemos em reconhecer-lhes os direitos que eles mesmos se atribuem.

Paz e amor (e lantejoulas, plumas e purpurina aos que gostem delas)!

João Antônio Mascarenhas

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Clodovil Hernandez faz a si mesmo esta pergunta

Quem deve dormir sobre os nossos lençóis de linho?

A **estrela** da tarde era Clodovil Hernandez. Mas os entrevistadores é que chegaram com meia hora de atraso à **maison** da Avenida Cidade Jardim, um tanto assustados pela advertência de Celso Cúri, segundo o qual "Clô odeia atrasos". Com ódio ou não, ele recebeu com a maior cortesia o grupo mobilizado para entrevistá-lo: Peter Fry, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Celso Cúri e Aguinaldo Silva. E, enquanto estes ainda admiravam o bom gosto do seu **atelier**, cujas paredes cobertas de espelhos acabaram ofuscando as sofisticadas câmaras do Dimas Schtini (é por esse motivo que não publicamos fotos dos entrevistadores), ele assumia a postura de quem já está acostumado a dar entrevista e a fazer revelações; durante duas horas e meia Clodovil fez as duas coisas, respondendo à altura às provocações dos entrevistadores, negando-se aqui para dar um pouco mais logo adiante, entremeando, num jogo de mestre, as grandes revelações com as informações corriqueiras. E tudo isto sem estar nos seus melhores dias; os lampiônicos olhos detectaram um véu de tristeza que às vezes cobria seu rosto, e a certa altura ele valeu-se do copeiro para tomar com um copo de leite, um comprimido que identificou sumariamente: "antibiótico". Já no fim da entrevista, um presente para os leitores de LAMPIÃO: uma belíssima história, pessoal e tocante, que ele contou pela primeira vez a jornalistas e que, nesta entrevista, serve de **gran finale**.

DP — Clô, você sabe que nós não viemos aqui para que você fale da próxima "saison": se todo mundo vai usar saia comprida, curta, babado, etc...

CH — Embora todo mundo aqui goste de um babado...

DP — Mas o importante pra nós é que você diga nessa entrevista tudo o que você não teve coragem de dizer antes numa entrevista. Ou então, tudo o que você disse e acabou sendo censurado, o que deve ter deixado você p... da vida.

CH — Não, eu nunca cheguei a este ponto.

DP — Não? De qualquer modo, a gente quer que você diga tudo.

CH — A melhor coisa pra conseguir que um entrevistado diga tudo é não recomendar, não é, Darcy? Se começar recomendando a gente não diz tudo.

DP — Inclusive, olha, certas coisas — como eu sou quem melhor conhece você aqui —, certas coisas que eu disser poderão parecer até insultuosas. Caso você se sinta insultado com alguma pergunta minha, pode me insultar também que eu não respondo.

CH — Ih, Darcy, mas aí a gente vai fazer como a maioria, não é? Não fica bem.

CC — Pois é. E depois, é preciso ter cuidado para não quebrar os espelhos.

CH — Por que?

CC — Porque assim vocês vão acabar se engalfinhando, não é? (Risadas).

DP — Pois então lá vai. Quantos anos você tem, Clô?

CH — Quarenta e um.

DP — E quantos de profissão?

CH — Bom, tem aquela fase que eu trabalhei de **free-lancer**, por volta de 54, depois veio 58, então eu voltei para o interior, até 1960, quando consegui abrir uma loja. Quer dizer, praticamente 28 anos.

AS — Você é um homem rico?

CH — De saúde eu acho que sim, não é? Agorinha mesmo eu estava dizendo a uma cliente lá embaixo que não sou rico porque não quero. Aliás, já desisti de ser rico, não quero mais ser mesmo, sabe? Porque não adianta nada, à medida que você vai melhorando os lençóis, continuar colocando o mesmo nível de gente em cima deles.

JST — E que nível de gente é essa?

CH — A que a gente caça na rua. Porque não tem nada a ver, sabe, e isso serve pra todo o mundo. Eu conheço mil pessoas conhecidas por aí, pessoas que freqüentam salões até uma certa hora, e que depois vão para os mesmos lugares; lá a gente só encontra o mesmo tipo de pessoas, essas que a gente coloca em cima dos nossos lençóis de linho. Então, eu acho que não tem nada a ver. Por isso, hoje em dia eu só quero é mais estabilidade, em vez de riqueza. Minha preocupação no momento é saber como é que eu vou pagar os empregados no mês que vem, já que esse mês está tudo acertado.

AS — Mas você está satisfeito com o que faz...

CH — Estou exatamente por isso: porque só faço o que gosto; eu faço moda, vivo de moda, trabalho com moda; nunca pensei em trabalhar deitado, e por isso só dependo mesmo é do meu trabalho.

AS — Você acha que uma coleção sua é uma obra de arte?

CH — Bom, no momento eu estou até em dúvidas se é mesmo, porque o que me preocupa atualmente não é a alta costura, e sim o prêt-a-porter; é a coisa mais sociológica, digamos assim. Além disso, moda é uma questão de cultura, e o Brasil não tem cultura para consumir moda; Compra-se qualquer coisa que aparece, tem mil casas de modas que não têm nada a ver, e que faturam demais. Aliás eu sempre digo que no Brasil é melhor ser dono do Barulho da Lapa, que é uma loja de tecidos na Lapa, que de um atelier em Cidade Jardim. Lá se ganha muito mais.

DP — Clô, você goza há muito tempo de uma situação privilegiada por causa do seu senso de organização. Você acha que isso é uma coisa normal, ou é porque você não é um porra-louca como os outros deste setor?

CH — Olha Darcy, você sabe que a gente vive num país onde o milionário é uma utopia, onde as coisas são muito utópicas. Então a alta costura entra nesse esquema porque é uma coisa de alto luxo, que precisa de todo um assessoramento para vingar. Daí que nem sempre a gente é compreendido, porque há pessoas que não entendem que a gente gaste uma fortuna para mudar uma decoração da qual eles vão usufruir também; há quem pense que a gente está gastando com a decoração um dinheiro que eles estão nos ajudando a ganhar. Então, é preciso dosar tudo isso, e a coisa se torna muito complexa. Agora você vê, eu trabalho num ambiente muito luxuoso, mas a verdade é que me custa o sangue manter esse ambiente, porque no Brasil eu não tenho retaguarda, não tenho pessoas que pensem da mesma maneira que eu. E tem o seguinte — eu não estou muito bom para entrevista hoje não, minha cabeça está uma droga. Mas eu vou explicar —: para mim, o maior interesse da moda não é econômico, embora tenha uma parte muito boa neste sentido; pra mim o maior interesse da moda é na parte sociológica, na parte cultural. Porque um povo que está mais culturalmente preparado é um povo que pode entender a moda melhor. É evidente que, partindo daí, você já cai no lado econômico, claro. Pra você ter uma idéia: o povo italiano, por exemplo, é um povo que se veste muito bem, de uma maneira geral. Mas é um povo que tem problemas de ordem econômica...

DP — Mas a cultura contrabalança.

CH — Exatamente. E depois, no Brasil é como você vê aí: qualquer bicha, só porque desmunheca, acha que tem de fazer moda. Elas entram na moda como se estivessem entrando no Teatro João Caetano. E olhe que eu também fiz a mesma coisa. A diferença é que, ao contrário dos outros, eu tinha talento, e isso você não consegue; você tem ou não tem. É verdade que também é preciso ter sorte. Tem muita gente de talento por aí andando de ônibus.

JST — Quer dizer que você se considera um homem de sorte?

CH — Claro.

DP — Mas esta sorte não seria pelo fato de você ter começado sua carreira numa época em que era tudo mais fácil? Era uma época de ouro na economia brasileira — quer dizer, para um certo grupo. Gastava-se muito dinheiro.

CH — Não Darcy, continuam gastando do mesmo jeito. Dinheiro por aí é o que não falta. Apenas ele mudou de mão. Além disso, a maneira de entrar no campo da moda hoje em dia também mudou. Naquela época isso só era possível através da alta costura.

DP — Hoje já se entra até pelo lixão.

CH — Lixão, como? O prêt-a-porter?

DP — Não, não; é que a moda hoje em dia está tão desvairada, uma loucura completa.

CH — Eu sinto não concordar com você. Eu acho que a moda ilustra vários acontecimentos, de acordo com a época em que é feita. Esse é o papel mais importante da moda, e para mim é o único. E eu acho que a moda, no momento, reflete exatamente o comportamento mundial: ela é instável, é loucura, mas é tudo isso porque o mundo está assim.

JST — Quer dizer que você se acha um intérprete do seu tempo?

CH — Eu poderia ser se nós tivéssemos cultura suficiente para isso. Mas acho que, de acordo com o que nós avançarmos enquanto nação, talvez daqui a algum tempo eu seja citado com mais respeito que hoje em dia. Porque hoje em dia, em nosso país, certas áreas de trabalho são vistas apenas como manifestações extra-cama de um determinado comportamento sexual. Fora disso elas não representam nada.

AS — E você acha que fez ou está fazendo alguma coisa para mudar essa idéia geral em relação à sua área de trabalho?

CH — A vida inteira, não é? Porque hoje em dia você assumir determinadas posições por aí até que é muito fácil, não? Mas na época em que era proibido assumir essas posições eu já assumia.

JST — Por exemplo...

CH — Ser o que eu sou, realmente.

JST — Por exemplo...

CH — Por exemplo: exatamente isso que você está vendo (risadas gerais).

DP — Você está falando como se o seu comportamento pudesse permitir paralelos. Eu discordo: não acho que o seu comportamento seja o comportamento que as pessoas costumam esperar de um costureiro. Como expressão corporal, eu quero dizer. Apenas você é uma pessoa de sensibilidade, que sempre agiu de acordo com sua sensibilidade. Em suma: não acho que você desmunheca.

CH — Sim, mas para assumir uma posição na vida não é preciso tomar silicone, nada disso. É a tal história: eu já fiz isso, já desmunhequei realmente. Mas eu fazia isso pra agredir, usava tapa-olho, rendas e babados numa época em que isso era considerado um horror. E ficava muito gozado, porque no fundo parecia a índia Diacuí fantasiada de Luiz XV...

PF — Você gosta das mulheres que possam pagar o luxo?

CH — Eu gosto das mulheres que sabem usufruir o luxo, não é?

PF — Mas em geral você gosta de suas clientes?

CH — Gostar é conviver. Eu não convivo com todas as minhas clientes. Com algumas eu tenho uma convivência superficial, e não passo disso, porque não estou interessado em freqüentar salões. Porque aqui também se confunde muito as coisas. Você se torna íntimo de uma cliente e vai ter problemas depois, porque ela começa a te pedir as roupas de graça. Se eu vou ser obrigado a fazer descontos astronômicos em troca de um prato de comida, prefiro comer em casa e com quem eu quero.

DP — Você acha que é vantajoso para os maridos que eles saibam que o convívio com o costureiro — ou, no meu caso, com o retratista — não traz um perigo imediato para suas mulheres, na medida em que o costureiro ou o retratista seja homossexual?

CH — Olha, é uma forma de encarar as coisas, não é? O problema é que normalmente eles dançam também nessa...

DP — É, mas eles pensam assim. Porque na medida em que se trata de um machão...

CH — Mas existe machão, ainda?

AS — Oficialmente pelo menos sim.

CH — Então, meu bem, no que dependeu de mim, estão todos grávidos.

CC — Você já foi assediado por mulheres?

CH — Já, sempre, graças a Deus. E tive muitas transações. Entre outras coisas porque eu não acho que se possa ter uma opinião sobre uma coisa antes de conhecê-la. Essa história de dizer, "eu não como jiló porque ouvi dizer que é amargo", eu acho totalmente errada. Eu acho que, com mulher ou homem, o resultado físico é a mesma coisa, entende? Agora, com elas, falta toda uma outra coisa que infelizmente eu não sei explicar. Por exemplo: se eu estiver com uma mulher maravilhosa e passar um homem maravilhoso, eu largo a mulher falando sozinha. Mas isso eu acho uma posição errada, porque o

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

que eu queria ser mesmo era bissexual: aquele que gosta de homem e de mulher.

JST — Espera aí um pouquinho, Clodovil; você então se sente um pouco culpado em ser homossexual?

CH — Não, absolutamente, imagina. Eu não sou culpado de ter nascido, não pedi pra nascer...

DP — Mas é que o problema...

CH — (Assume um tom de desânimo) Olha, vocês me pediram a entrevista e eu disse "tudo bem", porque acho muito lisonjeiro dar entrevista, seja por que motivo for. Mas eu já sabia que o assunto ia ser este, e olha, eu estou um pouco de pé atrás quanto a este assunto, porque não gosto muito de bandeiras.

AS — Pelo contrário, Clodovil, a entrevista não vai ser apenas sobre este assunto. O que a gente quer é saber de outras coisas suas; mas nós achamos que estas outras coisas podem ser levantadas através de um assunto que diz respeito a todos nós. Sua profissão, por exemplo...

CH — Está bem. Devagar se vai ao longe.

PF — Por exemplo: eu queria saber porque os homossexuais escolhem determinadas profissões, como costureiro, cabeleireiro, "candomblezeiro" e até retratista.

CC — Pois é. Você mesmo disse que quando entrou na profissão desmunhecava propositalmente. Isso não era uma atitude geral?

CH — Não, absolutamente. Era uma atitude de alguns costureiros. Olha, eu acho engraçado quando viajo porque as pessoas, até algum tempo atrás — os casais bem comportados — iam a Paris e corriam para ver shows de travestis. Claro, aqui a coisa era diferente, mas lá eles gostavam era disso. Já eu, tenho horror de endereços homossexuais. Vou ver as coisas apenas para saber como é, mas não curto. Eu nasci no meio de pessoas consideradas normais e é no meio delas que vou viver. Eu me recuso a freqüentar os ambientes homossexuais como se eles fossem minha única tábua de salvação. Já disse: não gosto de bandeiras. Porque é uma bandeira, as pessoas se isolam, saem por aí em passeatas, "nos queremos os direitos dos homossexuais", e isso não resolve nada. Claro, é minha opinião, eu posso daqui as pouco me contradizer, mas também, a pessoa que não se contradiz é uma burra. Mas veja bem: eu nasci de um pai e de uma mãe; nasci do ato de amor de duas pessoas consideradas "normais"; então, f...-se, que eu vou é viver no meio deles. E também não me interessa que as pessoas iguais aos meus pais digam "você é aquilo e aquilo"; não me interessa: eu vou ficar é no meio delas.

DP — Mas eu acho que todos os movimentos estão visando é a integração. Nós por exemplo, do LAMPIÃO, queremos é acabar com essa história de gueto...

AS — Inclusive deixando bem claro que a diferença sexual não existe, foi levantada para separar as pessoas.

CH — Essa história de gueto responde um pouco à pergunta que ele (Peter Fry) me fez há pouco; os homossexuais são instintivamente atraídos por determinadas profissões. Eu, por exemplo: houve uma época em minha vida em que tentei ser comissário de bordo, pois eu queria trabalhar, não queria depender do dinheiro do meu pai. Pois bem, não consegui o emprego — um simples emprego de garçom aéreo —, porque estava na cara que eu era homossexual. Existe coisa pior do que você não ser aceito pra garçom aéreo?

DP — Sim, mas quase todos os "garçons aéreos" são...

CH — Sim, quase todos são em vários tipos de trabalho. E daí?

AS — Você acha, por exemplo, que existiriam homossexuais com vocação para o futebol, e que estas vocações estão sendo sufocadas porque os clubes nunca lhes dariam oportunidade?

CH — Acho. Mesmo assim o futebol também está cheio, não é?

DP — Eu acho que todas as profissões estão abertas aos homossexuais; o que é preciso fazer é vencer a concorrência natural e vencer, também, os limites que a sociedade impõe à classe. Você por exemplo, Clô, venceu.

JST — Você acha que teria se tornado um jogador de futebol se fosse esta a sua vocação?

CH (Pensa um pouco) — Acho que seria preciso ter uma perna um pouco mais grossa, não é?

AS — Essa história de cantar, de aparecer na televisão, deve haver uma versão mais ou menos oficial sobre isso; mas e a outra versão? Por que você resolveu fazer aquelas coisas?

Eu conto a verdade pra você. Uma vez eu me apaixonei por uma pessoa errada. Então, para matar essa paixão, tinha que correr um grande risco, fazer uma coisa que me esvaziasse totalmente. Aí eu fiz um show de travesti. Me vesti, me arrumei, subi no palco e mandei ver. Na platéia eu puz todo o mundo, todos os colunistas de São Paulo, gente que cairia de pau em cima de mim, em caso de fracasso. Eu fiquei assim (faz um gesto com os dedos fechados) de medo: gente, cliente com marido, todo mundo. Era a minha profissão que estava em jogo, porque eu poderia sair dali desmoralizado. E como precisava correr um grande risco, puz em jogo a minha profissão.

"Uma vez me apaixonei pela pessoa errada..."

Foi assim que consegui esquecer essa pessoa.

AS — Mas por que você queria esquecer essa pessoa?

CH — Porque eu acho que quando uma coisa não está certa, te incomoda, você deve tratar de tirar logo o teu do caminho. É isso que eu faço.

JST — Mas era tão perigoso assim fazer um how **de travesti?**

CH — Pra mim era.

AS — Você curtiu aquilo?

CH — Curti. Mas não fiz mais. Fiz uma vez só.

AS — Você já se apaixonou muitas vezes?

CH — Muitas.

DP — Posso fazer uma pergunta muito indiscreta? Você vê que eu estou me entregando também: quando você fez este "show", havia uma pessoa, que fazia cena com você, a quem eu estava cortejando. Não sei se você, naquela época, estava interessado nesta pessoa; eu achava que sim.

CH — Ih, Darcy, não. Naquela época eu estava apaixonado pela tal pessoa errada. Não vou dizer o nome, mas posso dizer a profissão: é um dentista. Você dançou. Dançou, querido!

DP — Ah, é? Pois vou me entregar mais ainda: eu cheguei a patrocinar uma viagem à Europa para essa pessoa, para livrá-la da sua influência.

CH — Pois é. Da mesma forma que os maridos patrocinam viagens para as esposas. Agora o pior é que quando vocês estavam na Europa, quem encontraram por lá? Eu! Veja só: tirou a pessoa do Brasil porque pensou que eu estava interessado nela. E depois encontrar comigo na Europa...

DP — Pois é. Você está me devendo uma viagem à Europa... (risadas)

CH — É, eu me apaixono muito, acho uma coisa normal. Mas sempre que acontece eu procuro tirar a pessoa da cabeça. Porque eu acho impossível, sabe?

JST — Impossível o que?

CH — É como eu já disse: eu vivo no meio de pessoas consideradas "normais". Então, meu afeto se dirige mais para pessoas deste ambiente, quer dizer, pessoas que não participam de guetos, como diz o Darcy.

JST — Quer dizer, heterossexuais...

CH — É. Gente que vive no meio de heterossexuais. Se elas são, eu não sei...

CC — Você faz questão de se colocar dentro de sua classe profissional.

CH — Claro, é a ela que eu pertenço. É com o meu trabalho que eu tenho que pagar o alguel de Cr$ 65 mil desta casa; a folha de pagamento de Cr$ 250 mil do pessoal que trabalha para mim.

PF — Eu acho tudo isso muito chocante: que no Brasil, um país como o Brasil, as pessoas paguem uma fortuna por um vestido.

CH — Mas então você teria que ir para as ilhas Bali, meu amor, porque isso acontece em qualquer lugar.

PF — Mas no Brasil essa coisa me parece mais chocante. Você vê, é também o meu caso: eu dou aulas numa universidade a pessoas tremendamente privilegiadas só pelo fato de ter conseguido chegar lá, e isso me deixa chocado, eu sofro tremendamente com essa coisa.

CH — Mas você não pode falar em privilégios, Peter. Nascer já é um privilégio, e você já nasceu com outros privilégios: você é louro, de olhos azuis, bonito e másculo. No Brasil, tudo isso é privilégio. Pra você ter uma idéia de como eu penso: houve uma época em que eu comecei a entrar em parafuso,porque eu pensava: "Puxa, eu cobro uma fortuna por um vestido, enquanto tanta gente por aí morre de fome". Aí eu fui no Chico Xavier, que é uma pessoa ótima, e conversei com ele sobre isso. E ele me disse que eu não devia ver as coisas desse modo, mas que devia pensar da seguinte maneira: "quantas pessoas vivem do meu trabalho? Meu trabalho, quantas pessoas sustenta?"

JST — Você disse anteriormente que não existem mais machões. Suas paixões não dão certo, por que?

CH — Mas eu não disse que só me apaixono por machões. Em 1960, por exemplo, eu tive uma paixão violenta por uma moça. Mas na época eu fiz qualquer coisa — não me lembro o que — para que não tivesse nada a ver.Porque eu estou sempre fazendo as coisas por algum motivo. Foi por isso que eu resolvi participar do programa de tevê "Oito ou Oitocentos"; queria mudar a imagem que as pessoas tinham da classe dos costureiros.

AS — E quando você começou a responder sobre Dona Beja, sabia que as pessoas iam se apaixonar por você?

CH — Claro! Eu calculei tudo. A televisão ajuda a conduzir as pessoas pra isso. Tudo o que aconteceu lá foi porque eu preparei.

CC — Mas você já tinha feito televisão antes. Inclusive, você teve, uma certa época, um programa no rádio que lhe deu problemas.

CH — Eu fiz um programa de manhã na Jovem Pan, naquela minha fase de chamar a atenção. Isso em 1969, por aí. Mas aí disseram que o programa era muito escandaloso para o horário da manhã. A censura achava um horror.

PF — Você participou há pouco na televisão de uma mesa-redonda sobre o homem brasileiro.

CH — É, mas a censura não deixou passar. Eu, Mino Carta, várias pessoas. Flávio Rangel...

PF — Um amigo meu assistiu à gravação do programa, e disse que a melhor coisa era você. Que você acabava com todos.

CH — Pois é, como o tema era o homem brasileiro, eles brigaram, bateram boca, discutiram, um horror. E eu fiquei só escutando. Agora, meu amor, se me dão uma chance, a última palavra será sempre minha. E foi isso que eu fiz. Depois que eles se mataram falando sobre o machão, quando fizeram uma pausa, eu perguntei: "Meus amores, eu queria saber o que é que eu faço nisso tudo: morro afogado?"

PF — Você nasceu numa cidade do interior?

CH — Perto de Catanduva.

PF — E como foi o seu desenrustimento?

CH — Bom, eu vivi lá até os 18 anos. Nunca tive problemas. Quando eu tinha 18 anos meu pai falou comigo sobre o assunto pela primeira vez. Eu tinha vindo da fazenda, estávamos na cidade, e à mesa, eu, ele e minha mãe, para o jantar. Ainda hoje me lembro: tinha salada de agrião. Aí meu pai perguntou: "Então meu filho é fresco?" Eu quase caí duro. Imagine: minha mãe sentada com a cara dentro do prato, acho que ele tinha falado antes com ela. Aí eu perguntei, "mas quem foi que disse isso?" Ele disse o nome da pessoa, e eu comentei, "mas então você acredita num estranho?" Ele continuou: "Pouco importa que seja um estranho, porque é verdade". Então eu lhe disse: "Verdade ou não, o meu afeto por você não muda nada. Agora se o seu afeto por mim mudar, o problema é só seu".

AS — Você sabe quantas clientes tem?

CH — Não, nunca me preocupei em contar. Elas mudam, também. O dinheiro muda de mão...

AS — E quanto você cobra por um modelo?

CH — Isso acrescenta alguma coisa?

AS — As pessoas ficam curiosas.

CH — Bom, você pode ter vestidos de... Que é que você quer, vestido de noiva, vestido de baile?

AS — Eu quero um vestido de baile.

DP — Pra mim também, um de baile.

CC — Eu, idem.

JST — Ah, eu quero um de noiva.

PF — E eu quero um modelito de veludo preto para desfilar com ele no carnaval baiano e para tomar chá na Praça Castro Alves, em Salvador.

CH — Ah, Peter, veludo preto é muito cafona. Eu não faço. Olha, um vestido de baile custa Cr$ 50 mil. Já um de noiva é daí pra cima.

DP — Você tem muitas queixas da imprensa? Acha que suas entrevistas são sempre encaminhadas para o lado mais pitoresco, sem que se preocupem em descobrir o ser humano que você é?

CH — Olha, a primeira entrevista de alto nível que eu dei foi para Jorge de Andrade em 1970. Cortaram alguma coisa, mas foi problema de censura.

AS — Deve ter sido. O Jorge nunca alteraria coisas.

CH — Claro. Eu, inclusive, fiquei muito satisfeito com a matéria, achei o texto maravilhoso. Agora o título na capa — a revista foi **Realidade** — era assim: "Clodovil, nem homem nem mulher": quer dizer, eu sou uma jaca. Mas isso não foi culpa do Jorge. Ele escreveu uma matéria lindíssima. Inclusive eu disse uma coisa a ele sobre meu pai, e depois pedi para não publicar. Mas agora eu vou contar a vocês, e podem publicar, para concluir. Sem desrespeito ao meu pai, que era uma figura maravilhosa, a quem eu amava muito — ele se sacrificou para que eu estudasse, quando eu não era nem filho dele, era adotivo, e sabia disso desde os doze anos: que era filho adotivo. Nesse dia do jantar, em que ele me perguntou se eu era, eu podia muito bem ter dito pra ele, "que é que está falando comigo? Eu não sou teu filho..." Mas eu não disse nada, porque não era justo.

AS — Você agüentou a barra em silêncio.

CH — Pois é. E aí entra a tal história sobre meu pai que eu quero contar a vocês. Nesta mesma época, eu tinha visto o meu pai transando com um tio meu, e também não falei nada sobre isso. Ele nunca soube que eu tinha visto, mas eu desconfiava de alguma coisa entre eles — sabe a gente como é —, e comecei a xeretar, até que acabei vendo quando os dois transavam.

DP — Mas com o irmão dele?

CH — Não, Darcy, um tio pelo outro lado. Bom, mas depois daquele jantar o comportamento do meu pai em relação a mim mudou. Só dois anos depois — eu tinha vindo estudar em São Paulo — quando voltei pra casa, é que percebi que ele voltara a ser como antes em relação a mim, quer dizer, ele superara aquele problema. Muito bem. Pouco depois meu tio morreu de morte natural. Logo depois meu pai anunciou em casa que tinha visto meu tio, que este tinha vindo buscá-lo, e que ele sabia que ia morrer logo. O resto da história eu não presenciei, foi minha mãe quem contou. Meu pai começou a trabalhar muito, porque sabia que meu tio morto viria buscá-lo, e queria deixar a família na situação melhor possível. Aí aconteceu que um dia ele saiu de casa e sofreu um acidente, voltou todo machucado. Era perto do Natal, eu fui passar o Natal em casa e o encontrei todo machucado. Bom, dias depois ele saiu para ir à cidade, mas voltou da porta e anunciou: eu voltei para vestir uma roupa de fulano — o meu tio morto —, porque sei que não vou voltar pra casa e quero morrer vestindo uma roupa dele. Pois bem: ele saiu e, a caminho da cidade, sofreu um acidente a poucos metros do local onde tinha sido acidentado da outra vez, e ali mesmo morreu, vestido com a roupa do meu tio. Os dois foram inclusive enterrados lado a lado. Agora você vê: essa é uma história belíssima, eu acho; que filho da p... vai me impedir de encarar essa história de amor como uma coisa natural e bonita? Eu podia ter jogado tudo isso na cara dele naquela noite, do jantar, porque eu era muito novo e via o mundo com outros olhos. Mas não fiz isso, e bendita a hora, porque depois aprendi que há coisas que a gente não pode julgar, há histórias, relacionamentos entre pessoas, que ninguém tem o direito de sujar. Isso ninguém contou pra mim: isso eu vivi, é coisa minha.

(Silêncio total)

CH — Agora ficou todo mundo aí, com cara de bunda, não é?

JST — Não, nós ficamos comovidos com a história.

CH — História, não, meu anjo: é fato verdadeiro. Meu pai era rico, esse meu tio, que era pobre, casou com a irmã dele. Os dois se tornaram sócios, trabalhavam juntos. Agora se c boboca que ler essa entrevista pensar, "mas que moral tinha este homem?", se ele pensar assim, acho que ele tem mesmo é que morrer, porque é burro, porque não é capaz de entender as coisas.

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Um texto clássico do feminismo americano

Mulheres: o mito do prazer

(Este é um texto já clássico do feminismo americano, tanto pelas polêmicas que provocou quanto pelos caminhos novos que indicou à sexualidade feminina. A autora, ***Anne Koedt****, iniciou o movimento feminista de cunho socialista, em Nova Iorque, e já tem vários livros publicados sobre a luta feminista, entre eles* ***Notes from the second year****, do qual faz parte o presente ensaio)*

Os homens, em geral, definem frigidez feminina como uma dificuldade de se chegar ao orgasmo vaginal. A verdade, entretanto, é que a vagina não possui um alto grau de sensibilidade nem se destina fundamentalmente à obtenção do orgasmo. O centro da sensibilidade sexual feminina é o clitóris, que desempenha um papel equivalente ao do pênis no homem. Pode-se imaginar, a partir daí, porque a incidência da assim chamada "frigidez" seja tão fantasticamente alta entre as mulheres. Os "especialistas", desconhecendo a anatomia feminina, costumam dizer que a frigidez não passa de um problema psicológico diagnosticado como sendo uma "dificuldade de ajustamento ao papel feminino". Acontece que a história é bem outra, de um ponto de vista anatômico: apesar de serem muitas as regiões para estímulo sexual, o clitóris é a única área do corpo feminino que leva ao orgasmo.

Se ele não for devidamente estimulado, as mulheres são tornadas "frígidas", conforme acontece nas posições sexuais mais comuns. É verdade que, além do estímulo físico, existe também o estímulo por processos mentais, como no caso da utilização de fetiches ou fantasias sexuais. Mas mesmo havendo estímulo basicamente psicológico, o orgasmo será sempre uma manifestação com **efeito físico:** ele necessariamente ocorre no clitóris, que é o órgão equipado para tanto, como se vê.

Então, vale a pena examinar o sexo "papai-mamãe" e ver como é que as mulheres se colocam dentro dele. Na relação heterossexual, os homens atingem o orgasmo, fundamentalmente através da penetração/fricção na vagina, enquanto que o clitóris, sendo um órgão externo, não oferece tão boas condições. Como as mulheres sempre são sexualmente definidas em função daquilo que dá prazer aos homens, as distorções chegam até o ponto de se associar a liberação da mulher com sua capacidade de atingir o orgasmo vaginal — orgasmo esse que simplesmente não existe. Ora, nós mulheres devemos redefinir nossa sexualidade, desvencilhando-nos dos conceitos de sexo "normal" e criando novas diretrizes que exijam nosso quinhão no gozo sexual. Apesar de largamente aplaudida em manuais para noivos, a idéia da satisfação sexual mútua nunca chega às vias de fato. Somos vítimas de uma exploração sexual e precisamos mudar essas circunstâncias.

Freud tem importância como o pai do orgasmo vaginal. Asseverou que o orgasmo clitorial seria um estágio adolescente da sexualidade e que as mulheres, após passarem a puberdade e começarem a relacionar-se com homens, deveriam transferir o centro do orgasmo para a vagina, como sintoma de maturidade. Mary Ellman considera que "toda a atitude paternalista e indecisa de Freud com relação às mulheres segue-se à constatação de que elas não têm pênis." A partir daí, não constituiu surpresa para Freud a descoberta da frigidez na mulher, recomendando tratamento psiquiátrico por entender que haveria nesses casos um "desajustamento mental ao papel natural feminino". A explicação é que a mulher estaria invejando o homem e, em conseqüência, renunciando à sua "feminilidade". Ao invés de basear-se num estudo da anatomia feminina, Freud partiu da constatação de que a mulher é, tanto social quanto psicologicamente, um acessório do homem. Quando os freudianos descobriram que a frigidez constituía um problema maciço entre as mulheres, meteram-se em verdadeiras ginásticas mentais para buscar uma solução. Marie Bonaparte, por ex., chegou a sugerir intervenção cirúrgica como forma de sanar o "desajustamento ao papel feminino". Diz ela que, após ter descoberto uma estranha conexão entre mulheres não-frígidas e a localização do clitóris perto da vagina, achou "que se devia efetivar uma reconciliação clitóris-vagina mediante cirurgia, sempre que o intervalo entre ambos fosse excessivo e a fixação clitorial se apresentasse enrijecida." O professor Halban, biólogo e cientista vienense, desenvolveu então uma técnica cirúrgica muito simples: o ligamento de suspensão era rompido; firmando-se apenas sobre suas bases, o clitóris era fixado numa posição mais baixa, com eventual redução dos pequenos lábios.

Fica evidente o absurdo de querer mudar a anatomia feminina para enquadrá-la dentro de esquemas pré-estabelecidos. Mas o prejuízo maior, no caso, é que a saúde mental das mulheres ficou abalada: sofriam de sentimento de culpa ou corriam em massa aos psiquiatras, para descobrir a terrível repressão que as desviara de sua "fatalidade vaginal".

Tais desacertos seriam justificáveis por tratarem de situações ainda desconhecidas? Não parece. Os homens sempre souberam que suas mulheres sofriam de frigidez freqüente, durante o sexo. Sabiam também que as mulheres, sejam crianças ou adultas, usam o clitóris como órgão essencial para a masturbação. Além do mais, por conhecerem o poder do clitóris, eles, normalmente o manuseiam durante as "brincadeiras preliminares", para excitar as mulheres e provocar assim a lubrificação necessária da vagina, facilitando a penetração. Entretanto, logo que a mulher fica excitada, o homem interrompe o "joguinho" e passa para a estimulação vaginal, deixando sua parceira com tesão não satisfeito. Por outro lado, os homens sabem também que as mulheres não necessitam de anestesia durante cirurgia na vagina, exatamente pela baixa sensibilidade dessa região.

EVIDÊNCIAS ANATÔMICAS

Ao invés de discutir aquilo que as mulheres **devem** sentir, é mais lógico começar por um exame de sua anatomia.

* **Clitóris.** Trata-se de um equivalente menor do pênis, com a diferença que não tem uretra. Sua ereção assemelha-se à ereção masculina e sua cabeça tem o mesmo tipo de textura e função que a glande do pênis. G. Lombard Kelly diz que "a cabeça do clitóris tem a mesma composição de tecido erétil e possui uma pele muito sensível que está carregada de terminais nervosos chamados corpúsculos genitais; por sua fácil estimulação, esses é que permitem a consecução do orgasmo, em condições mentais propícias; nenhuma outra parte do aparelho reprodutivo da mulher possui tais corpúsculos." Isso quer dizer que o clitóris não tem outra função além do prazer sexual.

* **Vagina.** Suas funções relacionam-se com a reprodução, principalmente na menstruação, recepção do pênis, retenção do sémen e saída para o nascimento. Kinsey afirma que o interior da vagina é "quase igual a todas as outras estruturas internas do corpo, muito pouco provido de terminais tácteis; o tipo de revestimento interno torna a vagina semelhante, nesse sentido, ao reto e outras partes do aparelho digestivo."

O grau de insensibilidade da vagina é tal que, ainda segundo Kinsey, "entre as mulheres examinadas no teste ginecológico, menos de 14% perceberam que tinham sido tocadas". A importância da vagina, do ponto de vista sexual feminino, tem sido considerada secundária até mesmo enquanto centro **erótico** (em oposição a centro orgástico).

* **Pequenos lábios e entrada da vagina.** Essas duas áreas sensitivas podem incentivar o orgasmo clitorial, se efetivamente estimuladas durante o coito "normal", o que não é muito freqüente. Por isso, muitas vezes, confunde-se com orgasmo vaginal o estímulo aí sentido. Segundo Keley, "qualquer que seja o meio de excitação usado para levar alguém ao estado de clímax sexual, a sensação é percebida através dos corpúsculos genitais e aí se localiza: na cabeça do clitóris ou do pênis". Até mesmo a estimulação mental pode, através da imaginação, impulsionar os corpúsculos genitais para o orgasmo.

Por desconhecerem sua própria anatomia, algumas mulheres acreditam que o orgasmo sentido nas relações "papai-mamãe" provenha da vagina. O problema tem sido apelidado de "comédia sexual", pois a grande maioria das mulheres que fingem ter orgasmo vaginal, na relação hetero, fazem isso para "garantir" pelo menos um mínimo de sexo. Da parte dos homens, pode-se dizer que são pressionados para se afirmarem através da mulher: sua habilidade enquanto amantes significa uma prova a ser vencida. A mulher, por sua vez, simulará o êxtase sexual para não ofender o ego masculino nem desobedecer as regras prescritas pelo universo do homem.

Seu próprio prazer, via de regra, existirá apenas como um acréscimo nem sempre necessário. O resultado mais daninho e irritante disso tudo talvez seja o fato de que mulheres sexualmente sadias acabaram se convencendo de estarem enfermas: sentem-se culpadas de uma culpa que nunca existiu, vivem em estado de privação sexual ou enveredam pelo caminho da autodestruição e insegurança. Enquanto isso, os analistas aconselham-nas a serem mais femininas e rejeitarem sua inveja pelos homens.

POR QUE A SOCIEDADE MACHISTA MANTÊM O MITO?

* **Preferência pela penetração sexual.** Entre os homens heterossexuais, o melhor estímulo físico para o pênis é a vagina, pois ela fornece a lubrificação e fricção necessárias para chegar ao orgasmo. Como o chauvinismo masculino se recusa, ou não consegue ver a mulher enquanto um ser humano específico, as mulheres são invisíveis na relação e não se supõe que devam ter desejos próprios. Tanto na cama quanto na sociedade, elas existem primordialmente para responder aos interesses masculinos.

* **O pênis como corolário da masculinidade.** Entre os homens, é muito comum que a masculinidade defina suas vidas e enfatize seu eu. Considerando a masculinidade como algo superior, eles impõem-se também sobre as mulheres. Então, por mais homogênea que seja uma sociedade (supondo ausência de diferenças econômicas, étnicas e raciais), as mulheres serão, de saída, um grupo oprimido. Na medida que tentam racionalizar e justificar sua superioridade através da diferenciação física, os homens simbolizam sua masculinidade na musculatura mais avantajada, no corpo mais peludo, na voz mais grave e no pênis mais volumoso. Por contraste, as mulheres serão mais femininas se forem frágeis e miúdas, se rasparem as pernas e tiverem voz fina, suave. Como o clitóris é quase idêntico ao pênis, pode-se entender porque os homens de várias sociedades tentaram, por um lado, ignorá-lo sistematicamente e enfatizar a vagina (é o caso de Freud) ou, por outro lado, praticar de fato a clitoridectomia (extração do clitóris), conforme o costume até hoje, praticado em regiões do Oriente Médio. Para Freud, esse costume ancestral ajudava a "feminilizar" a mulher, removendo-lhe o principal vestígio de masculinidade. Convém lembrar, inclusive, que se considera feio e masculino ter um clitóris grande. Por isso existe, em certas culturas, a prática de banhar o clitóris em material químico, para fazê-lo enrugar até voltar a seu tamanho "exato". A clitoridectomia em especial é explicada como uma maneira de impedir que as mulheres caiam em exageros. Presume-se que a remoção do clitóris irá diminuir o impulso sexual feminino, pois enquanto propriedade do homem, não se permitirá que a mulher seja sexualmente livre. Na verdade, os homens vêem o clitóris como uma ameça à sua própria masculinidade.

* **Clitóris e bissexualidade.** Se o centro do prazer sexual feminino passar da vagina para o clitóris, os homens temem tornar-se sexualmente dispensáveis. De um ponto de vista anatômico, isso é verdade: enquanto a ausência da vagina cria um problema para o homem heterossexual, o mesmo não acontece com a mulher em relação ao pênis. Albert Ellis diz que um homem sem pênis pode perfeitamente fazer da mulher uma excelente amante. A sexualidade lésbica, inclusive, fornece um perfeito exemplo da irrelevância do órgão sexual masculino para o orgasmo da mulher. Não existem, em última análise, argumentos anatômicos que expliquem suficientemente porque as mulheres buscam prazer só com os homens. A exclusão de outras mulheres como parceiras sexuais não se explicaria então por motivos puramente psicológicos? A sociedade machista, além de temer os motivos anatômicos que facilitam o amor entre as mulheres, teme também que elas mantenham relações mais humanas e completas entre si.

A verdade é que o reconhecimento do orgasmo clitorial ameaça toda a **instituição heterossexual**: ele evidencia que o prazer sexual feminino pode ser obtido com os homens quanto com as mulheres entre si. Assim, a heterossexualidade deixa de ser um dado absoluto, para tornar-se apenas uma opção. A questão da sexualidade fica em aberto, extravasando os limites do atual sistema baseado na dicotomia macho-fêmea.

Tradução e adaptação de João Silvério Trevisan

"Ih, são meus pais. Depressa, me ajuda a encontrar alguma coisa heterossexual para dizer!"

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

REPORTAGEM

A "mulher nua do Pasquim" fala dos seus grilos

Confissões de um objeto sexual

"Num país em que o número de mulheres é maior que o de homens, é preciso usar as unhas". As de Lucy Mafra, 23 anos, são longas, descoloradas, jamais se sentiram atraídas pelo slogan acima, da Palermont. Modelo publicitário, ela não acredita nos anúncios que faz. Atriz de comédias eróticas __ certamente você já viu suas unhas sulcando arranhões apaixonados em costas masculinas __, desdenha tanta tolice. Quer fazer teatro social, escreve um livro sobre mulheres livres e suas contradições. Deu uma entrevista nua em meio à equipe do PASQUIM __ "um bando de machistas preconceituosos" __ e escandalizou. Neste depoimento ela afia as unhas na pedra áspera dos preconceitos sexuais que os homens atiram nas mulheres belas __ e inteligentes.

PASQUIM

PASQUIM PEDE TEMPO E ENTREVISTA UMA MOÇA PELADA

UM BRINDE PARA OS ESTUDANTES NA PÁGINA CENTRAL

"Um dos editores pedia que eu me vestisse de colegial suburbana, usasse meias pretas, que depois a gente fazia. Um outro jornalista que participava da entrevista dizia besteira no meu ouvido e da janela da redação me mostrava uma vizinha do outro edifício que fazia com toda a rua. Tentava me chocar folheando revistinha pornô e me convidando pra provarmos. No dia seguinte, o cara não me deu nem boa noite. Uns preconceituosos esses jornalistas do Pasquim, como eu disse na entrevista. Um redator gritava: "Ela é louca, pinel. Me deixa sozinho com ela, é a área que eu trabalho". Eu saí na capa do jornal, acenando tipo vedete em cima de uma mesa, enquanto os jornalistas sorriam, chovinistas, me olhando de baixo. Foi um escândalo. Meu marido na época, um industrial de borracha, quebrou uma banca que anunciava: "Mulher de industrial de Jacarepaguá nua aqui". Meu pai não gostou,ver a própria filha pelada. Uma loucura, na mesma semana eu estrelava uma fotonovela da Bloch fazendo o papel de mulher do Sidney Magal.

"Já fiz de tudo, até propaganda de cachaça Zipt Zapt. O dono estava no estúdio na hora da gravação e eu mandei ele à merda quando me pediu para deixar de fingir e tomar mesmo um gole da coisa. Mas não consegui aturar os japoneses do Iakult. Eles passaram uma semana na cidade procurando garotas, e eu e a Estrela da Praia fomos aprovadas só com a exibição de foto – as outras modelos tinham que botar biquíni. Mas mesmo assim queriam que eu desfilasse na frente deles, uns dez japonas – imagina – e desse uma piscadinha. Na hora da piscadinha eu morri de rir e fui reprovada.

"Já fiz foto pra folhinha de pneu, ouvi fotógrafos me estimulando para poses eróticas aos gritos de "pensa que você está fazendo com a câmara", "faz de conta que a câmara é um P...", fiz cara de tesão pra guaraná __ nada disso tem mais mistério, é só mandar eu armar a cara que tô pronta. Eu queria fazer teatro social, mas não pinta. Fiz "O Cortiço", filme, ficou legal mas... novamente eu estou lá, nua. E dessa vez foi difícil porque tinha uma cena de lesbianismo e a garota que eu transava, a Sílvia Salgado, não queria aparecer nua. E um filme de época, do início do século, então eu tirava a roupa dela em cena para transar e aparecia a calcinha de nylon embaixo do vestido antigo. Tinha que refazer tudo. A garota estava apavorada, falava coisas que não tinha no texto: "Por favor, parem com isso, me cobre". O diretor chegou a pedir pra eu entrar em quadro e tampar mais o peito dela. Fiquei chateada. Na cena de sexo, eu estava abraçada com ela e no único momento em que ficava com o rosto pra câmara, ela mordeu o meu ombro com toda a força e colocou o rosto na frente. Joguei a cabeça pra trás, sentindo dor, mas ficou parecendo o movimento de quem sente o maior orgasmo. Bem feito pra Sílvia, a censura cortou tudo. Foi um dia horrível, saí dali e fui pra beira da lagoa chorar __ a gente estava filmando em Saquarema. Mais uma vez eu tinha perdido de dez a zero. De repente vão aparecendo três caras: "Ei loura, psiu". Eu estava deitada na areia, o vestido levantado, os pés na água. Pensei: só falta agora eu ser currada. E saí correndo – num instante acabaram os meus problemas de atriz.

"Mas por que será que os homens sempre me vêem em disponibilidade? O meu primeiro marido dizia que eu não tinha culpa, era o karma de Madalena que eu tinha pegado. Não sei, outras pessoas ficariam em choque, mas eu reajo de maneira natural, porque esses ataques já se repetiram muitas vezes. Não é cantada mais, é um negócio que eu não sei parar, de repente surgem umas propostas esquisitíssimas. Uma vez eu estava gravando uma novela da Globo em Guaratiba e no fim dei uma carona prum colega. Ele pediu pra vir dirigindo e na Barra, sem me perguntar nada o cara entrou com o carro direto num motel. Fingi que ia na conversa e quando ele entrou no quarto eu entrei no carro, acelerei e deixei o homem lá pra trás gritando. Até uma bicha da escola de teatro onde eu estudava, depois da entrevista do Pasquim, me achava uma libertadora do homossexualismo e ficava me agarrando. Um dia eu estou descansando no camarim, nua, ele entra querendo transar comigo. Gritava: "Depois que você apareceu nua no Pasquim caiu no domínio público".

"Teve também aquele filme horroroso, "Os amores da pantera", em que eu tirei a roupa pela primeira vez. Por azar, o apartamento que cederam para a produção rodar a cena era de um artista que num dia de carnaval, na Avenida Atlântica, quis passar a mão numa amiga minha que estava de porre. Eu fiz ele saltar do carro imediatamente. E ele agora estava lá no apartamento vendo as filmagens dos "Amores da pantera". Ele me olhava nua com o maior prazer. Era a primeira vez que eu ficava nua na frante de tanta gente. Não olhava pra ninguém porque tinha certeza que ia despencar. Aí vinha o Jece Valadão, o diretor, mostrar pro ator como queria que ele fizesse a cena comigo, e babava na minha orelha. Mas a cena cortou quase tudo. No filme eu perguntava, por exemplo, pro meu amante (eu estava nua em cima dele) se a mulher dele fazia daquele jeito. Ele dizia que não, que era mais velha, cheia de preconceitos, etc. Me senti muito mal, sabe? Depois fui pra casa, me olhava no espelho e perguntava __ quem sou eu, quem é essa mulher?

"Eu estou escrevendo um livro sobre isso tudo, sobre a mulher e suas barras. Me baseio ainda na experiência de amigas: Katia, Célia, Bebete e Teresa. Abro o livro dizendo porque mulher é um bicho que está sempre sozinha. Amizade com homem é difícil porque você acaba dormindo com ele. E transformá-lo em amigo depois é uma coisa difícil. Fere o machismo do malandro ficar amiga dele e cagar pras mulheres que ele vai comer. As mulheres são muito amigas até pintar um homem na história. As mulheres sempre olham as outras dando uma avaliada na capacidade física, na maneira dela se vestir. Depois é que vai se preocupar como a outra se expressa. A atriz Katia D... é uma das personagens do livro. Uma mulher muito livre, se jogava nas coisas, cantava os homens na madrugada, a um ponto que chegou a me chocar. Um dia eu estou com o meu segundo marido e ela vem e canta ele. No início eu achei uma gracinha ela dizer que tava a fim dele, se eu deixava ele ir transar com ela. Eu disse "vai nessa" pra ver até onde ela ia. O Sérgio tirou da reta. Claro, ficou interessado mas não segurou a cantada da Katia.

"Aí a Katia casa com o Gutemberg e um dia me liga: "Olha, Lucy, eu queria que você viesse aqui em casa pra conhecer o Guara, mas a gente combinou não transar com amigos. Tô te avisando porque você é casada, deve saber..." Eu perguntei: quem é que está falando? É a Katia, a amiga que sentou no colo do meu marido? Não vou conhecer ninguém não. O que eu queria de você eu já tenho, já fechei seu personagem para o meu livro". Ela queria era um marido, e eu achando que ela brigava por um troco. Agora o Guarabira se mandou justo no momento em que nascia o filho deles. Estamos boas amigas novamente e eu fico ajudando a cuidar da criança. É sempre assim: fica difícil para uma mulher mais ou menos livre descobrir alguém que queira ficar com ela e no momento em que esse cara pinta, ela dá uma de esposa. Aconteceu também com a Teresa __ queria casar com todo homem que transava e agora finalmente pegou o assistente de direção do filme. Eu vou levando, na luta. Qualquer dia desses vocês me vêem na tela no meu último filme, uma incrível pornochanchada onde sou presa por uma nazista lésbica. Não percam, é uma produção da Boca do Lixo de São Paulo. Título: "O reformatório das depravadas"."

Joaquim Ferreira dos Santos

LEIA AGORA!

Se você é definido como um lixo nos compêndios de História, ou nas teorias dos intelectuais da moda, leia estes livros. Seus autores têm algo a lhe dizer.

Os solteirões
Gasparino Damata

A meta

Crescilda e Espartanos
Darcy Penteado

Testamento de Jônatas deixado a Davi
João Silvério Trevisan

República dos assassinos

O crime antes da festa
Aguinaldo Silva

Pedras de Calcutá

O ovo apunhalado
Caio Fernando Abreu

Faça seu pedido: Caixa Postal 41.031 Santa Teresa Rio de Janeiro -- RJ

Gay Club

"Uma opção de cabeça"

Shows diários. O melhor som gay de São Paulo

Rua Santo Antônio 1000.
Reservas: 258-8006

São Paulo

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

o livro

1) Falam os profissionais

Se você quer saber o que alguns especialistas como urologistas, proctologistas, sexologistas, psicólogos, delegados de polícia, prostitutas, psiquiatras, psicanalistas e ginecologistas pensam a respeito do comportamento sexual no Brasil, então deve ler *Comportamento Sexual do Brasileiro*, de Délcio Monteiro de Lima, agora na segunda edição pela Francisco Alves. Estas autoridades falam sobre quase todos os aspectos imagináveis da sexualidade no Brasil, oferecendo a sua opinião sobre taxas e incidências e oferecendo as mais variadas interpretações. Falam sobre, entre outras coisas, iniciação sexual, sexo na velhice, virgindade, sedução, namoro, masturbação, estimulantes e afrodisíacos, machismo, insatisfação feminina, o comportamento dos jovens, adultério, aborto anticoncepção, as disfunções sexuais, impotência, frigidez, ejaculação precoce, drogas, homossexualidade, transsexualismo, doenças venéreas e prostituição.

Como o livro é de apenas 215 páginas (o relatório do Aldred Kinsey sobre a sexualidade apenas entre os homens brancos nos Estados Unidos de 1948 é de 804), é claro que as informações são superficiais. Como o livro representa opiniões destas "especialistas", é claro também que é muito mais uma amostra das várias *ideologias* da sexualidade brasileira que um discurso minimamente objetivo sobre a sexualidade brasileira em si. Mas o valor do livro, na minha opinião, está aí: reunidas num volume só, temos acesso às cabeças das pessoas a quem a sociedade delega o poder de opinar sobre a nossa sexualidade e de encará-la como algo pertencente às esferas médica e policial.

O livro pinta um quadro um tanto quanto negro da sexualidade no Brasil. Os profissionais acham que a vasta maioria das mulheres adúlteras sofrem de insatisfação sexual, que o machismo continua tão forte como sempre e que a prostituição não sofreu nenhum declínio, sendo até ampliada pelos contingentes de travestis que concorrem vantajosamente com as mulheres de antigamente. Aprendemos destes profissionais que a virgindade continua sendo prezada, que as mulheres casadas são tratadas mais como máquinas para reprodução e que os homens procuram o prazer no sexo fora do leito conjugal, crescentemente com os travestis. Admitem, esses profissionais, que grande mudanças neste padrão sombrio estão acontecendo, mas que são restritas basicamente às classes mais abastadas das grandes cidades.

No capítulo sobre "o comportamento sexual não convencional", os especialistas discursam fundamentalmente sobre a homossexualidade masculina e feminina. Afirmam que a vasta maioria dos homens tem experiência homossexual na adolescência, mas que esta atividade vai diminuindo mais tarde. Com as mulheres a situação é o inverso. Segundo as autoridades, as mulheres têm pouca experiência homossexual antes do casamento (aliás têm muito menos experiência sexual em geral que os homens nesta fase), e que as que vão experimentar este tipo de atividade sexual assim fazem após relações frustradas com homens. Estas informações levam a pensar que está todo mundo frustrado com o sexo no casamento — os homens procurando travestis e prostitutas e as mulheres fugindo totalmente do sexo oposto!

Mas é neste capítulo que os profissionais mostram com mais clareza a sua ideologia bastante conservadora sobre a atividade homossexual. Um proctologista, Dr. Sylvio D'Ávila nota que antigamente os seus pacientes faziam tudo para esconder a sua homossexualidade. "'Atualmente" ele disse, "todos se apresentam como homossexuais, declarando essa condição com tanta espontaneidade que chega a ser chocante... Às vezes, dão a impressão de se sentirem orgulhosos de pertencerem ao grupo denominado "terceiro sexo". Outro profissional, o psiquiatra J. Afonso Moretzsohn, de Belo Horizonte, continua querendo ver a homossexualidade como neurose e, "de certa forma, na mesma faixa ou tendo denominador comum com drogas, com delinqüência, e com certas formas de suicídio".

Outros mostram um paternalismo pouco disfarçado, como o prof. Braz Filizzola Filho, que reconhece (espanto) que a maioria de homossexuais que aparecem na sua clínica não são agressivos ou mal-educados, e que "nunca tivemos um homossexual que deixasse de saldar os honorários médicos corretamente, fato incomum, considerando a clientela de um modo geral." Mais de uma vez os homossexuais são descritos como pessoas de "frágil estrutura psicológica", mas esta posição francamente preconceituosa e pseudo-científica é desmascarada mais tarde por mais um profissional, a socióloga Ana Elizabeth Perruci do Amaral, que (alívio) observa que a homossexualidade é vista preconceituosamente como, por exemplo, "o homossexual é inseguro", "histérico", "não é de confiança", etc.. Enfim, o livro é um verdadeiro *saco de gatos* das mais diversas *raças*, abrangendo as mais esclarecidas até as mais escandalosamente reacionárias.

Diz o psiquiatra Geraldo Marques Fernandes, de Recife, que "resquícios de relacionamento homossexual masculino apoiado na antiga divisão (ativos e passivos) podem, contudo, ser encontrados em estratos ainda regidos por normas sociais de maior rigidez, como no interior, onde, nas pequenas comunidades, o homossexualismo continua sujeito a severas repressões. Entre as populações urbanas, não. E a existência de um ou outro homossexual predominantemente "ativo" não invalida, no entanto, o que o dia-a-dia da prática acabou por transformar em nova ordem consensual de comportamento." Até aí, tudo bem. Engraçada, portanto, é a explicação fantasiosa que o autor propõe para esta mudança. Constatando que o "ativo" não mais existe, ele explica: "Hoje, homossexuais se juntam em pequenos grupos e se satisfazem da maneira que podem, ao acaso das oportunidades criadas por impulsos e situações inesperadas, como, por exemplo, os desdobramentos naturais de uma ereção ocasional, com benefícios para os outros." (sic). Mas que outra explicação mais satisfatória poderíamos esperar de profissionais cujo contato com o mundo que procuram descrever é restrito às pessoas que as procuram por motivo de doença e que se desenrola, portanto, não nas ruas, nas casas, nos bares e nas boates, mas no ambiente antisséptico dos consultórios médicos?

Por esses motivos, o livro é fácil criticar. Mas, como o próprio autor reconhece, é basicamente um ponto de partida. Kinsey levou mais de 15 anos coletando material para os seus relatórios e teve a vantagem de uma equipe bem treinada e com todo tempo disponível. Até agora, aqui no Brasil, o nosso conhecimento sobre comportamento sexual se restringe a opiniões de "especialistas" e palpites de todo mundo. O que resulta desses palpites são, por um lado, racionalizações de atitudes não científicas e francamente ideológicas, e por outro, algumas sugestivas hipóteses. Neste livro essas duas posições estão simultaneamente presentes, mas o leitor desprevenido poderia facilmente confundir uma com a outra e assim terminar a leitura pensando que sabe tudo a respeito da sexualidade no Brasil.

Peter Fry

2) O jogo do sistema

O homem brasileiro começa sua vida sexual entre 15 e 20 anos; é mais ativo entre 30 e 40 anos; é irregular quanto à freqüência nas relações; é apenas regularmente esclarecido sobre educação sexual; metade dos pacientes que procuram especialistas médicos para tratar de doenças são homossexuais; há uma grande preocupação com o tamanho, aparência e potência do órgão sexual masculino; 3/4 das mulheres que procuram os ginecologistas enfrentam com constrangimento a condição de não ser mais virgem; a totalidade dos homens pratica a masturbação.

Este seria o retrato ***médio*** *do homem brasileiro quanto à sua conduta sexual se fossem considerados reais as pesquisas que compõem o* ***Comportamento Sexual do Brasileiro.***

O livro representa, sem dúvida, um primeiro esboço de mensuração das práticas, expectativas e comportamento da sociedade frente ao sexo, material básico para qualquer pesquisa sobre o problema na área da sexologia. Entretanto, como explica o autor, o questionário não foi aplicado sobre a população, mas enviado para três mil especialistas direta ou indiretamente ligados à medicina sexual como ginecologistas, proctologistas, endocrinologistas, psiquiatras, psicólogos e sexólogos das cidades de Brasília, Rio, São Paulo, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife.

Portanto o material levantado (apenas 783 responderam e devolveram o material) tem contra si o fato de constituir informações de terceiros, quase sempre calcados em dados isolados e basicamente sobre a freqüência da clientela que procurou os ditos especialistas. Não bastasse este fato, que anularia qualquer possibilidade de generalização das hipóteses contidas no livro, fica claro por alguns depoimentos dos colaboradores que ali figuram o caráter retrógrado e por que não dizer, mesmo reacionário, de alguns destes médicos, que ainda vêem a ciência e seus pacientes pela ótica estreita de uma moral pessoal e vitoriana.

As perguntas do questionário foram mal formuladas (talvez inconscientemente) predispondo a uma resposta se não já esperada ao menos ambígua, cuja computação não leva a uma estatística real. No tópico sobre ***machismo****, por exemplo, somos informados de que "ainda são muito arraigados os preconceitos e condenações às práticas sexuais não-convencionais", "de que o homem casado adota com a esposa atitudes rígidas e ortodoxas, enquanto se mostra mais liberal nas relações extraconjugais" e que tudo isto advém de um "falso moralismo" ou de uma "educação sexual falha". Para se obter estas respostas, realmente, elaborar um questionário me parece tarefa insossa, que nada acrescenta a uma olhada, rápida que fosse, por uma janela aberta para o quotidiano de nossas cidades.*

Dentro do capítulo "Comportamentos não-convencionais" é que se acentuam as contradições e deturpações com relação à análise da realidade. É possível saber que "a pederastia está aumentando"; que 100% dos homens praticam a homossexualidade na infância e que reincidem na idade adulta na proporção de 3/4; enquanto que o lesbianismo, pouco praticado na infância, experimenta um ascenso na idade adulta. E mais não se diz, apenas comentários dos colaboradores e observações sobre o "crescimento" do número de ***assumidos*** *e* ***assumidas*** *publicamente. As duas últimas páginas fazem menção à condição do transsexual (sem nenhum dado estatístico) e ao sexo grupal, como uma forma pouco praticada pelos brasileiros.*

Claro está que um questionário que é dividido entre comportamento convencional e comportamento não-convencional, comportamento diante das doenças do sexo e prostituição, etc., indica uma forma preciosa sobre o isolamento do comportamento, que deveria ser visto como um todo e em dinâmica, e introduz a marca indisfarcável da pulverização analítica tão comum entre os pensamentos que tentam preservar a esquizofrenização do Sistema.

Destinado ao leitor leigo, escrito em linguagem "não científica" para aproximar o público da matéria analisada por intenção expressa do autor, este "Comportamento Sexual do Brasileiro" ratifica em sua pretensa intenção científica os comportamentos ***médios*** *que o leitor conhece e espera encontrar, fazendo alarde sobre temas ou angulações que isola em tópicos (a mulher frígida, inseminação artificial, indagações do adultério, sexo solitário, etc.), para melhor explorar o escabroso, o pecaminoso, o* ***voyeurismo*** *que o Sistema difundiu nas práticas e no trato sexual, tentáculos em que se desdobra a repressão.*

Ao invés de prestar um serviço de explicação para o seu leitor, Délcio Monteiro de Lima caiu na armadilha sempre presente de se fazer o jogo do Sistema, pensando que estava combatendo um moinho de vento.

Edélcio Mostaco

a exposição

Chico Lopes em Curitiba

O nome pouco diz para quem não o conhece, e só o conhecem (até agora) os de Novo Horizonte, São Paulo, e algumas pessoas com quem ele se corresponde, entre elas este redator do LAMPIÃO. Ainda assim, este jornal cometeu uma injustiça, porque no último número publicou um dos seus desenhos ilustrando o conto *O Maricas* e, por um lapso de revisão, omitiu a autoria (já nos penitenciamos, rezando dez pai-nossos e jurando não incorrer de novo em tal pecado.) Mas quem é então Chico Lopes? Vinte e seis anos, desenhista, poeta, contista e principalmente, uma alma extraordinariamente sensível, vivendo e curtindo arte e solidão em sua cidadezinha do interior. Só que agora Chico resolveu abrir novos horizontes e estará expondo 60 desenhos na Fundação Cultural do Paraná, de 31 de agosto a 17 de setembro. Mesmo que não fosse do clã Chico mereceria nosso apoio. Sendo, *mais ainda*. Portanto, alô alô, Curitiba, convocação geral, dia 31. (*Darcy Penteado*)

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

o filme

Travoltear é o verbo

Tony Manero é um narcisista. Seminu, diante do espelho vai compondo sua figura para ir à discoteca. Seus olhos brilham, ele está satisfeito consigo mesmo: "Sou bonito, jovem, saudável, e para mim basta ser rei por uma noite". Ele se expõe. A sua individualidade, sua sensualidade, seu andar macio, fazem dele um novo símbolo sexual. Um Rodolfo Valentino dos anos 80. Até na sua dubiedade, na sua masculinidade fora dos padrões, tal qual o ídolo da década de 20. O filme *Saturday Night Fever* é um hino aos 19 anos de todos os travoltas, ao desejo de permanecer jovem, como cantam os Bee Gees no maravilhoso som de uma de suas músicas: *Staying Alive* — O desejo de continuar vivo, mas que seja *aqui* e *agora*.

Mal Travolta inicia sua trajetória no cinema e já começam a querer desmistificá-lo inventando histórias: é homossexual (como se o homossexualismo fosse doença, lepra ou o quê). Dizem também que o diretor do filme está gamadão nele: a câmara lambe o rapaz como uma gata lambe sua cria; é por certo a paixão da vida! E tanta coisa mais falam. É que os machões, com seus preconceitos, seus modos, não podem aceitar alguém como Travolta, e por isso torcem o traseiro para ele. "É um horror", dizem os críticos cansados e impotentes. Todos falam mal, mas vão às escondidas ver o garotão dançar.

As pessoas também ficam envergonhadas de gostar de um filme comercial. Sim, porque *Os Embalos...* é um filme comercial, com uma bonita embalagem. Tudo muito simples: um menino que quer transpor uma ponte-símbolo da ascensão social, passar de Brooklyn para Manhattan: o menino e suas poucas inquietações, que no filme são apenas sugeridas, pois o que eles queriam mesmo era fazer um filme musical, com um fiozinho de história como pretexto para as danças. Quem não se lembra de *Cantando na Chuva*, um dos melhores filmes musicais jamais produzidos? A história não era nada. Neste, a diferença é que, em vez do cinema, o que se utiliza são as discotecas, o que está em moda no momento. Daí, pega-se um menino bonito, com voz de bebê chorão, e se faz com que ele dance, dance, dance. E cada um que vá buscar no Travolta aquilo de que está precisando, que o filme — e ele — tem para todos os gostos.

Alguém duvida? Um rosto comprido, de cabelos pretos, olhos verdes, queixo largo, um corpo seco, assexuado, quase um andrógino (aliás, os donos do garotão querem dar a impressão que ele é isso: Manero não transa no filme com mulher nenhuma. Ensaia, mais nada). Um foco de luz está permanentemente sobre ele. Os outros são meros figurantes. Jovens também, e até bonitos, mas nem existem perto dele. Quanto às mulheres, foram escolhidas a dedo: definitivamente apagadas, nada de querer ofuscar o *rei* em toda a sua plenitude. Sua parceira, que no filme tem o nome horroroso de Stephanie Mangano, faria sua "prima" italiana, Silvana, morrer de vergonha, de tão sem graça que é. Insignificante, nem feia nem bonita, até que trabalha direitinho. Mas quando contracena com Travolta suas roupas são de cor neutra — no gran-finale é branca —, para que ela se anule e desapareça da face da terra. Enquanto isso ele veste esplendorosas camisas de cor berrante, vermelho sangue, azul celestial, amarelo girassol e outras que tais. No concurso de dança ele estava o fino com sua roupa creme, enquanto a Mangano, coitada, de branquinho, parecia uma barata descascada.

E tudo isso é tão proposital que, na única hora em que ele não dança, botaram uma portoriquenha quentíssima no salão, uma mulher de longos cabelos negros que manda ver. Só que Travolta não está por perto, seu parceiro é um rapaz de costeletas dignas de uma lata de lixo do Harlem.

Os cinemas estão repletos, tem gente querendo imitar o Tony nos *Dancin Days* da vida? Ora, sociólogos de plantão, e que mal há nisso? Ou, mudando de argumento: transformam o rapaz num mero símbolo sexual, num objeto a ser manipulado por homens e mulheres? E daí? Pelo menos, para variar, o objeto é do sexo oposto...

Zsu Zsu Vieira

Um dia muito especial

Um Dia Muito Especial é uma dessas raras vezes em que o cinema — especialmente o dito comercial — traz a primeiro plano um personagem homossexual sem a defesa de uma estereopatia exagerada, embora seja pena que ainda o precise fazer para denunciar as condições absurdas da aversão à diferença. Há alguns anos, e sem a contextualização política que é uma característica marcante e um achado feliz do filme em questão, já tivemos o extraordinariamente equilibrado **Domingo Maldito**, em que Peter Finch, sem carregar nos ademanes, vivia um cavalheiro de meia idade que se apaixonava por um rapaz e disso não tirava motivo de grandes torturas íntimas, muito pelo contrário. Mas a fala em que dizia justamente isto, ao final, foi cortada pela censura brasileira.

O filme de Ettore Scola, por sua vez, é especial porque associa a dor marginal de Gabriele (Marcello Mastroianni) — um locutor de rádio desempregado na Itália fascista porque não é marido, pai, nem soldado — ao grito abafado e até mais doloroso de uma dona de casa privada de qualquer possibilidade de expressão ou afirmação próprias, fêmea reprodutora que lava a louça e arruma as camas enquanto a família vive o **seu** dia especial. Antonietta (Sophia Loren), que mal é capaz de ler as inscrições do machismo político fascista em seu próprio álbum cívico, está fechada na clausura doméstica, não foi ver Mussolini receber Hitler, o esposo de todas as alemãs, que veio a Roma firmar a aliança do imperialismo ensandecido. Neste momento, portanto, ela está mais próxima que nunca do outro "ignorado" do regime fascista, daquele que nem mesmo deve ser designado porque a Itália era feita de garanhões, e o resto eram "derrotistas" e anti fascistas"..

A aproximação dos dois é ao mesmo tempo emocionada com a maravilha da descoberta e da solidariedade, e cinzenta como permitiam o sistema de relações interpessoais e até o código de gestos da época. Sophia Loren, especialmente, opera prodígios de precisão e inventividade quase muscular na composição de todo um balé mais ou menos inconsciente de gestos e composturas próprios do recato (ou da limpeza, como no incrível **pizzicato** das mãos colhendo os restos da mesa do café). Os dois estão isolados num horrendo e massificante prédio de apartamentos, vigiados pela porteira (Françoise Berd), fascista convicta e portadora do controle maior: o embotamento quotidiano e onipresente da retórica autoritária através do rádio obrigatório e em alto volume. Esgueirando-se pelo exíguo espaço que lhes é permitido, o tempo de uma tarde, Gabriele e Antonietta encarnam bem a palidez das vidas não autorizadas.

A intenção de Scola e seus co-roteiristas foi colocar-se ao lado dos humilhados, e sua meticulosa demonstração não é menos valiosa por apontar cacoetes e taras muito típicos de uma época, mas ainda vigentes em grande parte, sob outras formas. Mas inevitavelmente o filme coloca a questão de saber como anda o debate de idéias no grande cinema comercial, especialmente este sustentado no confronto — meio mítico, meio onírico — das estrelas. O **tour-de-force** de Mastroianni/Sophia não pode ser esquecido um minuto, até porque a cerrada mitologização a que Scola escolheu submeter-se (inclusive no tratamento do "terceiro personagem", o rádio) se reflete em todas as opções de sua magnífica mas ultra clássica **mise-en-scéne.** Enquanto uma segunda visão de **Pai Patrão**, por exemplo, formiga ainda de dados sempre novos que enriquecem a compreensão do caminho de Gavino Leda em direção ao (direito ao) conhecimento, a volta a **Um Dia Muito Especial**, após o primeiro e forte impacto emocional, me deixou mais atento a este preciosismo da evocação do que tomado de um interesse de alguma forma intrigado.

Isso talvez queira dizer, basicamente, que a tentativa de inversão bem intencionada dos papéis habituais de Sophia Lorem e Marcello não tenha funcionado bem no sentido de um espicaçamento emocional e intelectual do espectador, levando-o além da mera compaixão. É certo que **Um Dia Muito Especial** apenas pretende e consegue muito bem delinear o condicionamento a que são submetidos tanto o **finocchio** quanto a atarantada **casalingha**, e a ponta de lucidez amarga de que são capazes ainda assim, ela voltando ao leito conjugal com menos devotamento, talvez, à figura patro-máscula do Duce, e ele constatando definitivamente — com o fator muito concreto do exílio — que suas hesitantes tentativas de "integração" em outros tempos (alistamento no Partido, saídas com uma amiga namorada) não podem fazer sentido.

Mas a absoluta falta de participação erótica de Gabriele no encontro furtivo dos dois parece fechar as possibilidades de um entendimento menos rotineiro pela afirmação pessoal de cada um, questão central do filme. Como observou à maravilha um crítico, não pode haver nada mais desesperador que a eventualidade de uma tristeza pós-coital quando ela ataca um dos parceiros — e é o caso de Gabriele — em pleno coito. Antonietta terá, daqui para a frente, um percurso mais atento a sua própria condição porque o encontro com o vizinho homossexual e ilustrado lhe abriu algumas portas para o esclarecimento. Gabrilele, por sua vez, tem consigo mesmo e com a companheira de infortúnio a honestidade de reconhecer que para ele nada mudará. O que não deixa de ser contraditório, quando se sabe ser ele o agente catalizador da desalienação, e desalentador quando nos lembramos que poucos são, no cinema, os heróis homossexuais dotados de um pouco dessa consciência de si mesmo e do mundo (ainda que desencantada) que permite um esboço de superação. Se Mastroianni não estivesse muito ocupado em fazer o papel (passivo) de Sophia, enquanto esta fazia o seu, para surpresa culposa das grandes platéias, talvez Gabriele não se transformasse necessariamente num herói positivo e desbravador de sendas novas, mas provavelmente teria desbundado um pouco mais, fazendo de uma comunhão erótica para ele inusitada um ato de subversão.

Clóvis Marques

a peça

Os anos 50 — aqui e agora

— Você faz análise?
— Faço. Como é que você sabe?
— Porque eu também faço.

Sobre este curto diálogo se constróem os momentos de Era uma Vez nos Anos 50, de Domingos Oliveira, direção do autor, em cartaz no Teatro Gláucio Gil, no Rio de Janeiro. Seqüência e montagem das inquietudes e impasses de uma geração que mergulha no passado, não para discutir os processos históricos da época tratada mas pela segurança que o passado possibilita, através dos cílios postiços do presente.

Pedro (Cláudio Cavalcanti) e Edgar (Osmar Prado), personagens que conduzem o fio narrativo da peça, encontram-se casualmente em plena selva de pedra *e são conduzidos ao mundo mágico do passado, pelos amigos Felipe (Ricardo Blat) e Artur (Carlos Gregório): a solidão do boi citadino esvazia-se. Inicia-se a contagem regressiva às origens de emoções, que ao longo do tempo ficaram reprimidas: o drama sexual da classe média emerge e as personagens, em seu familiar passado, revelam suas inseguranças em relação ao futuro, hoje presente. Daí o presente ser tratado como* central de impotências *— mesmo que a causa desta impotência tenha sido reforçada ao longo do tempo por esta mesma classe média: não é à toa que o autoritário professor Siqueira seja tão querido: ele é o Grande Pai.*

Amor *e* Sexo *são temas dominantes e se locomovem com fluência. Pedro, Edgar, Felipe, Artur e Medeiros, nos ritos de iniciação à sociedade capitalista, não deixam de usufruir da tirania de uma organização sócio-genital funcionalista. Mesmo que em algumas incursões pelo romantismo* made in *Hollywood transpareça o* Amor, *visível nas paixões que Felipe tem por Adriana, que Edgar tem por Norma e que Pedro tem por Matilde. Nesta eterna ciranda,* a peça discursa sobre os homens *em sua lenta e gradual investida às armas do machismo. A virilidade de cada um é sempre posta em questão pelos outros ("Felipe não falava de sacanagem,... não fazia nada", logo, Felipe é uma incógnita que precisa ser desvendada, pois até ia "para as aulas de ginástica com um cachecol enrolado no pescoço").*

Uma seqüência de narrações sobre a quantificação ("eu já trepei cinco vezes") e cronometragem ("ele não demora, o Artur é coelhinho") patenteia quão distante está o sentido do amor, numa sociedade onde o Macho domina a natureza e por tabela a mulher, que entra em cena com a "ternura" necessária e a "compreensão" sem limites da exploração masculina. Situação em que as personagens femininas encontram-se: elas são apêndices dos homens. Numa peça sobre homens, uma vagina "rosa princípe negro" frustra gentilmente o macho que, sobre ela, discursa sua dominação: falocracia. *O homossexualismo que permeia a peça é reprimido: Pedro que amava Edgar que amava Artur que (não) amava Medeiros que amava Juquinha que amava Siqueira. Pedro casou com a Matilde. Edgar com uma desconhecida. Felipe foi pra Europa separado da Adriana. Artur foi pra Bauru, Juquinha morreu na Avenida Brasil e Medeiros casou com o Ministério da Fazenda, que não havia entrado na história.*

O que é marcante na socialização das personagens é a repressão que as dessexualiza. O amor de uns para com os outros é tragado pelo conceito de normalidade (fundamental à sociedade de que participam). O beijo de despedida, no final da peça, entre Edgar e Pedro, quando as meninas *ajudam a retornarem ao presente, traduz muito mais o machismo das personagens (como se dissessem: "Somos tão machos que até podemos nos beijar na boca sem nos comprometer") que um signo de comunhão, de humanismo.*

A ambigüidade do teatro cai em resistência. É o caso das interpretações dos atores que, salvo Ricardo Blat, Diogo Vilela e Carlos Gregório, até certo ponto, mergulham em convenções tipológicas donde só arrancam o emocional, sem dialetizar as contradições de uma classe mantenedora do Poder. Essas interpretações, sem construção de personagens, tão comum à imediatez das telenovelas, fazem parte de um meta-sistema que expõe seus mitos ao teatro, monopolizando suas imagens.

Nestas proezas saudosistas, os conflitos e contradições da sociedade brasileira dos anos 50 configuram-se desordenadas. A possibilidade de tratar politicamente uma classe sob o ponto de vista dos desempenhos sexuais reprimidos, que hoje, 24 anos depois de sua adolescência, é uma classe da situação, *teria contribuído bastante para a discussão das idéias que se veiculam preponderantemente numa sociedade machista. Mas Era uma Vez Nos Anos 50, aprisionada a uma linguagem literária e cênica simplista, não chega a significar concretamente uma percepção* aguda *do mundo, nem estupra a realidade, objetiva ou subjetiva; a nostalgia de Domingos, se lhe possibilita libertação ou* mea culpa, *ao público fornece apenas uma versão autorizada do passado: complexo reflexo do meta-sistema.*

Antônio Cadengue

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Cavafi, o poeta do prazer

Constantino Cavafi (1863-1933) é o primeiro grande poeta revolucionário da nossa época. Por dois motivos: 1. em pleno simbolismo e decadentismo ele falou do prazer, da sensualidade e do amor entre homens sem usar os véus da hipocrisia, sem sentimento de pecado e sem as depressões pós-coitais que assaltam os que resolvem se "confessar" (era um grego no sentido clássico do termo); 2. introduziu no discurso poético todas as palavras mais humildes e cotidianas — colchão, operário, café, gravata, lenço, dinheiro —, transfigurando-as com o poder de evocação com que as investiu. No contexto do idioma grego foi também o primeiro poeta que usou a língua moderna, misturando-a com a clássica, um sacrilégio que, acrescentado ao de ser um pagão dionisíaco e homossexual, fez com que permanecesse praticamente inédito até a morte. Sua obra é composta de 187 poemas, 33 deles considerados pelo autor como "imaturos".

Ouvi falar de Cavafi pela primeira vez no "Quarteto de Alexandria", de Lawrence Durrel. Era o velho poeta que lia nos cafés seus últimos poemas para um círculo restrito de ouvintes. Em 1964 encontrei em Paris uma pequena antologia de sua obra que li e reli até conseguir duas traduções inglesas de poemas completos. Esses livros me acompanham até hoje. Cada um de seus poemas, tanto os históricos como os de amor, revelam uma vitalidade quase absurda, um otimismo impossível na minha existência de crises. Cavafi sempre fala do passado, dos seus amores juvenis, de personagens antigos da sua Grécia, mas sem lamentos, para celebrar a vida. Não seria essa a verdadeira missão da poesia?

Quando estive em Alexandria fui conhecer os lugares por onde ele andou e a casa em que viveu na Rua Lepsius, 10. Alexandria continuava sendo a cidade mais bela, mais misteriosa e envolvente do mundo — mediterrânea, oriental, judia, árabe, cristã, pagã. Num Natal gelado e luminoso encontrei em Alexandria um marinheiro grego de passagem; ele me recitou na sua língua os versos de Cavafi que sabia de cor. Passamos a noite juntos, abençoados pelo poeta, numa estalagem que parecia ter saído de um dos seus poemas. No dia seguinte o marinheiro partiu e nunca mais o vi.

Em várias ocasiões tentei verter do inglês algumas obras de Cavafi. Saiu prosa. Agora, acabo de receber uma tradução brasileira de 77 poemas seus feita por Theon Spanudis (Livraria Kosmos Editora). A leitura desse livro me causou a sensação mais estranha que se possa imaginar. Spanudis, poeta e crítico que respeito, transformou em seus os versos de Cavafi e criou uma língua supostamente brasileira que na verdade é híbrida e empostada. Será o português menos capaz de transmitir a emoção e a elegância do que o francês ou o inglês? Não acredito. A falha é do tradutor. Como dizem os italianos: traduttore, tradittore. No entanto, aqui vão pequenas amostras da versão de Spanudis. (Francisco Bittencourt)

Pedimos licença a Francisco Bittencourt para modificar a sua idéia inicial de publicar apenas as traduções de Spanudis. Nós sabíamos de pelo menos duas ótimas traduções de Cavafi: as do próprio Francisco e as de José A.S. Vieira, que recentemente nos mandou vários poemas do grego traduzidos. Achamos que, com essa diversificação de tradutores, a apresentação de Cavafi ao leitor brasileiro fica ainda mais enriquecida (Gaspariano Damata)

A Vitrina da Tabacaria

Perto de uma vitrina iluminada
de tabacaria estavam entre muita gente.
Os seus olhos por acaso se encontraram
e o ilícito desejo de sua carne
timidamente demonstraram, com reserva.
Depois uns passos inquietos na calçada
até que eles sorriram e acenaram.

E em seguida a fechada carruagem...
a aproximação erótica dos corpos
as mãos unidas e os lábios colados.

(Trad. de Theon Spanudis)

Não deve passar dos vinte e dois. Contudo,
quase tenho a certeza de que há uns vinte anos
este mesmo corpo foi que eu possuí.
Não é uma ilusão do meu desejo.
Entrei neste cassino apenas há instantes,
não tive tempo de beber demais.
Foi este mesmo corpo que eu possuí.
Se não me lembra aonde — pouco importa.
Na mesa ao lado, agora, vem sentar-se:
ah reconheço os gestos dele — e sob a roupa
vejo-lhes nus os membros que eu amei.

(Trad. de José A.S. Vieira)

Nas Tabernas

Chafúrco nas tabernas
e bordéis de Beirute.
Não, não quero ficar
Em Alexandria.
Tamides me deixou,
fugiu com o filho
do eparca, e tudo por
uma vila no Nilo,
um palácio na cidade.
Não seria justo que eu
ficasse em Alexandria.
Chafurdo nas tabernas
e bordéis de Beirute.
É na total sacanagem
que eu consigo viver.
A única coisa que me salva,
como uma beleza perene,
como uma fragrância que
ficou na minha carne
é que eu tive Tamides
por dois anos inteiros,
o menino mais lindo,
meu, e não em troca de uma casa
ou de uma vila no Nilo.

(Trad. de Francisco Bittencourt)

Uma história de família

Minha irmã mais velha (45 anos) intrometeu-se na correspondência que eu vinha mantendo com o irmão caçula (20 anos), guei, como eu, e ficou uma fera ao certificar-se do nosso assunto preferido. Agora, além de ter realizado uma mesa-redonda com todos os outros irmãos, em Natal (400 mil habitantes), onde moram, rompeu comigo e ameaça levar o caso à Justiça, a pretexto de aliciamento, se eu continuar a escrever para ele.

Achei graça. O rapaz, depois de ter escrito para "Gay Sunshine" (San Francisco, Califórnia), e se correspondido com a Mattachine Society (Nova Iorque), ter acesso a publicações como "Advocate" e entrado em contato com periódicos e classes gueis distribuídos pelo globo, achou por bem me escrever, após tomar conhecimento do meu livro de poemas, Falo, que o resto da família desconhece. Se a minha irmã conhecesse o livro já teria rompido comigo desde 1976, quando ele veio a lume. Acho interessante ela ter convivido comigo até minhas 19 primaveras e não ter precebido a olho nu o que 10 anos depois saberia por cartas. A hipocrisia, sem dúvidas, produz eventuais cataratas e disfarça momentosas afasias.

Nas cartas, depois de habituar-me com a idéia de ter outro guei (confesso) na família, passei a fornecer-lhe um arsenal defensivo que ele levaria um tempo relativamente longo para angariar. O rapaz se mostrava deprimido a cada carta, ao descrever o cipoal ideológico em que estava metido.

Faz um curso universitário escolhido pela família, ocupa-se num trabalho por ela arranjado, é obrigado praticamente a jogar futebol e a namorar — com moças —, enfim, tem um controle total de sua vida. Como se não bastassem as investigações para ver com quem ele andava e aonde ia, passaram a remexer-lhe as coisas, roupas, livros, discos e, por fim, as cartas. Descoberta nossa conexão, ele alugou uma caixa postal para maior segurança nossa. Inútil. Com influências, subornos, ou seja lá por que meios (de que estes últimos 15 anos foram pródigos), a família teve acesso à caixa, lendo, antes dele, as cartas que eu lhe endereçava. Resultado, transformaram o rapaz num prisioneiro de consciência, fato que deveria constar dos relatórios da Anistia Internacional.

A última carta que lhe mandei, se lhe tivesse chegado às mãos, tê-lo-ia fortalecido sumamente. Infelizmente foi interceptada e, ao contrário, forneceu armas ao inimigo. Educados num sistema matriarcal (meu pai foi tão omisso que nem chegou a formar o triângulo para vivermos o complexo de Édipo), crescemos vendo o mundo e o decodificando por olhos femininos. Eles, hoje, nos condenam por uma pretensa intencionalidade no desvio, sob o argumento de que os outros dois irmãos (somos quatro) saíram "varões", enquanto nós "optamos" por ser assim, condenáveis...

Como estou distante, e no Rio de Janeiro, que eles acham realmente ser o fim do mundo, não sei a que torturas e a que terrorismos o estão submetendo — e por isto o lastimo. De qualquer maneira, trazer a público o assunto ventila outras cabeças em outros pontos deste gigante adormecido.

O que mais deve ter assustado meus parentes foi a utilização de conceitos e categorias, em nossas cartas, que eles, sem dominar o significado, devem haver estranhado. Baseei-me sempre em Erving Goffman ("Estigma" e "A apresentação da vida cotidiana") e Mary Douglas ("Purity and Danger" — uma análise dos conceitos de poluição e tabu") para explicar-lhe o que estava vivendo.

Tomei emprestado a Douglas os conceitos de poluição e resistência do ecossistema, principalmente nas últimas cartas, muitas das quais lidas antes dele. Além de explicar-lhe que a estigmação e discriminação advinham do fato de o indivíduo estar confundindo a rígida distinção dos papéis masculinos e femininos, mostrei-lhe o que afirma Douglas: "Nosso comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou idéia capaz de confundir ou contradizer classificações estimadas. Sendo assim — prossegue — tentam eliminá-lo, no sentido de reorganizar o grupo. E que eliminá-lo não é um movimento negativo para o grupo, mas um esforço positivo de organizar o meio-ambiente".

Isto teria amedrontado minha irmã, que tremeu pela possibilidade de levar, com sua pressão, o garoto ao suicídio. O que Douglas diz confirmou-se, de certa forma, pois, sem o saber (?) minha irmã agiu como se esperava, ao romper comigo. (Paulo Augusto)

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

CARTAS NA MESA

Qual é a tua, oh LAMPIÃO?

Desde o nº 2 de LAMPIÃO da Esquina que fiquei enrustindo um raio laser sobre o lampiônico jornal, até que no nº 3 o Grupo Paulista Totó Fruta de Conde desnudou-o timidamente mas com garras de felinas desvairadas, coisa rara por sinal nesta cidade onde a Bruxa de Carlos Drummond continua a exalar suas poções, sem que os solteirões *arremessem algum vôo para dentro de suas angústias e as representem em profundidade neste canal nanico disposto (?) a discutir a sexualidade de todos nós sem amarras e com muito prazer perinial, inclusive.*

LAMPIÃO em suas indecisões tende a se tornar um nanico muito do chato. Não que eu não concorde com indecisões, mas a postura indecisa *não me parece clara nos objetivos traçados pelo Conselho Editorial no número zero, aliás a única vez que deu o ar de sua graça enquanto cavaleiros da távola redonda.*

O Grupo Totó Paulista levanta bem o risco que se corre de transformar o veículo em promoção pessoal, que me parece estar ligada diretamente ao EXERCÍCIO DO PODER de nítida influência Varguista em pleno Estádio do Vasco: "Bichas do Brasil! Uni-vos!" Aplausos frenéticos. O populismo chega punemente ao Estado Novo Guei Nacional? Este assunto deve ser estudado em profundidade no LAMPIÃO por FRANCISCO WEFFORT e CHICO DE OLIVEIRA. É preciso não esquecermos que as bichas deste país estão engasgadas com o PAU BRASIL do machismo nacionalista (a fotonovela das Bananas de O Pasquim, mesmo em seu machismo militante, deixa clara a alusão ao fato nada desconhecido e até redundante da repressão, muito embora a fotonovela contribua ainda mais para ela); e que artigos como os que foram escritos sobre A Queda, *de Rui Guerra e Nélson Xavier, não nos desegasgam do populifascismo em que todos estamos megulhados. É preciso diferençar a maneira de oprimir do meio de defender.*

O "assumir-se (do artigo de João Antônio Mascarenhas) diante das regras do jogo opressor não enfatiza uma tradição *de uma sociedade repressora que nos impõe uma rasgada de sedas para definir melhor o seu comportamento com a gente? Não seria o LAMPIÃO uma* propriedade *privada de uma elite que quer ser lida "do Oiapoque ao Chuí",* numa *operação aspirina? Eu particularmente prefiro um jornal que abra abcessos. Gere câncer. E a* família, *desta TPF, não seria a obviedade de cristalizar o gueto de que falam libertar?*

Sinto no ar um cheiro de paternalismo de "bichas esclarecidas" que tentam "compreender" e unir suas vozes às das outras minorias que eventualmente "entram na redação" e que ainda irão entrar. Vocês não acham que o jornal continua a fomentar o estereótipo de que "elas" são mais sensíveis e inteligentes (é só dar uma olhada nas entrevistas publicadas no jornal para sacarmos a generalização de que falo acima, além de se cultivar o mito de bicha-artista.)? Os operários do Metrô ou do ABC paulista, se se juntam às bichas (isto é, se eles não as caparem antes), em que é que vai dar? Num pra frente Brasil? Qual deve ser o QI do leitor lampionesco? Qual a idologia do jornal? Por enquanto, me parece mais com a do Social-Democrata-Cristão Jornal do Brasil.

Se LAMPIÃO perguntar ao espelho da madrasta de Branca de Neve se ele já é, o espelho responderá: Veja, Isto É, os outros nanicos e mesmo a grande imprensa ainda existem. Eu lamento muito que o espelho responda esse miserê. E não adianta quebrar o espelho e cortar os pulsos com seus cacos. Nosso sangue será bebido pelo machismo biotônico fontoura de Ivan Lessa e congêneres. O LAMPIÃO oferece o bumbum a todo vampiro que aparece?

Sinto a falta de um Glauber Rocha para desconstruir o cartesianismo da diagramação ideológica do jornal; de um Luiz Carlos Maciel: do Gil-Cetano refazendo a cada dia o mundo pra ficar Odara. E o Roberto Schwartz? Lampionices também têm idéias e lugar na Literatura Brasileira. Afinal o nanico aceita ou não aceita os outros credos sexuais. da antropofagia à zoofilia? Agora eu pergunto (e isso tá relacionado com a espinha dorsal do jornal): a presença de outras militâncias aviados no jornal teria como intenção apenas a penetração do mesmo em outras áreas a-lampiônicas, que se setiriam constrangidos em comprar/ser assinante de um jornal só de bichas intelectuais, sendo necessário a arregimentação de intelectuais machos para contrabalançar suas páginas e dar um ar de democracia grega do século V Antes de Cristo?

Diante do didatismo penteado *acho que estes temas lhe darão boas MANCHETES À BLOCH: "A gestão in-vitrio, ou de proveta, como querem os midias das Multinacionais (em fase de implantação) será a solução para as bichas com Complexo de Castração ou Síndrome de Paternidade?" Ou "Os monstros marinhos de Hermenegildo acarretam o desequilíbrio ecológico da bichice latino-americana?"*

Mesmo que LAMPIÃO seja um jornal que obedeça ao princípio do prazer freudiano, as suas matérias de uma maneira geral reforçam um Sistema de Valores e ideais autorizados pelos agentes da sociedade. O que eu sinto no LAMPIÃO é um princípio de redução da tensão, *posto que há agora um canal de identificação, um canal de conforto que reduz a energia desesperada das bichas, numa completa catarse apolínea (os operários do Metrô carioca também reduzem suas tensões sociais no Cinema Iris e isto não está no filme* A Queda, *que LAMPIÃO cantou em prosa e verso). Eu queria mais: eu queria um PRINCÍPIO DE REALIDADE ANGUSTIANTE E DIONISÍACA; e não estou me posicionando contra a identificação que o jornal possibilita, isto é só o que eu quero; mas não a identificação estável tipo Antônio Chrysóstomo, João Antônio e Gasparino Damata, revestida de um infantilismo intelectual com uma evidente introjeção machista que nem o Francisco Bittencourt escapa. O Adão é uma flor inculta e bela, só. O Peter Fry é um decano campinista muito mais interessado nas suas investidas universitárias que em lampionices pouco antropológicas. O Clóvis ainda tem muito a aprender com Pasolini e Viscounti, e por que não com o Bernardet? O Darcy Penteado só atuará quando aprender a dor do grito do burguesão de* Teorema. *A omissão de Jean-Claude Bernardet é constrangedora em todos os sentidos. Onde estão os rasgos de lucidez de Aguinaldo Silva, como aquelas de seu depoimento a* Isto é *(A Questão Homossexual)? O João Silvério Trevisan, este sim, tem sido de uma combatividade contundente, gerando identificações nada estáveis. Trevisan é Cruel e é por ele que eu dimensiono o LAMPIÃO que pode vir a ser, pelo menos até o momento.*

Acho também que o Conselho Editorial precisa discutir suas posições dentro do jornal, para os leitores (não simplesmente através de seus artigos, mas de uma mesa redonda, sei lá). E isto é a maior importância. É preciso também criar cismas, acabar com a manutenção do status quo *de bicha assumida e erudita que não precisa de ninguém nas suas investidas intelectuais, como se lhe fossem tomar o* caso. *Não deixa de ser! (Taí uma das maneiras do exercício do poder). Não esqueçam que o LAMPIÃO também é nosso, que não entramos com o capital para sua implantação, mas que o mantemos vivo de uma maneira ou de outra.*

Tratem de pôr em crise em profundidade a FALOCRACIA que La Bengell denuncia em sua entrevista (via Foucault!). Para encerrar esta decomposição nanica del nuestro nanico: *os desenhos publicados no "recanto de poesias e contos" não corresponderiam ao homossexualismo angelizado — muito mais até do que idealizado?*

Gide Guimarães

Rio de Janeiro

Perfume de gardênia

Caríssimos, acabo de ler o nº 2, melhor ainda que o primeiro. Só precisam, com urgência, dar uma "produzida" no visual, capa principalmente.

1 — Escrevo para endossar a carta do Sr. Schorr, que colocou tão claramente a questão dos preconceitos aqui no Sul. E, muito principalmente, para reforçar o pedido dele de que o jornal evolua nesta linha, sem se afogar em plumas. O brilho dos paetês não deve ofuscar a chama do LAMPIÃO. Céus! Agora eu fiquei apoteótica.

2 — O gueto dentro do gueto? pressinto em algumas estrelinhas, uma certa tendência a discriminar uma parcela que talvez seja a mais necessitada de atenção e a mais alijada, inclusive social, cultural e economicamente, a que o Sr. Ferreira chama de "bichórdia" de uma forma tão cruelmente pejorativa. Não creio que o jornal assuma esse tipo de "luta de classes", porque estaria, no meu entender, anulando boa parte do esforço de acordar o homo brasileiro.

3 — A melhor coisa que li nos últimos tempos é o artigo do Sr. Trevisan (um produto novo na praça). Uma pena que grande parte dos homos não se dê conta de coisa tão claramente perigosa e dúbia. Muito oportuno o artigo, e objetivo. Definitivo. O ensaio também é ótimo, o Sr. Trevisan é ótimo e o livro dele, que ainda (imperdoável) não li, também é ótimo. É, sim.

4 — A respeito da matéria sobre o triângulo da badalação (LAMPIÃO nº 1): é claro que o autor não pretendeu fazer nenhum "Relatório Chrysóstomo", o que levaria séculos de pesquisa, questionários e muita calçada, mas esperava que a matéria fosse mais profunda, o que ela contém nós já sabíamos. Agora o que interessa, pelo menos a mim e parece que também ao Sr. Laércio M. S. é o que está por trás da maquilagem, do deboche, do riso fácil ou da gargalhada cortante. O que se passa nos corações e mentes dos garotões e clientes? Até que ponto estas pessoas questionam sua própria humanidade? O que sente a bicha-consumo quando despe o sonho? Sabemos que há muito pouco de alegre na vida guei (na vida, em geral).

Talvez eu esteja sendo indiscreta. Ou cruel. Mas desde que Maria Bonita se propõe a escrever para LAMPIÃO, é melhor que não esconda suas dúvidas. Maria Bonita quer conhecer melhor LAMPIÃO. Pra não ser, também, mais um fator de opressão. Pra entender claramente o que se passa na sua cabeça e no seu coração. Por que Maria Bonita dá a maior força pra que LAMPIÃO transe com Corisco, mas quer compreender, sem dor, porque às vezes LAMPIÃO tem medo dela. E foge, sertão, campina, planalto, pampa, avenida, concreto, calçada afora?

Maria Lídia Magliani

Porto Alegre — RS

R. — Teu papel de carta perfumado fez furor em nossa redação, Maria Lídia. Huhm! Vamos por partes: 1) A tal discriminação, se há, a gente vai acabar com ela, nem que seja comendo os próprios dedos. 2) O Trevisan é uma graça. 3) Chrysóstomo vai atacar outra vez, aguarde. 4) A gente também quer acabar com essa história de LAMPIÃO fugir de Maria Bonita. Transar é o verbo; cada um na sua, se possível em todas (nosso primo, o Corisco, não está com nada...). Sua carta foi séria concorrente ao título de mais simpática do mês. Só perdeu para a de Aristóteles Rodrigues (vide nesta seção) porque ele nos chamou de (ai, que másculo!) jornalzão...

Termas Flamengo

Vapor
Forno seco (sauna)
Massagem
Piscina

Diariamente, das 14 horas às 2 horas da manhã

Rua Corrêa Dutra, 68-A — Rio de Janeiro

285-0197

Mais climas e alegrias

Meu caro Chrys: acabo de ler sua matéria sobre os caubóis do Rio. Escrevo pra te dizer que achei muito boa. Meu Deus, enfim uma matéria sem sociólogos, sem psicólogos e sem filósofos. Simplesmente crua, nua — o que não significa inhumana, muito pelo contrário. Tá amorosa, emocionada, olé, caliente!

As bichas precisam tomar cuidado para não ficarem sérias demais, estandárticas, que nem certas feministas. O humor é indispensável, e ele rareou nos três exemplares do LAMPIÃO que andei lendo misturadamente. Talvez porque se trate de gente muito magoada pela vida e por seus (des) semelhantes, com uma carga de revolta tão forte quanto é a repressão, trata-se de um jornal muito triste. Eu acho. Bicha também ri, gente.

A parte de ilustração eu achei muito fraca. Podia abrir mais as fotos, menos bonecos. Mais climas nas pictures. Desenhos menos figurativos — acadêmicos até — e mais ilustrativos, sabe como? Quanto aos textos, tudo bem, tem que ser essa salada mesmo. Abram espaços para as cartas dos leitores, nelas encontrareis preciosas pautas para trabalho e para meditação pessoal. Estendam generosamente aos leitores essas verdades de cada um.

Tenho uma última observação: achei o jornal muito casto. As monjas podem ler LAMPIÃO numa ótima. Eu sou por uma certa pimentinha. Cá e lá, vocês sabem onde. Afinal, se a sacanagem é geral, por que não no LAMPIÃO também? Ser bicha não é só padecer não — eu acho. É muito prazer também. Ou não haveria tantas. Um abração pra você e pra moçada aí da redação.

José Márcio Penido

São Paulo

Poetas e impacientes

Venho por meio desta parabenizar-lhes pelo que de bom vêm fazendo por esta minoria de milhões em todo o mundo. Negam, gritam e ela existe, e é um fato real, concreto e persistente. É a vida que nasce, chora, ri sofre, é gente... Quero também cooperar com os senhores com publicações de poemas meus, os quais, se interessarem, autorizo a publicação sem que me traga quaisquer fundo monetário, quero apenas expor minhas criações. Caso não lhes interessem, gostaria que os guardassem com carinho, como um presente de um amigo. Gostaria de saber como se processa a aquisição dos livros que se encontram em exposição neste jornal.

Edílson Fernandes

Assu — RN

Pô! Tô chateado pacas, pois mandei uma colaboração e um pedido de livros de Gasparinos e vocês nem tomaram conhecimento. Será que vocês esqueceram? Ou será que o meu poema é tão ruim que nem merece um comentário? Por favor, pelo menos me mandem os livros, tá legal? Abraços.

Mário Sérgio de Oliveira

São Paulo — Capital

R. — As poesias, Edílson e Mário Sérgio, estão sendo devidamente cheiradas. Aguardem. Quanto aos livros que o primeiro quer saber como receber, é só mandar o pedido e nós enviamos pelo reembolso. No caso do Mário Sérgio isso não foi possível porque os dois livros de Gasparino que ele pede estão esgotadérrimos.

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

Quem está com a bandeira?

Alô, pessoal: acabei de ler o nº. 3 do LAMPIÃO da Esquina e resolvi, por fim, escrever para vocês (digo por fim porque tenho acompanhado o jornal desde o nº. 1 não consegui o n.º zero), dissecando-o linha por linha. e a vontade de escrever vem desde o começo. E essa vontade é pelo fato de querer dizer que achei incrível a iniciativa do jornal, achei de uma força total, nesse momento em que o que pintou por aí, embora tendo o valor do pioneiro (nesse sentido: jornal guei), mostra uma força de ver e absorver as coisas com a qual não concordo — por exemplo: querer resolver o. problema da marginalização do guei criando um cinema-guei, um lápis-guei, barbeador-guei, etc. — guei, ou seja, marginalizando, não é?

Então acho que esses jornais abriram realmente uma brecha, que foi muito oportunamente (não oportunisticamente) preenchida por vocês. O primeiro ponto que me diferenciou este dos outros, em termos inclusive do meu interesse por ele, foi o fato de não ser um jornal-guei para *gueis* e sim para *pessoas*, sejam o que forem; é onde eu já sinto a *não-marginalização* partindo de dentro, a atitude firme e certa de quem está dando o recado, vocês, no caso. E sendo assim, é um jornal que pega no pé dos "radicais" de cá e de lá, da esquerda-moralista, que é aberta até certo ponto (é) e das bichas cuja profissão é ser bicha, cujc sonho de vida é ser bicha, para quem não existe nada além disso (não sei se fui claro). E evidentemente, atinge toda a gama de variação de pessoas que existe aí, de pólo a pólo, porque levanta os problemas mostrando sua intrínseca relação com tudo, ou seja, com o que há de comum na vida de qualquer pessoa.

Quero dizer que não concordo com as críticas feitas pelo "grupo de homossexuais" de São Paulo (nº. 3), que fez lista . apontando falhas e tal. Não concordo a partir do espírito da coisa; me soou como críticas de literatura (ou de música) reunidos, lá no Olimpo, dizendo o que está bom e que não está (aliás, só disseram o que não está — para eles, é claro). Depois, que se prenderam em detalhes idiotas, e disseram coisas que só podem ter sido ditas por falta de atenção deles, tais como: "os artigos são superficiais" (não devem ter visto artigos de outros jornais-gueis, que ficam o tempo todo falando do que vão falar mas não falam); "não há explicação sobre a ausência do artigo sobre a Copa" — tá lá, eu vi e achei porreta a explicação. Bem, o que mais me encheu o saco na tal carta é que, me parece, eles não gostaram de nada, ou não enxergaram os pontos positivos do jornal. Aquele papo de "parece que estamos lendo Movimento" é de morrer, não? No mínimo eles esperam um jornal como aqueles antigos cartões do dia-dos-namorados, dos quais saltavam flores ao se abrir

(...) Algumas coisas de que gostei: achei o nº. 2 bastante forte, gostei muito do artigo sobre a Convergência Socialista — é uma velha briga minha nos meios do M. E.. Gosto muito do fato de haver artigos sobre as "outras minorias" (mulheres, ecologia e tal), e espero que continue a haver (índios é um assunto incrível, não?). Achei muito importante o realce que se esta dando para a visão dos marginais a respeito da sociedade e do mundo (p. ex.: o artigo "Esta zona vai acabar", muito bom). E uma vez chegando nesse assunto, quero aproveitar para falar umas coisinhas que eu acho sobre mundo guei e coisa e tal. Quando penso nos grupos marginalizados, de uma forma geral, sempre acho que o fato de um indivíduo ou grupo sofrer esta pressão, esta marginalização pela sociedade, pelo sistema, é um fator importante no sentido de que ele (eles) vai ter mais condições (do que uma pessoa que não sofra isto) de perceber outras contradições da sociedade; e que, no fundo, são a mesma coisa, têm a mesma raiz.

Mas me parece que existem certos grupos, dentro da classe guei, onde isso não ocorre. Vejamos: prá início de conversa, essa tal "classe" é totalmente dividida, existindo aí diversas "categorias", tais como "entendidos", "viados", "bichas", "homossexuais" e outras menos cotadas. Está claro que essas categorias não existem como coisas fixas, mas são estereótipos criados por preconceitos de pessoas de dentro da "classe". Os "entendidos" (aí falo de pessoas que se denominam assim) são via de regra, pessoas pertencentes à classe média (embebida dos preconceitos burgueses), e que se recusam a ser chamados de bicha — "bicha é diferente". Existem mesmo alguns que chegam ao cúmulo de se achar (se portam como tal) seres especiais, talvez relacionados com forças transcendentais-extra-terrenas!

(...) E voltando àquele ponto da visão crítica da sociedade, estes mesmos entendidos" o que fazem? Têm, para si, este valor sexual "invertido" e assumem todos os outros valores do sistema, da sociedade vigente. Então é como o casal de rapazes que vi numa festa, onde um apresentava o outro à dona da casa (todos muito "abertos" e "liberais"): — Este é meu caso. Moramos juntos há tanto tempo...

(...) Por outro lado, há uma outra categoria de gueis, aqueles que irritam e enojam os entendidos: as bichas, aquelas mesmas que há não sei quantos anos atrás já perambulavam pela São João e Ipiranga. Também, via de regra (há exceções) são pessoas originárias de uma classe social mais baixa e oprimida, onde as artificialidades da burguesia não atingiram tanto os preconceitos não se arraigaram tanto, e nem há tantas informações culturais, de padrões e valores que possam criar uma estrutura capaz de agüentar por mais tempo a repressão vigente. Então são aquelas que sonham com ser Brigitte Bardot e partem com tudo prá isso. Eu quero aqui lembrar que essas aí foram as pioneiras, as cuspidas e repudiadas, que impuseram, dada sua ousadia, a existência do homossexualismo à sociedade. Quer dizer, as pessoas são obrigadas a ver que existe, não é fantasia. Isso beneficiou inclusive os "entendidos", que tanto repudiam essas bichas. Então, quem é que está sendo revolucionário nisso tudo? Quem é que está contribuindo para a modidicação do atual estado de coisas?

Iso Fischer

SAO Paulo - Capital

Um engano lamentável

(...) Bom, mas o negócio é que eu estou achando boboca essa rixa com a esquerda. Achei o texto do Antônio Chrysóstomo no nº 2 tremendamente boboca. Além de não servir a propósito algum, foi descortês e alienado. Alienado porque misturou tudo e fez uma "salado paulista" para impressionar os menos avisados. Eu concordaria que vocês tomassem essa posição se nós vivêssemos numa democracia burguesa (tipo USA ou capitalistas europeus), mas essa posição dentro de um regime como o brasileiro é tremendamente desagradável, para se dizer o mínimo.

Acho bom vocês manerarem a língua pois senão seus leitores serão somente aqueles iguais ao Carlos Quebec (Cartas na Mesa, LAMPIÃO nº 3), um baluarte (mais um) da direita reacionária. Ou então, ao lado de um "reacionário" (Antônio Chrysóstomo) publiquem o artigo de um "progressista" para contrabalançar a coisa, para que seus leitores não fiquem com uma visão só da direità..

L. C. A.

São Paulo __ Capital

R. __ Depois de levar essa saraivada de bofetões, Chrysóstomo levantou-se e nos perguntou, sem entender nada: "Mas o que foi que eu fiz?" Acho que você andou lendo outrc jornal, L. C. A., pois no nº 2 o Chrys não escreveu nada. Qual é a sua?

Ainda o auê das palavras

Fui um dos que, após a edição do nº 2 de LAMPIÃO da Esquina, escreveram a vocês com o intuito de chamar a atenção para o crescente uso, em seu já conceituado mensário, de termos comumente empregados pejorativa e discricionariamente por pessoas preconceituosas em relação ao homossexualismo.

Quanto ao termo guei, achei inteligente a idéia, mas quanto aos outros (bicha, boneca, etc.), continuo achando inoportuno e inconveniente o uso dos mesmos pelo jornal. Mais explicitamente, a palavra, isto é, o significante, traz consigo algo bem mais amplo que é o seu significado, isto é, o conceito pela maioria das pessoas, no caso em foco. A meu ver, usar os mesmos termos que a sociedade machista usa para marginalizar a classe homossexual contribui para que os mesmos permaneçam arraigados na mente de nosso povo. Acho que quando algo se encontra já consagrado pelo uso, ainda mais de maneira deletéria, como no caso em foco, devemos usar a nossa imaginação e capacidade criadora para substituí-lo por algo novo. Falando em termos de língua, a única maneira de se fazer com que o uso de um determinado termo tenda a desaparecer, é criando-se e difundindo-se um novo termo, tendo-se cuidado para que o mesmo não receba a conotação do primeiro. Entenderam o que eu quero dizer?

Não adianta vocês usarem determinadas palavras com um propósito, se aqueles que as recebem, os leitores em sua maioria, já estão habituados a vê-las de uma outra forma. Acho que isso só poderá fortalecer esteriótipos e nunca liberar realmente as pessoas oprimidas por sua condição de homossexual. Não devemos aceitar o anátema que a sociedade nos lança, como coisa irrelevante, pois é da luta contra o mesmo que poderemos abrir espaço para uma luta mais ampla que é a afirmação da livre expressão de nossa bissexualidade na sociedade..

Alfredo Rangel
Rio de Janeiro

R — Olha, Alfredo, a gente continua mantendo nossa posição sobre o assunto. Não é por falta de uso que as palavras morrem, não; elas só morrem e, portanto, deixam de ser usadas, quando perdem o sentido. Para isso é preciso ir até o fundo das possibilidades de cada uma, esmiuçá-las, esgotá-las. No nosso caso particular, essa preocupação com as palavras também inclui um mergulho profundo nas nossas possibilidades; é preciso ter consciência, inclusive, de que essa "livre expressão" de que você fala, não é através de LAMPIÃO que vamos consegui-la, já que este é apenas uma esfinge que devora a si mesma. Vamos passar um dever de casa pra você: medite sobre os vários significados que nos últimos anos teve a palavra democracia entre nós, e depois nos escreva sobre isso.

Psicologia do folclore

Oi, gentes *boas! Inicialmente, quero uma assinatura do LAMPIÃO. O cheque está indo em anexo a esta. Em seguida, quero cumprimentar vocês __ e espantado, admirado, contente, feliz __ por ver uma classe assumindo seu lugar histórico, depois desses séculos de intolerância (auto e hetero) e trevas sôbre o homossexualismo.*

Agora, uma crítica: não creio que haja qualquer coisa errada quanto ao folclore homossexual (ou estou sendo ingênuo?); afinal, tudo tem folclore, e Sebastião Nery tem faturado os tubos com o dito político do Brasil; os brazilianists têm é faturado com o folclore histórico brasileiro; machismo tem folclore; alemães têm folclore; judeus, idem; americanos, franceses, prostitutas, nenéns, babás, velhos, carteiros, jardineiros e os eteceteras da vida. Por que *homossexuais, gueis, bichas, maricóns não podem tê-lo? No final das contas, plumas e paetês também têm sua vez e sua hora __ o segredo é dosá-los bem, pô!*

Terceiramente, queria saber se eu poderia obter um exemplar do número zero de vocês; fui descobrir o jornalzão já no número dois, e esses pude obter. O zero não deu. Dá pé?

Voltando à crítica, senti o jornal pesado, sério demais; ou é ideologia planejada (engrossar, para depois, respeito obtido, poder também brincar), ou é o defeito do pessoal quando quer levar um assunto a sério (exagerar o tom). De qualquer modo, queria um esclarecimento de vocês, tá legal?

Ainda queria saber qualé a do João Silvério Trevisan, no ensaio "Estão querendo convergir. Para onde?": não entendi se ele defende o sistema capitalista, socialista, ou os dois, ou nenhum. Senão, vejamos: "A mulher operária que, indiretamente, garante a estabilidade da mais valia: o patrão não precisa pagar a jornada de trabalho inteiramente gratuita que ela exerce dentro de casa, cuidando do lar e dos filhos, e servindo (via de regra) como objeto sexual para revigorar o macho, a mulher proletária permite que seu marido tenha disponibilidade total para a produção". Então, eu queria saber se Trevisan está defendendo as benesses do sistema capitalista, ao defender uma de suas contradições e, por conseguinte, querer que ela seja resolvida, ou, intelectualoidemente (o que não acredito), apenas denuncia a contradição e deixa que o operário __ em regime de autogestão __ a use. Dá para esclarecer?

Mais coisas que eu escrevesse, do tipo "não sou homossexual, apenas estou do lado de vocês", faria um gênero que não me agrada; fica apenas o registro que estou aqui, sou psicólogo, podendo ajudar estou às ordens e se precisar de ajuda eu peço correndo.

P. Ss.: 1) Psicólogo também tem folclore; 2) O que não está criticado está elogiado; o gênero é excelente! 3) Gostaria de, eventualmente, colaborar no LAMPIÃO, dentro da minha especialidade. Dá?

Aristóteles Rodrigues
Rio de Janeiro

R. __ Claro que você pode colaborar, Aristóteles. Vamos até aproveitar e passar uma pauta pra você. É o seguinte: um dia desses aquele famoso reflexologista, o Dr. Maurício Schueler Reis, voltou a falar do seu tema preferido: o homossexualismo como prova da decadência das civilizações e, principalmente, do sistema capitalista. Ele disse que quando uma civilização está naufragando, o primeiro sinal é a proliferação de bonecas, que surgem voando em todas as direções como verdadeiras formigas de asas.

Tanto __ acrescentou __ que em sociedades novas e progressistas como a da China o homossexualismo não existe. Nós, pessoalmente, achamos que o Dr. Schueler não pode falar de China sem ter ido lá, e menos ainda de homossexualismo sem ter dado uma passadinha pela Via Apia. Agora você, que é psicólogo e tem, portanto, uma especialização (cruzes!) que nós não temos sobre o assunto, quer escrever um artiguete explicando que cruzamento esquisito é esse de Rosa de Luxemburgo com Suzie Wong (o travesti) e mais o cachorrinho (castrado, naturalmente) de Pavlov? Escreva que a gente publica, tá? Sua carta foi considerada a mais simpática do mês. Chamar a gente de jornalzão, é a glória! Os rapazes do "Versus" vão ficar despeitadíssimos...

Aguarde:
"Histórias de Amor"
da Esquina

LAMPIÃO DA Esquina

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

CARTAS NA MESA

Notícias do faroeste

(...) O jornal aqui no Sul está tendo problemas; há gueis que não o aceitam. Alguns dizem que esse tipo de formação de grupos minoritários é forçar a barra e que se deve deixar as coisas acontecerem naturalmente. Eu não entendo essa de deixar as coisas acontecerem naturalmente. Se nós, que somos minoria em desvantagem, não fizermos nada, os acontecimentos não virão ao acaso.

(...) Em São Leopoldo, sob o ponto de vista guei, não há ambiente para nós. Primeiro por ser muito próximo de Porto Alegre, e o pessoal, para não se molestar, prefere deslocar-se para lá. Sendo, os próprios homossexuais aceitam a idéia de que não há ambiente e condições. (...) Se eu me transpor para Caxias do Sul a coisa piora. Lá onde nasci e me criei ser homossexual é fazer parte do último degrau da condição humana; e para dizer a verdade, Caxias, tão famosa no cenário nacional, aceita mais um criminoso ou assassino do que o homossexual.

(...) Nos locais ou cidades do interior onde há uns ou alguns entendidos ou gueis, que ambientes freqüentar? O que fazer quando se entra num ambiente hetero e se é linchado? Isto é comum acontecer em Caixas apesar de uma grande população e de uma quantidade grande de gueis. Como podemos conseguir algo se não somos unidos, não nos ajudamos?

Em meio a tantos preconceitos é natural que passe a dominar uma atmosfera doentia onde os próprios homossexuais passem a aceitar-se assim; então surgem as transas com heteros, onde entra também a coisa do dinheiro. É comum acontecer por aqui, quando há transa com hetero, apontarem arma de fogo caso não se ofereça dinheiro. É preciso deixar claro que quem faz este tipo de papel não são marginais, mas sim pessoas da própria sociedade hetero. O problema maior é quando em meio a isso tudo a própria polícia tira proveito da situação em favor da maioria considerada normal. Se milhares de acontecimentos ocorrem em dois pequenos lugares, o que não acontece nos subúrbios das grandes cidades, no longínquo sertão ou quem sabe no interior da Amazônia, ou Mato Grosso, etc.?

J. C. L.
São Leopoldo — RS

R. — É, J. C., a gente sabe o quanto a barra pesa por estes sertões; pesa tanto que Guimarães Rosa foi obrigado a transformar o pobre Diadorim em mulher, pra que o pobrezinho não fosse linchado. Mas olha, deve ter muita gente, pelos interiores, pensando como você. E isso já é o começo de tudo, não é? Esse pessoal de Caxias, que horror! Diga a eles que no nosso Conselho Editorial, de onze pessoas, três são gaúchos de cabelos nas ventas.

O povão, onde está o povão?

Vou ser franco: não gostei do jornal de vocês. Digo de vocês porque não acho que ele seja de toda a classe. É meio metido a intelectual, tem pretensões. Até aí tudo bem, porque tem muita boneca por aí bancando a sabichona, indo a concerto na Sala Cecília Meireles de nariz emproado e lencinho na lapela. Mas e o resto? E o povão? Eu acho que vocês deviam fechar mais com o bicharéu, para não parecer um jornal muito elitista. Afinal, vocês podem ser até todos muito granfinos, mas o jornal não pode dar bandeira sobre isso. Onde estão os travestis? Por que não tem uma no conselho de Lampião? Só tem professor e artista? Que democracia é essa de vocês, onde o povo também não vota?

E ainda tem uma coisa. Tem uns artigos publicados no jornal, meu Deus do céu. É como se vocês estivessem dando aulas pra gente. Atenção, meninas, aprendam com a gente, que nós sabemos tudo. Assim não dá. Fiquei meio puférrimo com isso. E não adianta vir com essa história de Rafaela Mambaba prá cima de mim. Eu sei que ela não existe, vocês inventaram uma pessoa com esse nome pra mostrar o lado descontraído de vocês, do qual vocês se envergonham. Que coisa podre!

J. C. L.
Recife — PE

Sobre jornais caça-níqueis

Quero agradecer a vocês pela minha carta ("Lendo o nº zero). Espero que se abra maior discussão sobre a questão dos rótulos, tão comuns em nosso meio social.

Chamo a atenção de vocês para as publicações que vão para as bancas como "gueis". Estes dias me mostraram uma, chamada "Jornal do Gay", de São Paulo, à venda nas bancas do Rio. É uma forma de desmoralizar qualquer coisa séria, pois o assunto é tratado na base de total irresponsabilidade, visando apenas à exploração do mercado consumidor. Isto se agrava com o desconhecimento e falta de crítica dos próprios homossexuais, que compram tais publicações por achar que estão divulgando o tema.

Aliás, os homossexuais brasileiros confundem as abordagens sérias do assunto com outras em que a presença do homossexual é apenas acidental, caricata ou preconceituosa. Assim, peças e filmes que, de algum modo, se refiram ao homossexualismo, são considerados "entendidos", sem que se questione como o assunto é tratado. Ainda se vê a figura do homossexual como ave rara, objeto de curiosidade. E o que é pior: sua sexualidade é a única justificativa de sua presença em tais peças e filmes.

O filme Norman... é ou não é?, exibido no Rio, é um exemplo disto. Apesar de interessante e engraçado, etc., é preconceituoso. A peça, inclusive, foi muito melhor (Freud explica. Explica?) em sua montagem brasileira, especialmente pelos desempenhos de Jorge Dória e Luiz Armando Queiróz. Lembram-se da antológica cena do Dória explicando os livros que comprara? Valia a pena lembrar este trabalho e elogiá-lo.

Não pretendo que tais espetáculos deixem de ser vistos. Alguns inclusive apresentam um bom nível, mesmo como sátira, mas não devem ser confundidos com abordagens sérias, estas sim, de maior interesse ou "entendidas", como preferem alguns.

Sobre o jornal: continua excelente. Muito bom o fato de falar de assuntos variados. Acho apenas que está sério demais, talvez pela preocupação de não conceder. Em "Tendências" acredito que se poderia incluir uma seção sobre discos e música popular. Se desejarem, eu poderia colaborar neste assunto, que creio que algo de que entendo, especialmente sobre música brasileira. Apenas estou me colocando à disposição pela vontade de colaborar de alguma forma, aquela que posso, sem compromisso.

O jornal não foi lançado no Rio com o mesmo ritmo que em São Paulo, eu acho. Estive no Casanova e, falando sobre LAMPIÃO, quase todos desconheciam. Seria bom fazer uma reportagem lá, pois poucos sabem que os travestis como Vera Borba e Laura, que sustentam o show da casa, o fazem quase exclusivamente pela vontade de fazer. Sugiro uma reportagem sobre o Casanova, seus travestis, seus freqüentadores e até sobre a divulgação de cantores, compositores e candidatos que lá comparecem para promoção pessoal. Além do ambiente em si, já quase extinto da paisagem do Rio, principalmente da Lapa.

Carlos S. S.
Rio de Janeiro

R. — É, Carlos, os jornalecos caça-níqueis vão continuar aparecendo por aí. Agora mesmo saiu um tal "Gay Magazine" anunciando nus masculinos, imagine. Ele é vendido dentro de um saco plástico, você paga 20 mangos e, quando abre o invólucro, descobre que não tem nu coisa nenhuma. Quanto à uma possível colaboração sua, nossas páginas estão abertas. Mande, que o conselho lê e, se aprovar, publica. Sobre a boate Casanova, estamos pensando em fazer uma matéria sobre o local e seus freqüentadores. A Lapa infelizmente não existe mais. Transformaram aquele local transbordante de vida naquela praça que mais parece uma paisagem lunar.

Thermas Danny

Saunas e bar

Rua Jaguaribe 484
Telefone 667101
São Paulo

Luiz Gonzaga Modesto de Paula
Advogado
Avenida Senador Queiroz 96/10º — S. 1006
Telefones: 2282264 e 2275173
São Paulo

Faça de LAMPIÃO da Esquina o seu jornal. Assine agora.

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott

LITERATURA

A dona boazuda

Pedro Hilário

Vou até ser franco com vocês. Pois, quando eu vi a tal boazuda parada ali naquela esquina, me arrepiei que nem galo de briga e só faltei cair duro pra trás, no que ela atravessou a rua e fez um sinalzinho assim pra mim. Aí, que fiquei foi doido de vontade! Então não?

Cheguei perto, nem tenha dúvida. De mão no bolso é que fui chegando, acendi logo um cigarro, fiz pose e tudo pra dirigir a palavra, me deu vergonha de estar com os pés sujos de lama, mas ela foi tão preciosa comigo que nem se impressionou com isso. Outra, arredava de nojo.

Botei ela cá pra dentro do cercado e ficamos bem debaixo da placa da construção, atrás daquele guindaste amarelo ali. Ficamos lá no desfrute, no achego, no cheiro, porque se a gente ficasse em outro lugar, qualquer taradão aí de vocês ia ver e querer. Então, não?

E tratei ela no carinho. Se pedia pra beliscar, eu beliscava. Se queria que eu arranhasse, eu arranhava. Fiz tudo o que pediu, mas na minha vez de pedir o presentão, negou. Pedi pra tirar a roupa todinha, até as íntimas tirasse, mas se fez de arisca e disse "não".

Aí, pensei cá com os meus botões que aquilo ia ter de ser na surpresa, comecei a dar beijo na dona pra deixar ela tonta e, quando já tava bem crespa de arrepio, eu... zás!... arranquei a calcinha. Mas ali no escuro não dava pra ver. Levei a mão. Nem vão acreditar no que eu segurei.

Pois a boazuda era um tremendo de um macho igual a mim, que nem vocês mesmo. Ah, ora que?! Dei-lhe uma surra, bati pra valer, pra ensinar o safado a tomar vergonha na cara. Nada de reagir, só fazia chorar, a pintura lambuzou pela cara toda e, com sinceridade, fiquei tomado de pena. Então, não?

Me agachei, aí já com remorso, peguei o safado pelo braço e fui levando lá pra bica d'água ali perto do alojamento dezesseis, e lavei ele todo, porque tava todo sujo de tanto cair na lama durante a pancadaria. Depois, fomos pra trás do guindaste de novo e ajudei ele a botar a roupa.

Mas continuava a chorar de medo que ficou de mim. De vestido, tinha virado mulher igual a antes, ficou mais mulher ainda com batom e pintinha de lápis preto na bochecha. E arrumou o cabelo no final de tudo. Aí, fiquei vesgo, vocês nem imaginam, pois fiquei vesgo pela dona, ela toda assim boazuda na minha frente.

Me arrependi de ver a tal de cabeça baixa, ajeitando a pulseira de figa, sem coragem de me olhar na cara, na certa com receio de que eu começasse a bater de novo. Fiquei achando que eu tinha sido mau com ela, porque ela tinha se agradado de mim e me beijou e me chamou de "amorzinho".

Fui por trás, peguei nos peitos — cada bolotão! — e ela encostou já sem medo, pedia, queria, a boca abertinha. Ah, meu camaradinha, fui que fui e ela gostou que gostou! Quando acabou a festa, vesti ela, cada palmo de coxa eu beijei doce.

E não foi só isso, não, porque eu não sou homem de correr da verdade. Se tinha machucado a coitadinha, agora tinha de pedir perdão também. Ela só ia parar de ter medo com um beijo bem gostoso, bem babado de carinho. Isso, entendi logo e, aí, foi justamente isso o que eu fiz com a boazuda.

Se falo desse jeito, aberto assim com vocês, é porque, de início, disse que ia ser franco. Se tivesse de contar pra outro pessoal, claro que não ia ficar me abrindo, contando cada coisa mais íntima que a outra. Esse tal do beijo de perdão não é pra se contar pra qualquer um, não. Vacilei: se contava, se escondia.

Mas, tá aí a verdade, seus paraíbas bobos, se é que vocês queriam mesmo saber. Então, ontem de noite, quando entrei no alojamento da gente todo suado, será que ninguém desconfiou de que eu tava na farra? Era só olhar prás minhas pernas bambas, pernas de cavaleiro cansado dos corcovos de égua.

E, olha, não tô nem um pouquinho assim arrependido. Tanto é que dei pra ela aquele meu chaveiro de pé de coelho que, além de guardar chave, também dá muita sorte. Dei de agradecido que fiquei pelos carinhos da tal, pois foi tanto carinho que ganhei, que lembrei da mulher lá em casa. Me apertei de saudade.

Tô dizendo isso que é pra vocês saberem o tanto que fiquei gostando daquela. Pois lembram que não dei o chaveiro nem pro mulato do dente dourado, quando me venceu no jogo de cartas? Ficou avesso comigo, mas não dei, não ia dar, porque é herança do pai.

Mas dei pra ela, que mereceu. Pois tá aí a verdade pra vocês saberem porque cheguei tarde no alojamento. É que fiquei com ela. Já tava quase dormindo de tanto olhar pr'aquela dona pelada que a gente pregou no teto pra ficar olhando enquanto se satisfaz. Depois, enjoei e saí pra tomar uns ares.

Parece até que Deus queria aquilo tudo. Eu tava um bocado nervoso, não de aborrecimento, mas de necessidade de mulher. Fiquei perto de onde está o trator agora, com a mão no bolso, tentando amansar o colibri dentro da gaiola dele, mas bichinho dava cada pulo, que a calça tava parecendo um circo armado, com o mastro bem teso.

Foi aí que olhei na direção da rua e vi a preciosa, a doçura, aquele mimo de mulher. Ah, ia me esquecendo de contar um detalhe! O nome dela, sabem qual é? Pois me disse "me chamo Maria Rosa, amorzinho". Agora, não vão rir que me aborreço. Pois Maria Rosa era o nome da cabrinha que me deu o primeiro gozo lá em casa.

É seus paraíbas, é verdade isso, a vida tem dessas prosopopéias com a gente. Cambada de despeitados é o que vocês são. Pra que tanto riso, heim? Não vão me dizer que nunca freqüentaram uma cabritinha, hein? Quando a gente tá a seco, qualquer cachaça serve... e a gente bem que gosta. Então, não?

E essa minha de ontem foi assim também. Eu tava necessitado, ela apareceu, eu quis, ela quis, a gente fez. Ué, e tem problema isso? Não tem problema, não senhor. Os outros é que dizem que tem problema. Problema pra mim é ter de enfrentar aquela britadeira de manhã à noite, cheio de dor de cabeça, dor no lombo, calo no dedo.

A gente até esquece que é gente, a gente até esquece que é homem, porque a britadeira maltrata demais cada osso e cada pedaço de carne e deixa gente sem ânimo de pensar e de fazer as coisas gostosas da vida. Mas eu não acredito quando dizem que é problema beber de qualquer cachaça, não. Bebi e gostei. Então, não? A mulherzinha de ontem me provou isso muito bem provado, porque, quando acabei, deu um arrepio da cabeça aos pés, me chegou a correr água dos olhos depois de tudo bem feito, da maneira mais gostosa mesmo. E caí pro lado, daquele jeito todo largado, e ouvi da tal: "Foi tão bom, amorzinho". Mais um prazer ouvir isso.

Tá rindo do que você aí? Pois eu já não disse que não era pra rir que eu me aborrecia com o sujeito? Então, que pare de rir. Eu tiro os outros por mim, sim senhor, porque sou igual a todo mundo e todo mundo é igual que nem eu sou, assim desse jeito mesmo. Quero ver quem ia ficar quieto com uma belezinha daquelas por perto. Melhor que cabrita, melhor que muita mulher, mesmo dessas que a gente paga.

Por isso, dei meu chaveiro de pé de coelho pra boazuda, a que me chamou de "amorzinho" uma porção de vezes, bem aqui no pé do ouvido, de uma maneira que minha mulher só me chamou quando a gente tava de namoro.

Agora, se não acreditam nessa minha felicidade da noite de ontem, aí é que eu desafio qualquer um a ir lá na minha cama pra tirar as provas. Pois vão ver o que eu botei na cabeceira, entre o retrato da família e o de São Jorge. Tá até suja de lama a calcinha que ela me deixou de lembrança. Então, não?

Centro de Documentação
Prof. Dr. Luiz Mott